

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
CURSO DE MESTRADO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EM AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM

MÁRCIA SCHMALTZ

**CLASSIFICADORES NOMINAIS CHINESES:
UMA ABORDAGEM
SEMÂNTICO-COGNITIVA EXPERIENCIALISTA**

Porto Alegre, agosto de 2005.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
CURSO DE MESTRADO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EM AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM

MÁRCIA SCHMALTZ

**CLASSIFICADORES NOMINAIS CHINESES:
UMA ABORDAGEM
SEMÂNTICO-COGNITIVA EXPERIENCIALISTA**

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção do Grau de Mestre em Letras, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Luciene Juliano Simões.

Porto Alegre, agosto de 2005.



江南无所有，聊赠一枝春

Jiāngnán wú suǒ yǒu, liáo zèng yì zhī chūn.

(陆凯：赠范晔诗)

“Em Jiangnan não tem nada, meramente presenteio-lhe com um galho primavera”.

(Lu Kai: Poema ao Fan Ye)

Escrito há aproximadamente 1400 anos.

AGRADECIMENTOS

Minha infinita gratidão:

- Aos meus adorados **Paulo e Dandara**, pela paciência, compreensão e pelo amor;
- À minha mãe, **Janete**, por ter me levado pela mão, em várias ocasiões da vida;
- Aos meus sogros, **Francisco e Mariza**, pelo apoio e suporte recebidos;
- À minha orientadora, **Prof^a Dr^a Luciene Juliano Simões**, por dar sempre o melhor de si;
- À professora **Maria de Lourdes Cauduro**, por me guiar nas primeiras incursões científicas e me incentivar a nunca desistir;
- Ao professor **Hardarik Blühdorn**, pelas primeiras discussões, por enviar orientações, artigos e tanto afeto;
- À minha irmã, **Annie**, e aos primos, **Marco e Rossana**, pelo estímulo;
- Aos **professores e colegas do PPGL**, pela honra de compartilhar com eles momentos tão ricos de aprendizagem;
- Aos **amigos todos**, pelo carinho e atenção;
- À **Malu** Cardinale, pela orientação e encorajamento, no processo de escritura.

- Ao **CNPq**, pela bolsa de pesquisa, que permitiu a realização deste trabalho.
- À minha avó, **Luiza Marina**, esteja onde estiver, por estar sempre ao meu lado e acreditar em mim. Você estará eternamente em meu coração. Saudades eternas.
- A **Deus**, pelas oportunidades que me concede, pela graça de conquistá-las e, acima de tudo, pelas pessoas que me acompanham, sem as quais nada faria sentido.

RESUMO

A presente dissertação apresenta a análise dos classificadores nominais específicos chineses, embasada na Lingüística Cognitiva, tendo como arcabouço teórico a Semântica Cognitiva Experiencialista e a Teoria Prototípica, visando a revelar as motivações semânticas subjacentes e as propriedades de categorização dos classificadores nominais chineses, quando colocados junto a substantivos.

Foram analisados todos os classificadores nominais, a partir dos modelos da Semântica Cognitiva Experiencialista, baseados em Lakoff (1987). A amostragem envolveu dados retirados de livros, revistas e internet e da própria experiência vivencial de pesquisadora. Estão descritas as análises de dez classificadores, selecionados pela relevância cultural e potencial de explicitação dos aspectos discutidos. O estudo revela que a combinação de classificadores com substantivos não é arbitrária, como alguns lingüistas chineses acreditam, mas, sim, um reflexo da interação humana com o mundo objetivo, baseada na cognição.

Palavras-chave: Classificadores nominais – teoria experiencialista – teoria prototípica – chinês.

中文提要

语法学家和语言学家们长期以来认同：在所有的语言中存在一个重要词类，即类别词，也存在汉语中。类别词成了语言学领域中常常被研究的对象。然而，先前的探讨主要集中于描述于分类。

本论文在80年代的原型理论和体验理论的基础上，主要从认知角度对汉语名词性类别词进行了语义探讨。

通过名词性类别词与名词的搭配特点，揭示了汉语类别词的语义理据与范畴划分功。

本文发现，类别词和名词在搭配上。并不像许多汉语语法学家认为的那样，是约定俗成的，实际上，是人们的思想与客观世界相互作用的结果。

关键词：名词性类别词 – 体验理论 – 原型理论 – 语义理据 – 汉语

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Relação entre os Classificadores <i>zhī, pǐ, tóu, kǒu, tiáo</i>	106
Figura 2: Relação entre os Classificadores <i>míng</i> e <i>wèi</i>	110
Figura 3: “Três Aprovados na Academia Real Chinesa”	112
Figura 4: “O Único Canhão de Montanha que a Longa Marcha do Comando de Armas do 2º Exército da Libertação Nacional levou para o Norte de Shaanxi”	113
Figura 5: Diagrama do Classificador <i>mén</i>	120
Figura 6 : “O Monitor pode facilmente virar a 180º”	122

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Tipos de Classificadores, segundo Chao.	40
Quadro 2: Tipos de Classificadores, segundo Shao.	45
Quadro 3: Exemplo de Função Semântica Combinatória.	46
Quadro 4: Exemplo de Classificador Homófono e Homógrafo	46
Quadro 5: Níveis de Categorização.	64
Quadro 6: Esquema da Metáfora do Conduto.....	72
Quadro 7: Modelo de Base.....	81
Quadro 8: Modelo de Oposição Básica.....	81
Quadro 9: Transformação Imagem-Esquema de <i>hon</i>	83

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 OS CLASSIFICADORES EM CHINÊS-MANDARIM:	16
UMA REVISÃO DA LITERATURA	16
2.1 Classificadores nas Línguas do Mundo	16
2.2 Abordagens na Literatura Chinesa	27
2.3 Abordagens Históricas	48
3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	53
3.1 Fundamentos Filosóficos	55
3.2 Fundamentos Cognitivos	60
3.2.1 A Teoria Prototípica	60
3.2.2 Outros Princípios Estruturadores dos Modelos Cognitivos Idealizados	66
3.3 A Semântica Cognitiva Experiencialista de George Lakoff e os Classificadores	75
4 ANÁLISE DOS CLASSIFICADORES NOMINAIS CHINESES À LUZ DA SEMÂNTICA COGNITIVA EXPERIENCIALISTA	95
4.1 O Classificador 本<i>běn</i>	98
4.2 O Classificador 艘<i>sōu</i>	100
4.3 O Classificador 颗<i>kē</i>	101
4.4 O Classificador 棵<i>kē</i>	103
4.5 O Classificador 只<i>zhī</i>	104
4.6 Os Classificadores 名<i>míng</i> e 位<i>wèi</i>	106
4.7 O Classificador 门<i>mén</i>	110
4.8 O Classificador 面<i>miàn</i>	121
4.9 O Classificador 把<i>bǎ</i>	124
5 CONCLUSÃO	129
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	135

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa faz uma descrição e análise dos classificadores nominais específicos chineses, a partir de uma perspectiva semântico-cognitiva experiencialista.

Os classificadores representam uma classe de palavras, que indica alguma característica perceptível da entidade à qual a classificação se refere. Ocorrem na forma de “um demonstrativo e/ou + um numeral + um classificador”, em frente ao substantivo que eles modificam. A função do determinante é indicar a posição dos seres, em relação às três pessoas do discurso. O numeral quantifica o substantivo, mas a função do classificador não é assim tão fácil de especificar. Em análises tradicionais, os classificadores são considerados um subgrupo de “medidores”, que fornecem unidades de contagem. Devido ao fato que os classificadores, usualmente, salientam algumas características das entidades designadas pelos nomes, eles também desempenham a função de categorização de nomes em classes.

O uso do classificador chinês é variável, mais que categórico; isto é, um mesmo item, como uma cabra, pode ser referido de diversas maneiras: 一只羊 *yì-zhī yáng*, “um-CL animal cabra”; 一头羊 *yì-tóu yáng*, “um-CL cabeça cabra”; 一条羊 *yì-tiáo yáng*, “um-CL longo cabra”; 一个羊 *yì-gè yáng*, “um-CL genérico cabra”. O mesmo falante pode alternar entre diversos classificadores, de acordo com a sua intenção

de comunicação. No exemplo citado, todas essas variantes são traduzidas, simplesmente, como “uma cabra”, em português.

Os classificadores surgiram tardiamente na língua chinesa, conforme Liu (1959), Erbaugh (1986) e Chen (1999). Esta classe decorre da necessidade de especificação dos itens, nas transações comerciais, entre os povos. A especificação foi provocada pela necessidade de distinções de superfície, explícitas entre substantivos, enquanto a língua se tornou cada vez mais homófona, por causa da massiva fusão fonêmica (ERBAUGH, 1986). Como resultado, nasceu essa posição sintático/semântica dentro da língua.

Aqui abriremos parênteses, porque adotaremos a definição sintática para o termo palavra, como unidade básica em chinês, conforme proposto por Packard (2001). Isto ocorre, porque essa definição sintática é a que mais se aproxima da noção intuitiva de palavra. A partir desta noção, as pesquisas demonstram uma hierarquia unânime, entre os falantes nativos de chinês, em relação a quais entidades são aptas para ocupar o espaço da posição sintática, no sentido das transformações de palavras que ocupam a posição de outras classes. O segundo motivo é que o termo técnico chinês para “palavra” (*cí*) é muito próximo da noção da definição da palavra “sintaxe”.

Durante a caminhada como professora de chinês como Língua Estrangeira (LE), observamos a dificuldade de os alunos adquirirem os classificadores chineses. Esta percepção foi o fator motivador da presente pesquisa. A intenção inicial era investigar como os aprendizes brasileiros adquirem os classificadores nominais chineses; contudo, durante esse percurso, deparamo-nos com o fato de que, para atingir a este objetivo, seria necessária uma investigação mais aprofundada e sistematizada. Estudos e pesquisas sobre o idioma chinês ainda são muito raros, no

Brasil. Deste modo, a presente pesquisa tem como objetivo descrever e analisar os classificadores nominais chineses e pretende produzir informações sobre esta subclasse, de tal modo que os dados possam ser consultados pelos alunos, pelos professores e por pesquisadores da aquisição de chinês como LE.

Esta dissertação pretende descrever e analisar somente os classificadores nominais específicos chineses, porque, primeiro, como foi dito anteriormente, esta é uma família de muitos membros e, sendo numerosa, ela se subdivide em dois grandes grupos: os classificadores nominais e os classificadores verbais. Os classificadores nominais, por seu turno, são divididos em medidores e em específicos. Como os medidores são universais lingüísticos, aqui nos deteremos no que é relevante e de difícil aquisição pelos aprendizes: os classificadores nominais específicos.

Através da revisão da literatura, vimos que os estudiosos, imbuídos pela sistematicidade, tenderam a generalizar quais entidades podem se combinar com quais classificadores. Suas teorias não são suficientes, contudo, para satisfazer o nosso desejo de saber o porquê dessas possibilidades de escolhas e se há sistemas implícitos organizados.

Para poder responder a estas questões, encontramos o aporte na Semântica Cognitiva, porque essa abordagem leva em conta a língua, como um dos tantos aparatos da cognição humana, para que possamos discernir, compreender e comunicar. Além disso, buscamos desenvolver a abordagem, de modo relacionado à história, à experiência e à categorização. Assim, o nosso embasamento filosófico é em Wittgenstein, de segunda fase; no Realismo Interno, de Putnam; e, no plano da Lingüística, está vinculado à Semântica Cognitiva Prototípica, de Lakoff.

O presente estudo é estruturado em cinco capítulos, organizados da seguinte forma. Neste capítulo um, introduzimos o assunto, acompanhado de uma breve apresentação do arcabouço teórico adotado e das motivações para realizar a investigação.

No capítulo dois, fazemos uma revisão bibliográfica dos estudos mais relevantes sobre os classificadores, por lingüistas, percorrendo Lyons (1977), Allan (1977), Denny (1976), com ênfase nas análises realizadas por diversos lingüistas chineses. É apresentada uma distinção entre os classificadores e os medidores.

No capítulo três, apresentamos os fundamentos teóricos da Semântica Cognitiva Experiencialista, subdividindo em dois planos, o de fundamentos filosófico e o cognitivo. No plano filosófico, abordamos às propriedades *wittgensteinianas* da proposta, demonstradas, sobretudo, pelas suas ligações com o Realismo Interno de Putnam, do qual o Realismo Experiencialista é uma assumida versão. No plano dos fundamentos cognitivistas, apresentamos a Teoria Prototípica da categorização, de Rosch, o cerne da Semântica Cognitiva Experiencialista, versão proposta por George Lakoff (1987). A seguir, apresentamos as influências teóricas mais diretas, como a semântica de *frame*, de Fillmore; a teoria da metáfora e metonímia, de Lakoff e Johnson; a teoria dos espaços mentais, de Fauconnier; e a gramática cognitiva, de Langacker. Por fim, através das análises dos classificadores em outras línguas, descrevemos o funcionamento dos Modelos Cognitivos Idealizados, em sua tipologia básica, quais sejam: os modelos de esquemas de imagens, os modelos proposicionais, os modelos metonímicos, os modelos metafóricos e os modelos simbólicos.

No capítulo quatro, analisamos alguns classificadores nominais chineses, com base na Semântica Cognitiva Experiencialista. Os dados utilizados foram extraídos

de livros, jornais, revistas, Internet, bem como de informação prestada por colaboradores e da própria experiência vivencial da pesquisadora. A título de consulta, utilizamos o Dicionário de Classificadores de Jiao (2001), em que se encontram 178 classificadores e medidores mais empregados no chinês-mandarim contemporâneo, centralizando a pesquisa nos classificadores específicos. Foram analisados todos os classificadores nominais, mas estão descritas as análises de dez classificadores, selecionados pela relevância cultural e potencial de explicitação dos aspectos discutidos.

Em termos de descrição, é importante destacar, aqui, algumas convenções tipográficas. Um asterisco (*) indica que a expressão lingüística é inaceitável, seja no campo semântico ou sintático. Expressões de aceitabilidade questionável são precedidas por um sinal de interrogação (?). As expressões lingüísticas em chinês foram transcritas em *pinyin*, “alfabeto fonético chinês”, e escritas em corpo *itálico*, sendo a sua respectiva tradução feita entre aspas (“ ”). Expressões como unidades de palavras, unidades nominais, medidores são denominações de outros períodos, para o mesmo referente, conhecido atualmente como classificador. Além disso, as traduções de todas as citações de trechos em Língua Inglesa e Chinesa, contidas neste trabalho, são de nossa inteira responsabilidade.

Na conclusão, retomamos pontos levantados, apresentamos o contraponto com os objetivos deste trabalho, em seus aspectos mais relevantes, e trazemos algumas pistas para futuras pesquisas. Desejamos uma boa leitura.

2 OS CLASSIFICADORES EM CHINÊS-MANDARIM: UMA REVISÃO DA LITERATURA

2.1 Classificadores nas Línguas do Mundo

Para falar em sistema de classificadores nominais, deve-se, primeiro, distinguir dois fenômenos semelhantes em termos semânticos, mas diferentes em termos gramaticais, conforme observa Dixon (1986). Existe a categoria gramatical *classes nominais*, que exhibe fenômenos referentes aos sistemas de gêneros. Nestes sistemas, cada substantivo escolhe, dentre um pequeno número de possibilidades, a que subcategoria pertencerá, marcando, através de prefixos ou sufixos, a inflexão. Outro fenômeno, do ponto de vista formal, é o conjunto dos sistemas léxico-sintáticos de classificação nominal, que inclui os classificadores nominais. Estes são lexemas independentes e livres, que podem ser colocados junto a um substantivo, em certos ambientes sintáticos.

Segundo Dixon (1986), ambos os fenômenos fornecem informações sobre o aspecto físico, tamanho, forma e animação; a função, como alimentação ou vestuário; as categorias cognitivas; os papéis sociais; e a forma de interação. Essas informações contribuem para construir o significado do sintagma, em termos denotativos.

Outros autores também deram ênfase aos classificadores nas línguas do mundo. O uso de classificadores tem sido considerado um fenômeno universal, por muitos lingüistas (GREENBERG, 1972 apud LYONS, 1977, p. 464; LYONS, 1977; ALLAN, 1977, etc.). A distinção entre línguas classificadoras e línguas não-classificadoras, feita por Lyons e Allan, leva à noção de que os classificadores ocupam uma posição única, na gramática de muitas línguas.

Lyons (1977) dedica parte de seu estudo aos classificadores nominais, porque essa categoria não faz parte das gramáticas da maioria das línguas indo-européias. Os princípios de individuação são universais e independentes, e o que varia é a forma dessa distinção gramatical entre as línguas. Assim, para o autor, o termo classificador é empregado para designar aquela classe de palavra que se localiza entre um numeral e um substantivo: “Os classificadores são comparáveis em função sintática a palavras como “charco” ou “libra” em sintagmas como “dois charcos de água”, “aquele charco de água”, “três libras de manteiga”” (LYONS, 1977, p. 186). São usados obrigatoriamente, porém, não apenas com os nomes que denotam substâncias amorfas ou espalhadas, como a água ou a manteiga, mas também com nomes que denotam classes de indivíduos. Isto ocorre de tal modo que se traduziria a expressão “três homens”, de maneira a sugerir uma análise semântica do tipo “três pessoas homem”.

Lyons (1977), seguindo a sua explanação, afirma que construções com os classificadores são muito similares, tanto sintática como semanticamente, às construções como “cinco cabeças de gado”, “três resmas de papel” ou “aquele lote de ferro”, em português e inglês, por exemplo. Diz que “cabeça”, “resma” e “lote”, em construções deste tipo, exercem a mesma função de individuação e enumeração – como os classificadores de tzeltal ou do chinês-mandarim, etc. Afirma que a

diferença entre as chamadas línguas classificadoras e o inglês, por exemplo, é que, no último, assim como na maioria das línguas indo-européias, existe uma distinção gramatical entre substantivos contáveis e não-contáveis. O autor ainda sinaliza que, de um ponto de vista semântico, a gramaticalização de contabilidade baseia-se no condensamento do componente ‘entidade’, no significado de quaisquer lexemas que sejam tratados gramaticalmente como um substantivo contável: “garoto”, “cachorro”, “árvore”, etc. Segundo o autor, é importante perceber que a categoria gramatical de contabilidade, assim como a categoria gramatical de número (singular *versus* plural, etc.), é um dos diversos dispositivos inter-relacionados, usados na língua para a construção de expressões referenciais. O que todos estes dispositivos têm em comum é que são baseados na - ou pressupõem a - possibilidade de individuação e de enumeração.

Lyons (1977) cita o exemplo do chinês-mandarim, como língua-classificadora, na qual o classificador é obrigatório, não somente entre o numeral e o substantivo, mas também entre o demonstrativo e o substantivo. O autor observa que, nessa língua, existe um classificador especial pluralizador, que ocorre com os demonstrativos (mas não com os numerais) e substitui semanticamente o classificador apropriado, que seria usado em construções não plurais (GREENBERG, 1972). Por exemplo, (i) “um livro”, (ii) “três livros”, (iii) “este livro” e (iv) “estes livros” são traduzidos para o chinês-mandarim como (i) 一本书 *yì bēn shū*, (ii) 三本书 *sān bēn shū*, (iii) 这本书 *zhè bēn shū* e (iv) 这些书 *zhè xiē shū*. A palavra 本 *bēn* é o classificador usado, segundo o autor, para objetos com superfície plana, embora 些 *xiē* possa ser usado para qualquer tipo de pluralização ou coletividade. Uma outra generalização que pode ser feita, segundo Lyons (1977), é que, na maioria, senão em todas as línguas-classificadoras, existe, além do classificador

especializado semanticamente para a referênciã a entidades particulares (por exemplo, seres humanos, animais, plantas, objetos planos, etc.), um classificador semanticamente neutro. Este pode ser empregado (no lugar do classificador especializado apropriado semanticamente), com referênciã a todas as classes de entidades. A palavra *gè*, por exemplo, é usada desta maneira, em chinês-mandarim.

Lyons (1977) propõe dois tipos de classificadores: de classe e de medida. O autor define o de classe, como aquele que individualiza o substantivo, em termos do tipo de entidade, ou agrupa as entidades em tipos. Já o classificador de medida é apresentado como aquele que individualiza, em termos de quantidade. O termo “classe” demonstra que o autor realizou, implicitamente, a categorização da natureza dos classificadores e comparou-os com os artigos definidos e adjetivos demonstrativos de línguas não-classificadoras. Ele concluiu que ambos formam descrições definidas e que podem ser usados em funções pronominais, em referênciã dêitica e anafórica. Lyons (1977) justifica esta afirmação, citando Greenberg (1977, apud LYONS, 1977, p. 464): “[...] o núcleo nominal pode ser suprimido quando este já foi previamente mencionado ou devido ao contexto lingüístico”. Ele ainda faz a seguinte ponderação:

Em muitos casos, o classificador é o núcleo, mais do que um modificador, nas construções em que ele ocorre. Isso faz com que classificadores de classe se tornem semelhantes a determinantes. Os determinantes, apesar de seu tratamento convencional como modificadores do substantivo, podem freqüentemente ser considerados, de um ponto de vista sintático, como núcleos melhores do que os modificadores (LYONS, 1977, p.464).

O autor conclui dizendo que, assim como há uma conexão, tanto sintática como semântica, entre os classificadores de medida e os quantificadores, há

também, em muitas línguas, uma conexão sintática e semântica entre os classificadores de classe e os determinantes.

Ainda sobre os classificadores de classe, Lyons (1977) observa que as categorias mais comuns, observadas nas línguas classificadoras, envolvem a forma. Neste sentido, a ordem seria uma, duas e três dimensões, respectivamente; depois viria o tamanho, seguido pela textura. O autor ressalta, ainda, que princípios funcionais de classificação por classe são mais difíceis de serem identificados e comparados intralínguas, pois são culturalmente dependentes; contudo, poderia ser observada a característica de ser comestível, identificada em todas as línguas.

Os termos de “medida” de vários tipos são encontrados em muitas línguas. Muitas vezes, para surgirem, eles necessitam ter, proximamente, quantificadores, acompanhando-os. Para Lyons (1977), uma entidade é uma unidade quantificável de classe, ou classes, a qual pertence; um montante ou quantia de alguma massa como água, dinheiro ou uísque pode também ser tratado como uma unidade individualizada, ‘re-identificada’ e enumerável. Línguas que gramaticalizam a distinção entre substantivos que denotam entidades individuadas e substantivos que denotam entidades de massa tendem a distinguir, sintaticamente, frases como “três homens”, por um lado, e “três copos de uísque”, por outro lado. Já as línguas classificadoras não os distinguem: estas tratam entidades numeráveis e entidades de massa da mesma maneira. Ainda, o significado mais apropriado que se pode extrair de um classificador de classe semanticamente neutro é “unidade”, mais do que “entidade”. Para Lyons (1995), os atributos funcionais – aqueles que fazem as coisas serem úteis a nós, para propósitos particulares – são, com freqüência, gramaticalmente (ou semigramaticalmente) codificados em classificadores ou em gêneros de línguas que têm tais categorias.

Allan (1977) e Denny (1976) apresentaram uma ampla análise das unidades internas das propriedades fundamentais dos classificadores nominais. Allan (1977) tornou-se pioneiro, pela sua investigação em mais de 50 línguas classificadoras no mundo. Ele realizou uma comparação dos tipos de coisas que são agrupadas pelos classificadores. O autor definiu os classificadores, segundo dois critérios: (a) eles ocorrem como morfemas em estruturas superficiais, sob condições específicas; (b) eles têm significado, no sentido que um classificador denota alguma característica saliente, perceptível ou imputada, da entidade a qual um substantivo associado se refere (ou que pode ser referido). Embora possa se dizer, em um sentido lato, que em todas as línguas existem classificadores, em um sentido restrito, as línguas classificadoras se distinguem pelos critérios: (a) têm classificadores, alguns funcionam somente em construções restritas a classificadores, embora existam classificadores que funcionam em outros ambientes; (b) eles pertencem a um dos quatro tipos de línguas classificadoras: (i) línguas classificadoras numerais, (ii) línguas classificadoras concordantes, (iii) línguas classificadoras predicativas e (iv) línguas classificadoras intralocativas.

Allan (1977) encontrou semelhanças entre classificadores para substantivos, em muitas línguas geograficamente distintas e sem nenhuma relação entre si - da África, das Américas, da Ásia e da Oceania - e em línguas sintaticamente distintas, no seu sistema de classificadores. Certos morfemas ou palavras são usados para denotar uma característica perceptível ou imputada à entidade a qual um substantivo associado se refere. Esta constatação não é surpreendente para o autor, já que ele parte do ponto de vista de que a percepção humana é geralmente similar e estimula a classificação cognitiva do mundo.

O autor atribui a natureza das noções semânticas à operação de princípios cognitivos (ALLAN, 1977). Assim, concentra-se nas propriedades inerentes de uma classe a que todos (ou, no mínimo, a maioria) os membros participem e fornece uma lista exaustiva de características semânticas, as quais servem como base, para a classificação nas línguas naturais. Ele ilustra a recorrência de características particulares, em diferentes línguas, embasado na faculdade perceptual humana; explicitamente tratando as classes de nomes como categorias embasadas cognitivamente. Allan (1997) nota que, com poucas exceções, essas propriedades são propriedades “inerentes”, mais do que contingentes, de um objeto. Sugere que as características distintivas de uma língua classificadora envolvem a posse de um sistema gramatical, que agrupa os substantivos de acordo com as suas características inerentes. As oito categorias de classificação de Allan (2001) são: material (constituição), função, forma, consistência, tamanho, locação, arranjo e quanta.

Para Denny (1986), os substantivos referem-se a determinado tipo de entidade individual ou de massa e a alguma propriedade que as coisas têm, enquanto os classificadores representam uma unidade ou variedade daquele indivíduo ou massa. Os classificadores têm duplo papel: o papel quantitativo e classificativo, que explicaremos adiante.

Ritchie (1971, apud DENNY, 1986, p. 298) afirma que um classificador expressa um “indivíduo ou uma instância”, de uma “substância” indicada pelo substantivo. Denny (1976, apud LAKOFF, 1987, p. 112) observa que

[...] a função semântica dos classificadores nominais é a de colocar os objetos dentro de um conjunto de classes diferentes e adicionais daquelas dadas pelos substantivos. Essas classes tratam principalmente de objetos que participam em interações humanas.

Denny (1986) dividiu os classificadores em três tipos semânticos básicos, todos relacionados com a forma de interação humana: i) de interação física, como manipulação; ii) de interação funcional, através do uso de objetos; e iii) de interação social, que pode ser percebido em casos de comparação entre um humano e um animal, ou entre diferentes classes sociais. Denny (1986) argumenta que a variação dos classificadores de interação física está relacionada com o tipo de atividades físicas significantes, realizadas em dada cultura. Segundo o lingüista, as distinções de animação, na sociedade, são feitas porque alguns de seus membros devem agir diferentemente de acordo com o seu papel social, em relação a outro membro da sociedade. O autor também observa que, mesmo as classes inanimadas, são basicamente embasadas na interação das pessoas com os objetos. Cada objeto tem um grande número de características distintivas, e as línguas podem diferir na escolha de quais destas características são importantes para os propósitos classificatórios. Por exemplo, a palavra “mesa” pode ser classificada como objeto tridimensional, como ocorre no malaio, mas é mais freqüente ser categorizada como bidimensional, já que a superfície plana da mesa é a forma com a qual as pessoas interagem ou usam a mesa, como é observado no chinês-mandarim.

Para Denny (1986), os classificadores nominais, em combinação com a entidade, determinam composicionalmente o significado dos substantivos que eles classificam. O autor afirma que os classificadores nominais expressam o argumento do falante, para o tipo de coisa sobre a qual ele está falando. Isto comunica as expectativas sobre os predicados que ele pode atribuir para aquela coisa, o que o lingüista denomina de papel classificatório. O falante restringe o domínio, a partir do qual o referente é delineado. Ele se constitui através de alguma especificação (unidade, parte, múltiplo, medida ou classe) e integra alguma classe em particular,

que o lingüista denomina de papel quantificativo. Restringindo o domínio do quantificador para este tipo, expresso pelo classificador, parece ser reforçado o foco sobre alguma classe de coisas. Assim, fica delineada a atenção para predicados que podem ser aplicados aos seus membros.

Neste sentido, na expressão em burmês “um cacho de bananas”, o classificador “cacho” significa “unidades de cachos” e o substantivo somente lhes dá a propriedade de bananas. Denny (1986) acredita que isto ajuda a entender o fenômeno das palavras de medidas, em inglês: a frase *sheet of paper*, “folha de papel”, sugere que o papel é um nome de massa, enquanto *ream of paper*, “resma de papel” (para 500 folhas), indica que ele é um nome contável. Se nós considerarmos, contudo, *papel* apenas como um predicado, então *sheet*, “folha”, significa “unidade” (de classe “bidimensional”) e *ream*, “resma”, significa “500 folhas”. Isto ajuda a perceber que os classificadores estabelecem dois tipos de quantificação para a variável que eles expressam. Primeiro, há o tipo de unidades que a variável diversifica – ou unidades, partes, múltiplos, medidas ou tipos – e segundo, a classe de tais unidades à qual a variável é restringida. No exemplo, em inglês, com a palavra de medida *sheet*, “folha”, o primeiro componente de quantificação é “unidade” e o segundo é “bidirecional”. Já no exemplo do classificador em burmês, “cacho”, o primeiro é “múltiplo” e o segundo é alguma coisa do tipo “[...] um nó fisicamente crescido de uma planta”. (DENNY, 1986, p. 301)

Denny (1986) ainda cita os dados de tailandês, da pesquisa realizada por Conklin (1981, apud DENNY, 1986, p. 301). Nesta pesquisa, os classificadores são introduzidos, quando é buscada uma referência a indivíduos particulares, e são suprimidos, quando tal referência não é necessária. Isto confirma a visão de que os classificadores se referem ao conjunto de indivíduos. Igualmente, Conklin (1981,

apud DENNY, 1986, p. 301) demonstra várias evidências que indicam que os substantivos são suprimidos, quando a propriedade expressa pelo substantivo não é a questão. Em geral, os substantivos são mais freqüentemente suprimidos em frases numerais, do que os classificadores. Isto é o que se pode depreender da sua teoria, no sentido de que os classificadores se referem aos indivíduos sendo enumerados, embora substantivos somente expressem alguma propriedade que eles tenham. Substantivos são regularmente apagados, quando a referência é repetida a alguma coisa. Por exemplo: *khun hěn pět kíl tua?*, “Quantos patos que você vê?”, *hòk tua*, “seis” – neste caso, tanto o substantivo *pět*, “pato”, quanto o classificador *tua*, “animal”, aparecem na questão, mas somente o classificador é repetido na resposta. Nesta pergunta, nota-se que, uma vez que o substantivo se estabeleceu como propriedade “pato”, não se faz necessária a sua repetição, mas a referência ao domínio de indivíduos, dada por *tua*, “animal”, é ainda essencial para o quantificador *hòk*, “seis”. Por outro lado, Conklin (1981, apud DENNY, 1986, p. 301) relata que os substantivos são mantidos, quando modificados por um adjetivo, presumidamente porque ele é essencial, para expressar a propriedade que está sendo modificada.

As observações de Denny ajustam-se perfeitamente às observações de Rosch (1977), sobre a categorização de nível básico. O que estas pesquisadoras encontraram é que a categorização neste nível depende da natureza da interação humana cotidiana, bem como do ambiente físico e da cultura. Os fatores envolvidos na categorização de nível básico incluem percepção gestáltica, interação motora, imagens mentais e importância cultural. Consideradas conjuntamente, essas observações apóiam a visão de que o sistema conceitual humano é dependente e intimamente ligado à experiência física e cultural. Isto nega a visão clássica de que

os conceitos são abstratos e distantes dessas experiências, como veremos mais detalhadamente no capítulo três.

A hipótese perceptiva de Allan e a hipótese funcional de Denny, citadas acima, não são incompatíveis, mas complementares. Allan (1977) restringe o conjunto de sistemas possíveis pela limitação do âmbito das classes, mas Denny traz de volta a relatividade cultural, com toda a força. Não há, em princípio, nenhuma limitação em classes na abordagem funcional, desde que não haja restrição na função possível de um objeto em uma cultura. Assim, o tratamento satisfatório de animacidade encontra o seu caminho na abordagem funcional de Denny.

A saliência cognitiva determina classes de objetos inanimados; a similaridade funcional determina classes de humanos. Realmente, as propriedades do quadro de Allan (1977) são freqüentemente associadas com a interação funcional. Essas propriedades podem indicar como os seres humanos interagem com os objetos. A forma e a consistência material de um objeto são obviamente importantes, para o uso a que este é proposto. Por outro lado, não existe nenhum caso em que a interação humana com um objeto é diferente, devido a sua cor. Então, não existem classificadores baseados naquela característica. Neste sentido, pode-se afirmar que a interação física de Denny inclui todas as categorias de Allan; a interação social de Denny inclui a relação familiar e o status; e a interação funcional relaciona-se a propriedades funcionais.

2.2 Abordagens na Literatura Chinesa

Os classificadores nominais chineses, muitas vezes, ocorrem na forma de “numeral + classificador” ou na forma de “determinante + classificador”, em frente ao substantivo que eles modificam. A função do numeral é quantificar o substantivo, e a função do determinativo é a de definir a referencialidade do substantivo. A função do classificador, contudo, não é assim tão fácil para especificar.

Os classificadores nominais podem ser divididos em *classificadores de medida*, como 三斤香蕉 *sān jīn xiāngjiāo*, “três quilos de banana”, ou 三杯水 *sān bēi shuǐ*, “três copos de água”. Estes são universais lingüísticos, encontrados em todas as línguas, quantificando os substantivos de massa – nomes não-contáveis, ou seja,

[...] referem-se a grandezas contínuas, descrevendo entidades não-suscetíveis de numeração. Trata-se de referência a uma substância homogênea, que não pode ser expandida em indivíduos, mas apenas em massas menores, e que pode ser expandida indefinidamente, sem que sejam afetadas suas propriedades cognitivas e categoriais (NEVES, 2000, p. 82).

Já os *classificadores específicos*, nomenclatura dada por Erbaugh (1986), modificam os substantivos contáveis, concretos, bem como os substantivos abstratos, períodos de tempo e ações. Esses não têm equivalente em línguas indo-européias. Quando o falante de chinês se refere a animais, por exemplo, pode tomar *zhī*, como classificador para indicar a categoria animal. É o que ocorre em 那只狗 *nèi-zhī gǒu*, “aquele-CL animal cachorro” ou “aquele cachorro”. É possível, também, optar, para a mesma entidade (ou o mesmo cachorro), pela referência à forma e, então, será utilizado o classificador 条 *tiáo*, para designar entidades de forma alongada.

Em análises gramaticais e lingüísticas chinesas, há diversidade de opiniões, quanto a sua nomenclatura e a sua categorização. Por exemplo: para alguns autores, os classificadores são considerados um subgrupo de “palavras de medida”, as quais fornecem unidades de contagem, enquanto, para outros, devido ao fato de que os classificadores usualmente revelam algumas características das entidades designadas pelos nomes, eles também desempenham a função de categorização de nomes em classes. Assim, autores como Li (2001), Erbaugh (1986) e Hopper (1986) afirmam que a escolha de um classificador pode não se restringir apenas a uma questão de determinação gramatical. Antes, ele pode ser discursivamente e/ou pragmaticamente sensitivo, tendo efeitos no nível discursivo. Este conceito não é levado em conta nas abordagens gramaticais, segundo a revisão da literatura realizada.

Os classificadores chineses podem ser subdivididos em dois grandes grupos: classificadores nominais e classificadores verbais. Aqui, nos propomos a apenas descrever o sistema dos classificadores nominais e, particularmente, os *específicos*, já que os de medida são universais lingüísticos. Além disso, o recorte se justifica pelo fato de que se tem observado dificuldade na aprendizagem, para os alunos que, em suas línguas, não lidam com essa distinção gramatical.

Feitas essas observações, iniciaremos a análise dos classificadores nominais específicos chineses, através de uma revisão da literatura, a partir de estudiosos chineses, seguindo a linha do tempo.

Na primeira gramática, escrita por Ma (1898), os classificadores ainda não possuíam a denominação atual. Estavam categorizados como uma subclasse de adjetivos, por terem “uma função modificadora quantitativa para o substantivo” (MA, 1898, p. 78). A revisão da literatura indica que a gramática chinesa ainda não tentou

uma abordagem mais cognitiva, ou seja, como um sistema de categorização mental, que reflete como uma determinada comunidade percebe as entidades que a cercam.

Classificadores ou medidores?

Gramáticos chineses de diferentes épocas, como Lü (1941), Wang (1955), Chao (1968), Ding (1979), Zhu (1982) e Fang (2001) indicam os classificadores como uma subclasse dos numerais ou de numeral-medidores.

Lü (1941), em uma primeira abordagem sobre o sistema de classificadores, denomina os classificadores como “palavras de unidade”, uma subclasse de medidores numerais, localizada sintaticamente entre o número e o substantivo. Em sua pesquisa comparativa entre a língua escrita clássica e moderna chinesa, o autor observa que, na Antigüidade, os numerais podiam estar diretamente ligados às entidades contáveis, para demonstrar a quantidade, enquanto que, entre os numerais e as entidades de massa, era colocada uma palavra de unidade de medida, como os equivalentes chineses a metro, balde, hectare, entre outros.

Erbaugh (1986) observa que o uso de classificadores era bastante raro na China Antiga. A autora lembra que isto ocorria, exclusivamente, para especificar ao máximo os itens contáveis, concretos e discretos; particularmente para inventariar bens; e especialmente quando os itens não estavam presentes na cena discursiva entre os falantes. Wang (1955) observa que é a partir das dinastias Yuan e Ming (1206-1644) que começa a se popularizar o uso de classificadores. Contemporaneamente, especialmente na língua oral, a colocação do classificador entre um numeral e o substantivo é obrigatória. Os estudiosos, entretanto, não oferecem nenhuma explicação para este fenômeno observado. Na presente dissertação, contudo, pretendemos, ao final, apresentar uma explicação, seguindo uma abordagem semântico-experencialista, abordada no capítulo 5.

Lü (1941) divide em oito tipos o que chama de “unidades de palavras”:

(1) Unidade de pesos e medidas:

米 mǐ, “metro”: 一米布 yì mǐ bù, “*um metro pano”;

(2) Unidades de empréstimo de recipientes e utensílios (pela sua forma ou pela forma de seu manuseio):

杯 bēi, “copo”: 一杯酒 yì bēi jiǔ, “*um copo vinho”;

(3) Unidades de empréstimo de verbos:

盘 pán, “prato”: 一盘香 yì pán xiāng, “*um prato incenso”;

(4) Unidades com características coletivas:

队 duì, “time, pelotão”: 一队兵 yì duì bīng, “*um pelotão soldados”;

双 shuāng, “par”: 一双鞋 yì shuāng xié, “*um par sapatos”;

(5) Unidades relacionadas com a quantidade de tempo:

阵 zhèn, “período”: 一阵风 yì zhèn fēng, “*um período de vento” ou “uma ventania”;

(6) Unidades cujo nome é uma parte da entidade:

头 tóu, “cabeça”: 一头牛 yì tóu niú, “*uma cabeça boi”;

(7) Unidades de acordo com o formato: se for longo, emprega-se 根 gēn ou 条 tiáo, se fino e plano, emprega-se 片 piàn, se for mais tridimensional, emprega-se 块 kuài, se pode ser segurado, emprega-se 把 bǎ, e assim sucessivamente. O autor esclarece que muitos empregos não têm explicação, justificam-se pelo hábito de uso.

(8) Unidades genéricas:

个 gè: é o de emprego mais amplo. Pode ser utilizado tanto para pessoa quanto para os objetos.

位 *wèi*: de uso exclusivo para pessoas. Contém significado de respeito.

件 *jiàn*: empregado para coisas materiais e substantivos abstratos.

Ding (1979) segue o mesmo raciocínio de Lü; contudo, agrupa os classificadores em quatro subclasses e denomina-os classificadores de medidores: (1) medidores de individualização, equivalentes às subclasses (3), (5), (6), (7) e (8) de Lü; (2) medidores coletivos, equivalentes à subclasse (4) de Lü; (3) unidades de medidas, equivalentes à subclasse (1) de Lü; e (4) medidores ocasionais, equivalentes à subclasse (2) de Lü. Tanto Ding (1979) quanto Zhu (1981) falam de uma subclasse de medidores de quantidade indeterminada, como 些 *xiē*, para pouca quantidade, e 点 *diǎn*, para uma quantidade menor que 些 *xiē*. Esta subclasse também é discutida por Lyons (1997)

Alguns autores, como Lü, Ding, Zhu, misturam as unidades de medida, que são universais lingüísticos, com aquilo que é particular, os classificadores. Wang (1955) chamou de “unidades nominais” o que, atualmente, se chama de classificadores; também classificou essas unidades, a partir de critérios similares aos de Lü, porém de forma mais simples.

A discussão mais completa sobre os classificadores é realizada por Chao (1968). Este lingüista analisa os classificadores, de acordo com a sua função na frase. As marcas morfológicas, para Chao (1968), são secundárias.

O autor inicia a sua discussão, a partir da divisão das palavras em classes abertas e fechadas. As palavras de classes abertas têm baixa ou média frequência de ocorrência e, em chinês, têm tons. Já as palavras de classes fechadas são aquelas listáveis, com alta frequência de ocorrência, sendo a maioria de tom neutro. Chao (1968) afirma, ainda, que a questão classe dos nomes pode ser subdividida em entidades individuadas e em entidades de massa. O autor observa que as

entidades individuadas poderão ser acompanhadas, segundo a sua nomenclatura, de medidores individuadores¹, enquanto as entidades de massa são acompanhadas por medidores de contagem. Por exemplo: as entidades individuadas poderão estar acompanhadas do medidor *gè* ou, no máximo, por dois ou três outros medidores, como 一个狗 *yí gè gǒu*, “um - M genérico cachorro”, 一条狗 *yì tiáo gǒu*, “um - M para coisas longas cachorro”, 一只狗 *yì zhī gǒu*, “um - M para animais cachorro”. Já as entidades de massa, segundo o autor, não podem ser antecedidas por 个 *gè*, “classificador genérico”, ou por qualquer medidor para entidades individuadas, mas podem ser acompanhadas por medidores de contagem, como 一些水 *yì xiē shuǐ*, “umas águas”, 一滴水 *yì dī shuǐ*, “uma gota d’água”, 一桶水 *yì tǒng shuǐ*, “um galão de água”, etc. Por outro lado, acima da classe de nome, pronome, etc., pode ser constituído um grupo superior 体词 *tǐcí* ou “classe das entidades”, porque todos os seus membros podem atuar como sujeito, complemento, ou podem ser delimitados por adjetivos. Acima das classes adjetivas e verbais (verbos de ação), ainda pode ser constituída uma classe predicativa, também chamada, em sentido amplo, de classe de verbos, porque pode atuar como predicado e ser delimitada por adjuntos adverbiais.

Chao (1968) subdivide as entidades nominais em onze subclasses: substantivo, substantivo próprio, locativo, temporal, determinante (D), Medidor (M), direcional (L), composto Determinativo-Medidor (D-M), composto Substantivo-direcional (N-L), pronome e anáfora.

Quanto aos substantivos, Chao (1968) separa-os nas seguintes subclasses, de acordo com a característica dos compostos Determinativo-Medidores (D-M) que

¹ Chao (1968) utiliza o símbolo “M” para se referir aos classificadores, pois designa essa classe como medidores.

os antecedem: nomes individuados, nomes de massa, nomes coletivos, nomes abstratos.

(1) Nomes individuados: Chao (1968) é o primeiro lingüista chinês a abordar uma subclasse de medidor, denominando-o de classificador, pois se refere a um tipo de medidor ligado aos nomes individuados. Cada nome é acompanhado de seu classificador específico. Por isso, segundo o autor, o dicionário deve trazer, junto ao nome, a observação de seu classificador específico (como ocorre nas línguas em que há a distinção de “gênero”, e é apresentada a observação “masculino”, “feminino” e “neutro”, etc.). O autor observa que a ligação entre o substantivo e o classificador é aproximada, do ponto de vista do significado. Por exemplo, 一根棍子 *yì gēn gùnzi*, “um – CL vara”, 一枝笔 *yì zhī bǐ*, “um – CL lápis”. Nestes casos, não se pode dizer * 一枝棍子 *yì zhī gùnzi*, * 一根笔 *yì gēn bǐ*, apesar de os dois objetos terem o mesmo formato. Até o mesmo objeto, dependendo da sua denominação, poderá ser referido pelo uso de um classificador específico, como em 一位先生 *yí wèi xiānshēng*, “um – CL honorífico senhor”, 一个人 *yí gè rén*, “um - CL genérico pessoa” (como no sistema de gênero do alemão ou esloveno, em que uma mesma “mulher” pode ser tanto *die Frau* ou *das Weibi*; a mesma “cabeça” pode ser *der Kopf* ou *das Haupt*). Enfim, para o autor, os classificadores, na gramática, são uma questão de expressão e não uma questão objetiva.

Contraditoriamente, entretanto, Chao (1968) afirma que existem alguns substantivos que aceitam mais de um classificador. Justifica pelo fato de esses substantivos apresentarem distinção semântica. Por exemplo, 一扇门 *yí shàn mén*, “um – CL leque porta” indica uma referência direta à porta, enquanto 一道门 *yí dào mén*, “um – CL caminho porta” indica o lugar de saída e entrada de pessoas. O classificador 个 *gè*, “classificador genérico/individual” pode substituir quase todos os

classificadores específicos. Por exemplo, 一个门 *yí gè mén*, “um – CL genérico porta” pode substituir 一扇门 *yí shàn mén* e 一道门 *yí dào mén*. O autor não explica, contudo, o porquê desses diferentes usos.

(2) Nomes de massa: os nomes de massa não têm um classificador específico. Seu emprego dependerá do contexto no qual o substantivo está inserido. Quando o nome de massa sofre delimitação por um composto Determinante-Medidor (D-M), o medidor pode ser dos seguintes tipos:

(a) Uma unidade de medida: 一尺布 *yí chǐ bù*, “um M - metro pano”;

(b) Um recipiente, de contagem ou ocasional: 一杯茶 *yí bēi chá*, “um –M copo de chá”, 一身雪 *yí shēn xuě*, “um –M corpo de neve”, 一屋烟 *yí wū yān*, “um –M quarto de fumaça”;

(c) Um medidor de segmento: 一点水 *yí diǎn shuǐ*, “um –M pouco água”, 那些酒 *nà xiē jiǔ*, “aquele – M tanto bebida alcoólica”;

(d) Uma forma da massa: 两堆土 *liǎng duī tǔ*, “dois – M monte terra”, 一块布 *yí kuài bù*, “um – M pedaço pano”.

(3) Nomes coletivos: é necessário distinguir entre os nomes, ou os medidores das coisas que se tornam coletivos, e o que a gramática denomina de nome coletivo. Por exemplo, 团体 *tuántǐ*, “grupo”, 阶级 *jiējí*, “classe”, 群 *qún*, “bando”, 队 *duì*, “pelotão”, 套 *tào*, “conjunto” - todos se referem a objetos coletivos, mas os dois primeiros são nomes individualizados, por poderem ser antecidos por 个 *gè* (一个团体 *yí gè tuántǐ* “um-M grupo”, 两个阶级 *liǎng gè jiējí*, “duas-M classes”). Já os três posteriores são medidores (一群鸟儿 *yí qún niǎor*, “um – M bando pássaros”, 一队兵 *yí duì bīng*, “um – M pelotão soldados”, 一套衣服 *yí tào yīfú*, “um – M conjunto vestuário”). Apesar de, em seus próprios exemplos, haver classificadores antes dos nomes coletivos, Chao

(1968) afirma que os classificadores não podem ser empregados com os nomes coletivos; somente podem ser empregados com os medidores de contagem ou medidores de segmento. Por exemplo, 那些孩子们 *nà xiē hái zǐ men*, “aquela –M plural crianças”, 一套桌椅 *yì tào zhuō yǐ*, “um – M jogo mesa e cadeira”.

(4) Nomes abstratos: os nomes abstratos não podem utilizar medidores individuais ou medidores de massa. Somente podem utilizar medidores de classe – como 种 *zhǒng*, “tipo”, 类 *lèi*, “classe”, 派 *pài*, “escola/facção” – e medidores de segmento – como 些 *xiē*, “algum” e 点儿 *diǎnr*, “pouco”. Vários substantivos referentes a objetos abstratos, contudo, são, em termos gramaticais, nomes individuados ou de massa. 学说 *Xuéshuō*, “doutrina”, 梦 *mèng*, “sonho” e 戏 *xì*, “teatro”, nas frases de 两个学说 *liǎng gè xuéshuō*, “duas - M genérico doutrina”, 一个梦 *yí gè mèng*, “um - M sonho”, 三场戏 *sān chǎng xì*, “três - M peças teatro” exibem propriedades de nomes individuados. Já 工夫 *gōngfū* e 力量 *lìliàng*, em 三分力量 *sān fēn lìliàng*, “três - M partes esforço” e 四年工夫 *sì nián gōngfū*, “quatro anos trabalho” comportam-se como nomes de massa, segundo o autor.

Por fim, Chao (1968, p. 263) define um medidor ou um classificador como “[...] um morfema delimitado que forma um Determinante-Medidor (D-M) composto com determinativos”. O autor distinguiu nove subclasses de medidores-classificadores:

(1) Classificador (Mc). Cada nome tem um classificador específico. Há também o “individualizador genérico” 个 *gè*, que pode anteceder qualquer substantivo. Vários nomes têm mais do que um classificador. De acordo com o significado do nome, empregam-se medidores diversos:

一扇门 *yí shàn mén*, “uma folha porta”; 一道门 *dào mén*, “*um caminho porta”; 一个人 *yí gè rén*, uma “classificador genérico” porta”.

这本书zhè běn shu, “este tomo livro”; 这部书zhè bù shu, “*um volume livro”;
这个书zhè gè shu, “este livro”.

Chao (1968) observa que vários classificadores não têm equivalência na tradução para outras línguas. Por exemplo, em português, seria estranho uma locução do tipo: *uma folha porta ou * um tomo livro.

(2) Classificadores entre V-O (Mc’). O tipo de classificador anterior une-se aos substantivos, formando uma expressão D-M N, tendo a função de sujeito ou de objeto, ou ainda de delimitador. Este tipo de classificador aparece, principalmente, dentro do complemento objeto. O medidor Mc’ pode ser duplicado e, neste momento, precisa estar na frente do verbo. Exemplo:

句jù, “frase”: 说...话shuō... huà, “falar ... palavra”; 问...话wèn...huà, “perguntar ... palavra”.

(3) Medidor coletivo (Mg). Diferente de Mc, a maioria destes medidores pode estar acompanhada por 的de, “de” - genitivo. Os que não podem ser acompanhados por 的de “de” estão sinalizados com *de.

对(儿)duì(er), “par” - *de: 鸽子gēzi, “pombo”; 眼睛yǎnjīng, “olhos”; 夫妻fūqī, “casal”.
打dǎ, “dúzia”: 一打的鸽子yí dǎ de gēzi, “uma dúzia de pombo”.

(4) Medidor de segmento (Mp). Trata um segmento como um todo. Esta oposição é, no entanto, um problema de ponto de vista, porque um determinado grupo de entidades individuadas pode ser, ao mesmo tempo, uma parte de um grupo maior. Só pode ser antecedido pelo numeral 一yī, “um”:

些 *xiē*, “plural: uns, alguns”: 一些事情 *yì xiē shìqíng*, “uns assuntos”.

(5) Medidores de recipiente (Mo). Basicamente são substantivos que, nessa posição, se tornam medidores (têm o seu próprio medidor *gè*, “medidor individuado e genérico”, entre outros). Esta subclasse é aberta.

盒 *hé*, “caixinha”: 一盒火柴 *yì hé huǒcái*, “*uma caixa fósforo”.

(6) Medidores ocasionais (Mt). Da mesma forma que os medidores de contagem e de recipiente, os Mt, basicamente, são substantivos. A diferença, em relação ao medidor de contagem e de recipiente, é que o medidor ocasional utiliza o âmbito ou extensão para medir; dificilmente utiliza recipiente para medir. A sua característica particular, em relação aos demais medidores, é que não permite outro determinante, fora o *yī*, “um”, como precedente, sendo que o significado deste *yī*, “um”, é no sentido de completo, inteiro, cheio. O medidor ocasional não pode ser duplicado no uso, para indicar referência. Veja o exemplo:

身 *shēn*(*zi*), “corpo”: 一身雪 *yì shēn xuě*, “*um corpo neve”.

(7) Medidor padrão (Mm). Os medidores-padrão são as unidades de pesos e medidas.

A forma do medidor-padrão é semelhante ao *Mc'* e ao *Mg* (vide Quadro 1). As diferenças entre eles são: primeiro, *Mc'* tem uma relação direta com a estrutura V-O, enquanto o *Mm*, não; segundo, *Mm* pode ter a expressão $n_1-M_1 n_2-(M_2)^2$, em que M_2 é uma unidade de medida menor do que M_1 , como 六尺三(寸) *liù chǐ sān (cùn)*, “seis

² “n” para numeral e “m” para medidor.

pés três (polegadas)”, com a possível omissão de M_2 , enquanto M_g , coletivos não têm unidades menores.

(8) Quase-Medidor (Mq). Os quase-medidores também são chamados de medidores autônomos. Estes são medidores, porque são antecidos por numerais ou outros determinantes, ao mesmo tempo em que se diferenciam de outros medidores, por serem autônomos, não pertencendo a qualquer classe de nomes.

Por exemplo:

两国的人 *liǎng guó de rén*,

dois país de pessoa,

“pessoa de dois países”

e

两锅的饭 *liǎng guō de fàn*,

duas panelas de comida,

“duas panelas de comida”.

Chao (1968) observa que “pessoa de dois países” significa uma pessoa que tem dois países, e não que dois países têm pessoas; enquanto que a segunda frase significa que há mais de duas panelas de comida e não uma comida que pertence a duas panelas. A maioria dos medidores de precisão é igual aos medidores-padrão, no sentido de que pode ser seguida de um adjetivo e, no meio, ainda pode ser inserido um 那么 *nàme*, “assim”. Por exemplo: 两年(那么)长 *liǎng nián (nàme) cháng*, “dois anos (assim) longos”; 三站(那么)远 *sān zhàn (nàme) yuǎn*, “três paradas (assim) longe”.

Apesar de não ser objeto da presente dissertação, a título de registro e para mostrar a análise completa de Chao (1968), citamos que existem classificadores verbais:

(9) Medidores verbais (Mv). Os medidores verbais demonstram a quantidade da ação (ou do evento). Podem ser:

(a) o próprio verbo, como 看一看 *kàn yí kàn*, “olhar um olhar” ou “dar uma olhada”. (Por isso, a criação de 看看 *kànkàn* “olhar-olhar”);

(b) o segmento do corpo que realiza esta ação, como 打一拳 *dǎ yì quán*, “bater um soco”;

(c) um instrumento pela qual a ação é performada, como 放一箭 *fàng yì jiàn*, “lançar uma flecha”.

O medidor verbal é o próprio objeto do verbo. Caso haja outro objeto, deve-se observar se é nome ou pronome. O nome posiciona-se após o verbo; o pronome se posiciona antes do medidor verbal.

Chao (1968) resume a sua subclassificação de medidores (classificadores) no quadro 1, abaixo:

	> 1	Exemplo	Duplicação	的 de	Substantivo	Listável
(1) Mc Classificadores ou Medidores individuados	✓	个 <i>gè</i> “classificador genérico”	(✓)	*	人 <i>rén</i> “pessoa”	✓
(2) Mc’ Classificador entre o V-O	✓	句 <i>jù</i> “frase”	(✓)	()	画 <i>huà</i> “palavra”	✓
(3) Mg Medidor coletivo	✓	行 <i>háng</i> “fila/fileira”	(✓)	()	字 <i>zì</i> “ideograma”	✓
(4) Mp Medidor de segmento	✓	堆 <i>duī</i> “monte”	(*)	()	土 <i>tǔ</i> “terra”	✓
(5) Mo Medidor de volume	✓	锅 <i>guō</i> “panela”	(*)	()	面 <i>miàn</i> “macarrão”	*
(6) Mt Medidor ocasional	*	地 <i>dì</i> “chão”	*	✓	东西 <i>dōngxi</i> “coisa”	*
(7) Mm Medidor padrão	✓	尺 <i>chǐ</i> “chi” (medida)	(✓)	✓	布 <i>bù</i> “pano”	(✓)
(8) Mq Quase-Medidor	✓	课 <i>kè</i> “aula”	(✓)	*	*	(✓)
(9) Mv Medidor verbal	✓	趟 <i>tàng</i>	(✓)	*	*	✓

Quadro 1: Tipos de Classificadores, segundo Chao.

Fonte: Chao, 1968, p. 277.

Shao (1993) traz uma visão que se contrapõe à idéia dos estudiosos anteriores, de que a combinação entre os classificadores e os substantivos é meramente uma convenção social. Segundo o autor, por detrás deste “costume”, há de se ter uma regra e uma tendência de uso. Para Shao, muitas pesquisas sobre os classificadores adotam uma posição estática, isto é, em que apenas o classificador é considerado na descrição e na análise. Shao (1993), então, adota o ponto de vista da semântica dinâmica, ou seja, descreve e analisa não só os classificadores, mas também os substantivos, em suas modificações restritivas e não-restritivas (traços de seleção), para desenvolver uma análise semântica dos classificadores. Assim, o autor estabelece uma rede combinatória de seleção bidirecional entre os classificadores e os substantivos, bem como três níveis de seleção dos

classificadores. Essa rede revela as características opostas e complementares dos quatro grupos semânticos dos classificadores: 1) precisão e imprecisão/ambigüidade (fuzzy); 2) polissemia e relações de sentido; 3) sinonímia e polissemia; 4) concretude e abstração semântica dos classificadores. A diferença, na essência dos classificadores, é o resultado das trocas entre as pessoas, a partir de pontos de vista e de maneiras diversas, observando as entidades. Incluímos a sua discussão, no nosso texto, pela importância de sua contribuição.

Shao (1993) estabeleceu os traços semânticos dos classificadores, em três tipos: com contorno, sem contorno e de recipientes. O contorno das entidades, geralmente, é tomado a partir de uma referência característica e saliente da percepção visual humana. O autor ainda subdivide os classificadores em classificadores de forma e classificadores de movimento. Embora diferentes entidades se distingam na forma, são três as formas mais empregadas para as entidades contáveis e não-contáveis:

- ponto – como 点 *diǎn*, “ponto” - e formas associadas - como 颗 *kē*, “esfera”; 滴 *dī*, “gota”; 星 *xīng*, “migalha”; 丸 *wǎn*, “pílula”, etc.
- linha - como 线 *xiàn*, “linha” - e formas associadas - como 丝 *sī*, “fio”; 条 *tiáo*, “tira”; 枝 *zhī*, “galho”, etc.
- plano - como 面 *miàn*, “rosto”; 片 *piàn*, “camada”; 方 *fāng*, “quadrado”; 汪 *wāng*, “charco”, etc.

Shao (1993), assim como Wang (1955), observa que a maioria dos classificadores é uma derivação dos substantivos. Trata-se de uma classe aberta - como 叶 *yè*, “folha”, de 一叶轻舟 *yí yè qīngzhōu*, “um-CL folha barco” -, quando o

classificador se combina ao substantivo, tendo uma função modificadora, no nível de descrição, da metáfora ou de efeito semântico no texto.

Os classificadores de movimento dizem respeito às entidades que decorrem de ações relacionadas a verbos, sendo, assim, considerados como modificadores do substantivo associado. Por exemplo:

串 *chuàn*, “conto, cacho”; 堆 *duī*, “empilhamento, montão”; 叠 *dié*, “empilhamento”, etc.

Shao (1993) observa que este tipo de classificador é derivado do verbo. Conquanto que certas entidades não se originem de algum movimento, mas em função da semelhança, também pode ser utilizado desta forma. Por exemplo:

一串珍珠 *yí chuàn zhēngzhū*, “um-CL conto pérolas” e 一串葡萄 *yí chuàn pútáo*, “um-CL cachos uva”

Shao (1993) observa que a aparência externa das entidades é dinâmica e, muitas vezes, de difícil descrição ou classificação. Outras entidades não têm nenhuma característica externa saliente. Então, necessitam ser observadas por um outro ângulo. Este é o tipo de classificador sem contorno definido. O autor dividiu este grupo de classificadores em quatro subtipos: substituição, empréstimo, convencional e especializados.

(a) Substituição: de acordo com a parte mais representativa da entidade para evidenciar o seu todo, isto depende, principalmente, da ligação entre as partes com o todo da entidade. Por exemplo:

一口猪 <i>yí kǒu zhū</i>	一头牛 <i>yí tóu niú</i>	一尾鱼 <i>yí wěi yú</i>
“um-CL <u>boca</u> porco”	“um-CL <u>cabeça</u> bovino”	“um-CL <u>rabo</u> peixe”

(b) Empréstimo: o classificador por empréstimo toma a dinâmica, a ferramenta, a localização ou o período de duração da entidade, para demonstrar a sua característica. Isto depende, principalmente, da interdependência entre as entidades. Por exemplo:

一幕戏 <i>yí mù xì</i>	一刀纸 <i>yí dāo zhǐ</i>	(ferramenta)
“um-CL <u>pano</u> teatral”	“um-CL <u>faca</u> papel”	
一床被 <i>yí chuáng bèi</i>	一桌菜 <i>yí zhuō cài</i>	(localização)
“um-CL <u>cama</u> coberta”	“um- <u>mesa</u> comida”	
一阵雨 <i>yí zhèn yǔ</i>	一任县长 <i>yí rèn xiànzhǎng</i>	(período)
“um-CL <u>período</u> chuva”	“um- <u>mandato</u> distrital”	

(c) Convencional: o significado e o emprego do classificador estão consagrados pelo uso. Isto depende, especialmente, da obtenção de concordância entre os sujeitos e as entidades. A autora reúne todas as medidas neste grupo. Por exemplo³:

<i>duì</i>	<i>shuāng</i>	<i>fù</i>	<i>bāng</i>	<i>tào</i>	<i>bān</i>	<i>nián</i>	<i>jì</i>	<i>fēn</i>
对	双	副	帮	套	班	年	季	分
“casal”	“par”	“par”	“bando”	“conjunto”	“turma”	“ano”	“estação”	“minuto”

(d) Especializados: estes são os classificadores para indicações específicas. Isto dependerá, em particular, da especificidade de sentido do substantivo (ou de muitos poucos verbos) que se gramaticalizou em classificador. Por exemplo, para assunto ou negócio: 件 *jiàn*, 项 *xiàng*, 庄 *zhuāng*, etc., como em 一件事情 *yí jiàn shìqíng* “um-CL peça assunto; para pessoa ou animal: 个 *gè*, 位 *wèi*, 名 *míng*, 员 *yuán*

³ A listagem do autor pode ser ainda dividida em três subgrupos: das entidades que se agrupam em pares, dos classificadores para todo o tipo de agrupamento humano e o grupo das medidas temporais.

一名教练 *yì míng jiàoliàn*; para graduação de classe, categoria, grau, hierarquia: 等 *děng*, 级 *jí*, 流 *liú*, 层 *céng*, 品 *pǐn*, como 一流人物 *yì liú rénwù* “um-CL nível cidadão”; para classificação: 种 *zhǒng*, “tipo”; 类 *lèi*, “classe”; 样 *yàng*, “amostra”, como 一种东西 *yì zhǒng dōngxī* “um-CL tipo coisa”; para família: 世 *shì*, 代 *dài*, “geração”; 辈 *bèi*, “posição na linhagem”; 门 *mén*, “casamento”, etc, como 四世同堂 *sì shì tóngtáng* “quatro-CL geração viva”.

A definição de Shao (1993) para os classificadores de recipientes é semelhante ao que Wang (1955) chamou de termos de conteúdo e ao que Chao (1968) chamou de medidores ocasionais. Como tais, estes classificadores são ocasionais ou tomados por empréstimo, bem como formam uma classe aberta, com a validade da combinação determinada pelo bom-senso.

O autor ainda dividiu-os em dois subtipos, os recipientes e os aderentes. Para Shao (1993), o classificador aderente é aquele substantivo de lugar, que está em uma posição sintática de um classificador e determina o lugar de aderência da entidade. Como é uma referência à entidade, como um todo, o numeral que normalmente acompanha estas construções é o “um”. Caso seja uma entidade em par, também pode ser usado o numeral “dois”. É uma classe aberta.

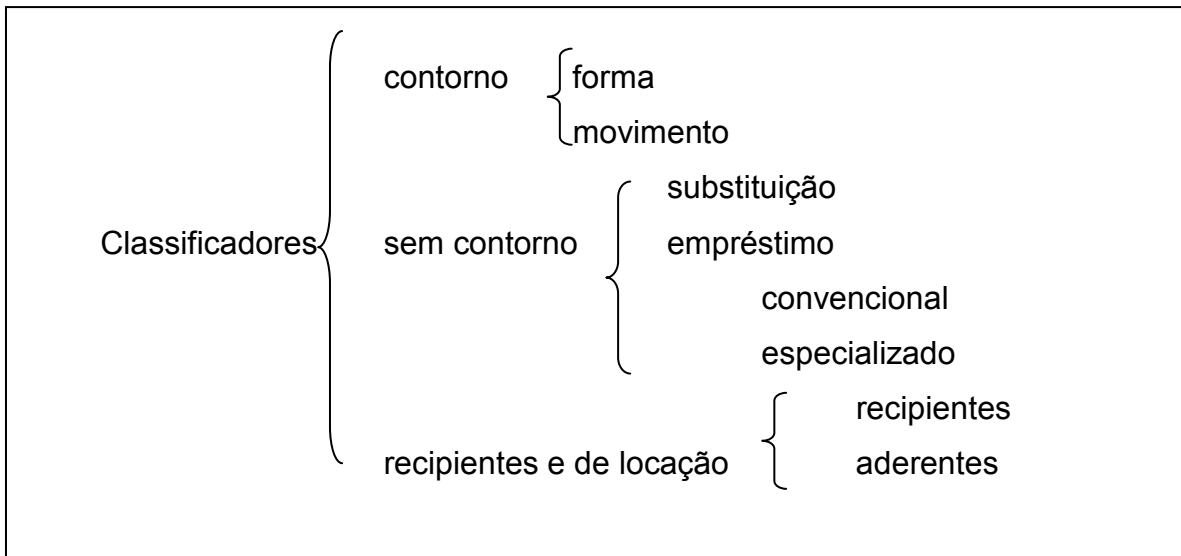
Entidades que estejam em estado líquido ou pastoso e corpos que tenham a proporção de poeira têm a possibilidade de se aderir a outros corpos. Por exemplo:

一脸水 <i>yì liǎn hànshuǐ</i> ,	一群血污 <i>yì qún xuèwū</i> ,	一头灰尘 <i>yì tóu huīchén</i> ,
“um-CL <u>rosto</u> suor”	“um-CL <u>saia</u> sangue”	“um-CL <u>cabeça</u> poeira”

Shao (1993) afirma que, quando ocorre a combinação entre o substantivo e o classificador, o substantivo sempre se localiza em uma posição de comando

restritivo; impõe restrições de seleção ao classificador. O contrário também ocorre, quando o classificador exerce, igualmente, uma força contra-restritiva ao substantivo. Estes traços de restrição e contra-restrrição semântica especificam as combinações possíveis, entre os substantivos e os classificadores, em um contexto dado.

O quadro abaixo sintetiza os tipos de classificadores de Shao (1993):



Quadro 2: Tipos de Classificadores, segundo Shao.

Fonte: Elaborado pela autora.

Segundo o autor, de acordo com o traço semântico e a possibilidade combinatória do substantivo, a função semântica combinatória do classificador pode ser dividida em três situações:

(a) específica: somente empregável a um objeto específico. O significado do classificador é único, bem como é mais concreto. Por exemplo:

盞 *zhǎn*, para “lâmpada”; 间 *jiān*, para casa; 艘 *sōu*, para barco

(b) compartilhada: pode ser empregada a mais de dois objetos. O classificador é polissêmico. Na maioria das situações, estes significados permanecem e estabelecem uma relação em cadeia. Por exemplo:

Classificador	Grupo de entidades	Exemplo
家 <i>jiā</i>	Pessoa	agente, operário, agricultor, professor, etc.
	Ramo de atividade	indústria, banco, editora, empresa, etc.
所 <i>suǒ</i>	Imóvel	casa, edifício, fábrica, etc.
	Local de trabalho	universidade, hospital, igreja, etc.
群 <i>qún</i>	Coletivo	peças, animais, arquipélago

Quadro 3: Exemplo de Função Semântica Combinatória.

Fonte: Elaborado pela autora.

Uma minoria de classificadores é composta de homófonos e homógrafos e, pelo significado, não se consegue perceber uma relação interna. Por exemplo:

Classificador	Grupo de entidades	Exemplo
匹 <i>pǐ</i>	Animais montáveis	cavalo, burro, jegue, camelo, etc.
	Produto têxtil	tecido, seda, cetim, nailom, etc.

Quadro 4: Exemplo de Classificador Homófono e Homógrafo

Fonte: Elaborado pela autora.

(c) genérica: envolve os classificadores mais comuns e que podem ser empregados a vários tipos de objetos. As suas combinações com o substantivo são mais abertas. Este tipo de classificador tem o seu significado mais esvaziado. Dentre estes, o prototípico é o 个 *gè* [+individuado], que pode ser usado para pessoas, animais, vegetais e mobiliários.

Shao (1993) ainda determinou três etapas de seleção dos classificadores, que ocorrem na seleção dos substantivos com os classificadores, devido a vários insumos influenciadores. As etapas são:

1. seleção de um grupo de classificador provável ou potencial, para um dado substantivo;

2. seleção de um classificador específico, demonstrado através de uma combinação realística;

3. seleção sinonímica, demonstrado através de uma combinação, conforme o contexto e a vontade do falante.

Como efeito contra o condicionamento dos classificadores aos substantivos, Shao (1993) descobriu três regras, descritas abaixo.

1. As características semânticas codificadas em um classificador serão transferidas ao substantivo que ele acompanha.

2. Quando um classificador é empregado a uma entidade abstrata ou sem uma forma exterior específica, este classificador transfere a sua característica semântica à entidade referida.

3. Caso o significado do classificador seja claramente definido, a combinação de escolha junto ao substantivo é única, mesmo que o substantivo não esteja explicitado, não ocorrendo mal-entendido. Neste momento, a construção classificador-numeral pode substituir o substantivo ou, de outro ponto de vista, o substantivo pode ser elíptico. Isto ocorre, principalmente, adicionando o verbo que restringe, ainda mais, o campo semântico. Desta forma, o significado interno da construção classificador-numeral fica mais evidenciado.

Shao (1993) constata o emprego de diferentes componentes de um mesmo grupo de classificadores selecionáveis e afirma que este gera, no ouvinte, sensações diversas. Segundo o autor, é nisto que reside a característica e o emprego dos classificadores.

De acordo com Shao (1993), para haver uma combinação entre o substantivo e o classificador, é necessário somente que haja uma intersecção de traços. Essa

conclusão é feita a partir da análise dos traços semânticos de classificadores e de substantivos. Por exemplo:

Entidade: Água: [+líquido][+multiforme]	滴 <i>dī</i> , “gota”: [+líquido][+forma em ponto]
汪 <i>wāng</i> , “charco”: [+líquido][+profundidade]	滩 <i>tān</i> , “praia”: [+líquido][+extensão][+plano]
片 <i>piàn</i> , “camada”: [±líquido][-extensão][+plano]	股 <i>gǔ</i> , “madeixa”: [±líquido][+grupo][+longo]

2.3 Abordagens Históricas

Entendemos a língua como um meio de expressão e produto de interação entre as pessoas e entre as pessoas e as entidades que as cercam, inseridas em um dado contexto histórico. Para se chegar a uma abordagem contemporânea sobre os classificadores nominais específicos, segundo a nomenclatura dada por Erbaugh (1986), faz-se necessário uma breve descrição histórica da evolução dos classificadores na língua chinesa.

Na literatura, encontramos lingüistas como Lü (1941), Wang (1955), Liu (1959), Erbaugh (1986), e Chen (1999, 2002), que realizaram uma ampla pesquisa histórica sobre o surgimento e o uso dos classificadores. Os dados das pesquisas revelam que, embora os classificadores nominais sejam empregados desde épocas muito remotas, os classificadores nominais específicos somente iniciaram o seu desenvolvimento, no período das Dinastias Wei, Jin e NanBei, doravante NanBei, correspondendo aos anos de 220 a 590 da Era Atual (LIU, 1959).

Segundo Liu (1959), o emprego dos classificadores específicos era extremamente raro na China Antiga (antes de 220 da Era Atual). Estes foram

originalmente usados, apenas, para especificar ao máximo os itens concretos, discretos e contáveis, em especial para inventariar bens valiosos, em cenas de discurso de compra, de comércio, inventário, narração e solicitação de itens ou ações. Os classificadores específicos são numerosos e variados; mantêm esta função de discurso até os dias atuais.

Conforme Liu (1959), a categoria, a função e a estrutura sintática dos classificadores nominais específicos se estabeleceram e se desenvolveram na Dinastia NanBei e se estabilizaram até os dias de hoje. Constituíram-se, assim, como um dos componentes do sintagma nominal, cuja função sintática é de complemento (preferencialmente nominal), sendo obrigatório na ligação entre o numeral e o substantivo, podendo ser ainda antecedido por um adjetivo.

Segundo Liu (1959), a função dos classificadores nominais específicos deriva dos substantivos. No período da Dinastia Wei (220 da Era Atual), já se observava iniciar a normatização da combinação entre os classificadores e os substantivos. A função dos classificadores é de qualificar o substantivo e o resultado desta função exerceu larga influência na gramática do chinês-mandarim. Em princípio, não havia a necessidade da classificação de substantivos no chinês-mandarim; em determinado momento, quando das intensificações comerciais, devido à popularização do uso de classificadores de medida, então, começou-se a dividir os substantivos em diferentes pequenos domínios. Segue o exemplo de um excerto:

但将取纸三百张，笔十管，墨五挺，安我墓里（搜神记）

Dàn jiāng qǔ zhǐ sān bǎi zhāng, bǐ shí guǎn, mò wǔ tǐng, ān wǒ mù lǐ (Sōushén jì).

“Mas tire papéis trezentos –CL para coisas planas, pincéis dez –CL para coisas em forma de tubo, tinta cinco –CL para recipientes longos, coloquem dentro de meu túmulo” (EM BUSCA DOS DEUSES⁴, apud LIU, 1959, p. 530).

Este excerto retirado de um romance é um exemplo do início da função dos classificadores naquele período, isto é, a classificação dos referentes de sintagmas nominais, com base em características perceptivas dos objetos. Desse modo, surgiram classes de entidades que, no universo do discurso, atribuirão o significado dos classificadores à classe de coisas “relativas à boca” (pessoas, porcos, etc.), “relativas à cabeça” (burro, boi, cabra, etc.), “relativas a plano” (papel, mesa, etc...), etc.

Trata-se do estabelecimento de uma regra, em que a ligação entre o numeral e o substantivo tem de ser feita através de um classificador, que contribui para explicitar uma dada informação e ajuda a enriquecer a função retórica do sintagma nominal, como no exemplo abaixo:

江南无所有，聊赠一枝春（陆凯：赠范晔诗）

Jiāngnán wú suǒ yǒu, liáo zèng yì zhī chūn. (Lu Kai: Poema ao Fan Ye) (LIU, 1959, p. 532).

“Em Jiangnan não tem nada, meramente presenteio-lhe com um CL-galho primavera”.

Na tradição chinesa, o poema acima é considerado célebre, justamente pela sua economia, permitida pela referência implícita à “flor”, através do emprego do classificador 枝 *zhī* “CL-galho” com “primavera”. Tal efeito só é possível, segundo Liu (1959), graças ao classificador. Este, segundo a nossa análise, devido ao modelo

⁴ A indicação aqui está sendo feita pelo título da obra, conforme citação do autor.

metonímico, parte pelo todo do sistema conceitual humano. O galho no poema representa a flor.

A regularidade do uso dos classificadores especiais entre o numeral e o substantivo na Dinastia NanBei, comentada acima, representou um grande avanço histórico na evolução dos classificadores, pois, se antes o uso era eventual, a partir deste período, observou-se uma regularidade (LIU, 1959). De acordo com Liu (1959), do ponto de vista morfológico, esta regularidade formou uma nova categoria gramatical, o classificador. Do ponto de vista sintático, esta regularidade, apesar de o numeral e de o classificador estarem ainda pospostos ao substantivo, desencadeou um novo regramento de construção frasal: para a formação de um sintagma nominal com a presença das categorias numeral e substantivo, deve haver um classificador entre eles. A formação e o desenvolvimento dos classificadores, especialmente o dos classificadores específicos, tiveram uma clara influência na gramática chinesa, gerando a necessidade de se ter classificadores, também, como complemento do núcleo verbal, no nível do sintagma verbal.

A finalidade deste capítulo foi realizar uma revisão da literatura no que tange aos classificadores, particularmente dos classificadores nominais chineses. Para responder a esta tarefa, realizamos primeiramente a distinção entre classes nominais e sistemas léxico-sintáticos de classificação nominal, exposta por Dixon (1986); depois disso, apresentamos as análises semânticas de Lyons (1977), em que este autor define os classificadores como a classe de palavras que se localiza entre o numeral e o substantivo, distingue as línguas classificadoras das línguas indo-européias, bem como propõe dois tipos de classificadores. Allan (1977, 2001) e Denny (1976, 1986) foram os autores que mais se debruçaram na análise das unidades internas dos classificadores nominais. Allan (1977) foi o pioneiro, ao

investigar mais de 50 línguas classificadoras no mundo. Definiu os classificadores em quatro tipos, com a seguinte característica: “[...] denota características percebíveis ou atribuídas a entidade ao qual o nome associado se refere” (ALLAN, 1977, p. 285). Organizou as línguas classificadoras em oito categorias. Centrou-se nas propriedades inerentes da classe e forneceu uma lista exaustiva de características semânticas. Denny (1976, 1986) focou a sua pesquisa dos classificadores na sua função interacional e dividiu-os em três tipos de interações.

Chegamos à conclusão de que a hipótese de Allan e a hipótese funcional de Denny são complementares. Ainda falta, contudo, explicar a sua relação com a cognição humana.

Segundo o nosso ponto de vista, a revisão da análise dos classificadores nominais, realizada por estudiosos chineses, demonstrou que sistematicidade e generalizações – com as exceções justificadas pela convenção social ou hábito de uso – não são condições suficientes e necessárias, para dar conta da explicitação das razões de variabilidade de uso do classificador, perante a entidade a que se refere. Até o momento, não há uma abordagem cognitiva, em que se tome a categorização mental como reflexo do modo com que uma determinada comunidade percebe as entidades que a cercam. Portanto, nos capítulos seguintes, analisaremos o objeto em questão – os classificadores nominais específicos – à luz de uma nova proposta: a semântica cognitiva, cujo arcabouço teórico-metodológico apresentaremos no próximo capítulo.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

No capítulo anterior, realizamos uma revisão bibliográfica, e, acreditando que as abordagens explanadas não dão conta do fenômeno de classificação, apresentamos, a seguir, a abordagem semântico-cognitiva experiencialista.

A cognição é a ação e o processo de conhecimento, que envolve a percepção, a memória, a compreensão e o pensamento humano. Tem uma relação fundamental com a nossa mente e é a reflexão de nosso entendimento do mundo. A língua(gem) é o produto da mente humana, e é a mais característica dentre as atividades cognitivas humanas (LAKOFF, 1987). Deste modo, na produção da linguagem, a cognição tem um papel essencial. Com o incremento do conhecimento obtido da cognição humana, a lingüística cognitiva vem ocupando um lugar único, na explanação de vários fenômenos lingüísticos, e ganhando força continuamente.

Segundo Craig (1986), a análise dos sistemas de classificação tem sido feita através da abordagem da Semântica Cognitiva, porque esses sistemas podem ser vistos como uma instância de um dispositivo lingüístico de categorização. Além disso, se o que os classificadores definem são categorias, então eles devem ser o caso de uma categorização evidente na língua. Neste sentido, o seu estudo pode contribuir à compreensão do fenômeno global da categorização humana.

O estudo dos sistemas de classificação, em línguas naturais, tem muito a contribuir para o avanço da compreensão da natureza da categorização, da

cognição humana, e da natureza da estrutura semântica da língua. Em particular, o estudo revela que o significado não é uma propriedade das elocuições, mas um produto da interação entre uma elocução e a “base de conhecimento” dos seres humanos – uma idéia que introduz uma importante dimensão relativista ao processo de interpretação. Esta visão de linguagem e interpretação faz com que a teoria lingüística seja muito mais relacionada às disciplinas (de caráter mais social), tais como estudos etnográficos e culturais, do que aquelas abordagens baseadas em estudos formais, à qual a presente pesquisa está associada.

A semântica cognitiva experiencialista preocupa-se com os princípios que governam os fenômenos lingüísticos e, ao se interessar pelas gramáticas das línguas, dá especial atenção aos conceitos que são ou não gramaticalizados pelas línguas. Assim, tem uma preocupação pelo modo como compreendemos nossas experiências e se questiona sobre o porquê de os seres humanos terem o sistema conceitual que têm. Para um lingüista cognitivista, importa concluir “[...] as hipóteses relativas à organização conceptual como parte do que caracteriza o sistema conceptual, [...] sistemas conceptuais com diferentes organizações, são sistemas diferentes” (LAKOFF, 1987, p. 334).

A fim de expor a teoria semântico-cognitiva experiencialista, que constitui o arcabouço teórico escolhido para a análise dos classificadores nominais chineses, este capítulo está subdividido em três seções. Isto ocorre porque se refere a uma proposta semântica, que é o resultado da incorporação de uma série de princípios e conceitos. Na primeira seção, apresentamos, de forma sintética e seletiva, os fundamentos filosóficos. Na segunda seção, expomos os fundamentos cognitivistas, iniciando pela Teoria Prototípica de categorização de Rosch, o cerne da Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados. A seguir, apresentamos as influências teóricas mais

diretas, como a semântica de *frame*, de Fillmore (1985); a teoria da metáfora e metonímia, de Lakoff & Johnson (1980); a teoria dos espaços mentais, de Fauconnier (1996); e a gramática cognitiva, de Langacker (1986). Por fim, através das análises dos classificadores, realizadas por Dixon (1968, apud LAKOFF, 1986, 1987) e Downing (1984, apud LAKOFF, 1986, 1987), descrevemos o funcionamento dos Modelos Cognitivos Idealizados, em sua tipologia básica, quais sejam: os modelos de esquemas de imagens, os modelos proposicionais, os modelos metonímicos, os modelos metafóricos e os modelos simbólicos.

3.1 Fundamentos Filosóficos

Nessa seção, resumimos a epistemologia que dá sustentação filosófica à semântica experiencialista, enfatizando a discussão no “segundo” Wittgenstein. Esta discussão está intimamente relacionada ao Realismo Interno de Putnam (1981), do qual o Realismo Experiencialista da Semântica Cognitiva Prototípica é uma assumida versão. Primeiramente, expomos a teoria de categorização clássica, para, a seguir, expor as propriedades *wittgensteinianas*.

A abordagem da teoria de categorização clássica baseia-se na idéia de que as categorias são definidas por propriedades comuns. Isto quer dizer que uma categoria é formada pelo conjunto discreto de propriedades, que servem como condições suficientes e necessárias para a definição da categoria. Conseqüentemente, um objeto é um membro de uma categoria, se, e somente se, tiver todas características e critérios daquela categoria. Esta abordagem categorial tem desempenhado um papel central, em várias teorias formais na sintaxe e na

semântica. É também a principal teoria, que tem se desenvolvido há mais de 2 mil anos.

A teoria clássica prediz que as categorias são baseadas em propriedades comuns a todos os seus membros. Isto não está totalmente errado. Frequentemente, as coisas são categorizadas nessa base. Esta abordagem, contudo, não abarca o todo. Nos últimos anos, tem se tornado claro que a categorização é muito mais complexa do que isso. Desde os anos da década de 1960, a teoria clássica de categorização tem sido modificada por antropólogos (BERLIN; KAY, 1969; KAY; Mc DANIEL, 1978), psicólogos (ROSCH, 1978; TVERSKY; HEMENWAY, 1983, 1984), lingüistas (HOPPER; THOMPSON, 1984; LAKOFF, 1987) e filósofos (WITTGENSTEIN, 1953; PUTNAM, 1981). Graças aos seus esforços e pesquisas, uma nova teoria sobre a categorização surgiu, conhecida como teoria prototípica. Essa teoria afirma que a categorização é baseada em princípios, que vão além das asserções da teoria clássica. Iniciaremos pelos pressupostos filosóficos para, a seguir, adentrarmos-nos nas teorias cognitivas.

Wittgenstein da segunda fase (1953, apud LAKOFF, 1987; GIVÓN, 1986; OLIVEIRA, 1996) foi o primeiro filósofo a chamar a atenção para o problema da abordagem da categorização, pela teoria clássica. As categorias da teoria clássica são claramente delimitadas, pois todos os membros de uma categoria dada têm propriedades comuns. Wittgenstein contrapõe a visão clássica, através da análise das palavras como 'número' e 'jogo'.

Os membros da categoria 'jogo' não compartilham propriedades, em seu todo comum. Alguns jogos envolvem mero divertimento; em outros, não existe competição – ninguém perde ou ganha –, embora em outros jogos haja esta característica. Alguns jogos envolvem sorte; outros, destreza. Em outros, ainda,

ambas características são evidenciadas. Conquanto que os jogos não compartilhem de todas as propriedades, a categoria 'jogo' é formada pelo que Wittgenstein denominou de "semelhanças de família". Sabe-se que os membros de uma família se assemelham, entre si, de várias maneiras: podem compartilhar as mesmas estruturas físicas ou ter a mesma característica facial, a mesma cor de cabelo ou de olhos e, até mesmo, apresentar semelhanças de comportamento. Eles não precisam, necessariamente, contudo, compartilhar a mesma coleção singular de propriedades, que caracteriza os membros da família. A categoria jogo, neste sentido, parece-se com uma família. Os seus membros assemelham-se em determinadas características e distinguem-se por outras, como uma rede.

Wittgenstein também observou que não existem limites fixados para a categoria jogo. A categoria pode ser estendida e novos tipos de jogos podem ser introduzidos. O filósofo analisa os diferentes usos da palavra 'jogo' e conclui que estes não possuem uma propriedade comum, que permita uma definição acabada e definitiva. O que existe são elementos comuns, que se interpenetram. Assim, não há fronteiras definitivas, no uso das palavras, e sim "semelhanças de família entre conceitos" (WITTGENSTEIN, 1953, IF 67, apud OLIVEIRA, 1996, p. 130), que, freqüentemente, se apóiam entre os vários membros da mesma categoria, ou entre as várias categorias na meta-categoria supra-ordinal. As categorias não são discretas e nem absolutas, mas têm os seus limites difusos e contingenciais, de acordo com o contexto e o propósito de seu uso (GIVÓN, 1986, p. 78). As expressões não têm um significado definitivo. Assim, é possível haver novos casos de sua aplicação, que manifestem novas diferenças. Disto, surge o termo "abertura dos conceitos", que permite a adição de novos membros à categoria. Os conceitos humanos são essencialmente abertos, por admitirem a possibilidade de aplicação a

casos não previstos (OLIVEIRA, 1996, p. 131). A introdução, na década de 1980, de “jogos eletrônicos” é um caso em que as delimitações da categoria jogo foram estendidas em grande escala. Qualquer um sempre pode impor uma delimitação artificial para algum propósito: o que é importante, neste caso, é que extensões são possíveis, bem como limitações artificiais.

Wittgenstein (1953) cita também o exemplo da categoria ‘número’. Os números, primeiramente, eram considerados inteiros e foram estendidos, sucessivamente, para números racionais, para números reais, para números complexos e para outros tipos de números, inventados por matemáticos. Alguém, por algum propósito, pode limitar a categoria número para apenas os inteiros, ou somente para os números racionais, ou unicamente aos números reais. A categoria número, no entanto, não é delimitada de maneira natural; pode ser limitada ou estendida, dependendo da finalidade do sujeito.

O ponto de referência, o cerne da reflexão lingüística de Wittgenstein, segundo Oliveira (1996, p. 132-139), deixa de ser a linguagem ideal para se tornar a *situação* na qual o homem *usa* sua linguagem. Então, o único meio de saber o sentido das palavras e frases é a explicação dos contextos pragmáticos. Uma consideração lingüística que não atinge o contexto pragmático é, nesse sentido, essencialmente abstrata. É o caso da teoria da significação, no pensamento tradicional, para quem a linguagem é, em última análise, puro meio de descrição do mundo, sem a percepção de que a significação de uma palavra resulta das regras de uso, seguidas nos diferentes contextos de vida.

Wittgenstein (da segunda fase) também defende que o número de propriedades dos membros de uma categoria não é uniforme. Assim, existem membros mais centrais do que outros. O exemplo da categoria ‘número’, de

Wittgenstein, sugere que os números integrais são centrais, porque qualquer definição precisa sobre números deve incluí-los, enquanto que os outros membros, não necessariamente. Wittgenstein também assume que existe uma categoria singular, nomeada através da palavra jogo. O filósofo propôs que essa e outras categorias são estruturadas pela semelhança de família e por um conjunto de condições, que se aglutinam em torno de um membro prototípico ou representativo da categoria. Desta forma, a contribuição de Wittgenstein (da segunda fase) foi demonstrar a inadequação da visão clássica sobre a categorização. O autor contribuiu para a construção de uma teoria prototípica, no campo conceitual sobre categorias.

A Semântica Cognitiva Prototípica de Lakoff (1986) tem origem em Wittgenstein de segunda fase. O filósofo é uma das vertentes de embasamento do Realismo Interno de Putnam (1981), que será o pilar de sustentação dessa linha semântica. O Realismo Interno é construído em torno da idéia de que o mundo depende das representações que o homem faz de si, enquanto que o Realismo Metafísico sustenta que o mundo existe de modo autônomo, em relação à mente humana e às teorias que, a partir dela, formulamos. Dessa forma, numa visão epistêmica da realidade, a verdade é algo que se liga às capacidades cognitivas humanas, que é ou pode ser objeto de conhecimento possível.

De acordo com Putnam (1978, apud FELTES, 1992b), os conceitos não são entidades subjetivas particulares, mas modos de usar os signos, ou seja, o significado é, em certo grau, algo que está na cabeça dos homens, mas é, sobretudo, uma questão de referência. Esta “[...] é determinada pelas práticas sociais e por paradigmas físicos reais e não pelo o que ocorre no íntimo dos falantes individuais” (FELTES, 1992b, p. 129). Assim sendo, o Realismo Interno é,

resumidamente, uma teoria empírica da referência e do entendimento, que aqui assumimos como arcabouço filosófico.

3.2 Fundamentos Cognitivos

3.2.1 A Teoria Prototípica

Rosch contribuiu decisivamente para a mudança da visão clássica sobre categorização, por desenvolver pesquisas empíricas, no campo experimental da área da psicologia cognitiva. Sua contribuição veio a ser denominada como “teoria de protótipos e de categorias de nível básico” ou “teoria prototípica” (LAKOFF, 1987, p. 39). O resultado de suas pesquisas gerou duas categorias: efeitos prototípicos e efeitos de nível básico, demonstrando a inadequação da teoria clássica, para a uniformidade entre os membros da mesma categoria.

Rosch (1978) argumenta que as categorias, dentro das taxonomias de objetos concretos, estão estruturadas de tal forma que, geralmente, existe um nível de abstração em que as divisões mais básicas da categoria podem ser realizadas. Por categoria, a autora entende tratar-se de algo que signifique um número de objetos, considerados equivalentes – geralmente são designados por substantivos (por exemplo, cachorro, animal). Já taxonomia, Rosch define como um sistema pelo qual as categorias são relacionadas a uma outra, através de inclusão de classe, como a sistemática Linneana ou a tabela periódica dos elementos químicos.

Rosch (1978) também considera que a categorização humana não deve ser tomada como um produto arbitrário de ocorrências ou caprichos históricos, e sim

como o resultado de princípios psicológicos de categorização. A psicóloga e os seus colaboradores, através de pesquisas, chegaram a dois princípios gerais subjacentes, que formam os sistemas de categorização:

- 1) *economia cognitiva*: os sistemas de categorização têm por função e tarefa fornecer o máximo de informação, com o mínimo de esforço cognitivo, ou seja, reduzir as infinitas diferenças de estímulo ao comportamento e a proporção cognitivamente usável. É vantagem para o organismo não diferenciar um estímulo de outros, quando esta diferenciação é irrelevante aos propósitos em mãos.
- 2) *mundo perceptível estruturado*: os objetos materiais do mundo são percebidos como tendo estruturas altamente correlacionadas, e os atributos dos objetos são percebidos de acordo com as suas necessidades funcionais, a interação psicológica, os ambientes sociais e o nível cultural de um dado período do organismo que interage com este dado objeto. Por isso, a percepção não ocorre de maneira uniforme entre os organismos.

Segundo a psicóloga, esses dois princípios de categorização, de forma combinada, implicam tanto para o nível de abstração das categorias formadas em uma dada cultura, como para a estrutura interna dessas categorias, uma vez formada.

Os sistemas de classificadores das línguas naturais variam entre as línguas, de acordo com o seu ambiente sociocultural. No chinês, por exemplo, há pelo menos duas hipóteses da gênese dos classificadores: a partir da necessidade de especificação de mercadorias nas transações comerciais (LIU, 1959) e de explicitar distinções de superfície entre os nomes – em decorrência do fato de que esta língua,

em determinado período, começou a ser incrementada pela homofonia, devido à massiva fusão fonêmica (ERBAUGH, 1986).

Rosch (1978) concebe os sistemas categoriais como tendo dimensões verticais e horizontais. A dimensão vertical engloba o nível inclusivo da categoria: dimensão a qual os termos *collie*, cão, mamífero, animal podem ser sistematizados. A dimensão horizontal engloba a segmentação de categorias, no mesmo nível inclusivo. Os dois princípios de categorização, para a dimensão vertical, não são sempre igualmente úteis e possíveis para todos os níveis. Além disso, o nível mais básico de categorização deve ser o nível mais inclusivo (abstrato), no qual as categorias podem espelhar a estrutura dos atributos perceptíveis no mundo. Já a implicação dos dois princípios de categorização, para a dimensão horizontal, destina-se a incrementar a distintividade e a flexibilidade das categorias. As categorias tendem a ser definidas em termos de protótipos ou prototípicos, que contenham os atributos mais representativos nos itens e os menos representativos dos itens, fora da categoria.

As pesquisas de Rosch e seus colaboradores, sobre os efeitos prototípicos, demonstraram a existência de assimetria entre os membros de categoria, altamente estruturados internamente. Seus primeiros estudos foram sobre as cores e, depois, se estenderam para a pesquisa de outras categorias. Os resultados foram semelhantes. Para cada caso, assimetrias (denominadas de efeitos prototípicos) foram encontradas: os sujeitos julgam certos membros de categorias como os mais centrais, ou mais representativos, do que outros membros. Por exemplo, pardais são julgados como membros mais representativos e centrais na categoria PÁSSARO do que galinhas e pingüins; cadeiras de escrivaninha são julgadas mais centrais da

categoria CADEIRA do que cadeiras de barbeiro, por exemplo. Os membros mais representativos de uma categoria são designados como membros “prototípicos”.

Rosch e Mervis (1975, p. 574), através de suas pesquisas, chegaram à conclusão de que “[...] um dos maiores princípios estruturais que [...] podem governar a formação da estrutura prototípica das categorias semânticas” são as semelhanças de família. Assim, elas confirmam, empiricamente, o que Wittgenstein havia postulado filosoficamente. Conforme as pesquisadoras:

Na presente pesquisa, vimos as categorias semânticas como redes de atributos sobrepostos; a hipótese básica foi a de que os membros de uma categoria vêm a ser vistos como prototípicos de uma categoria como um todo na proporção do grau em que eles têm semelhanças de família com (têm atributos que se sobrepõem a) outros membros da categoria. Conversamente, elementos vistos como os mais prototípicos de uma categoria serão aqueles com a menor semelhança de família ou pertença a outras categorias. (ROSCH; MERVIS, 1975, p. 575).

Nessa pesquisa, essa hipótese está relacionada com a *cue validity*, “validade do traço”, “[...]definida em termos de sua freqüência total numa categoria e sua freqüência proporcional nesta categoria relativamente às categorias contrastantes” (ROSCH; MERVIS, 1975, p. 575). Segundo as autoras:

O princípio das semelhanças de família pode ser restabelecido em termos de validade do traço, visto que os atributos mais distribuídos entre os membros de uma categoria e os menos distribuídos entre os membros de categorias contrastantes são, por definição, os traços mais válidos para pertencer a categoria em questão. (ROSCH; MERVIS, 1975, p. 576).

As autoras ressaltam a importância de substituir a expressão “validade do traço” por “semelhança de família”, para que seja enfatizada a preocupação “[...] com

a descrição dos princípios estruturais e não com um modelo de processamento” (ROSCH; MERVIS, 1975, p. 576).

As pesquisadoras confirmaram a hipótese de que o elemento prototípico de uma categoria teria menos semelhanças de família, com itens de outras categorias. Segundo as autoras: “O grau em que um dado membro possuía atributos em comum com outros membros estava amplamente correlacionado com o grau em que ele era considerado prototípico do nome da categoria” (ROSCH; MERVIS, 1975, p. 578).

Rosch e Mervis (1975, p. 586) também fazem importantes investigações sobre as categorias de nível básico. Trata-se de “[...] um nível básico de abstração em que objetos concretos do mundo são naturalmente mais divididos em categorias”. Abaixo, alguns exemplos:

Nível Superordenado	Nível Básico	Nível Subordinado
FRUTA	LARANJA	LARANJA DO CÉU
VEÍCULO	CARRO	GOL, PALIO
INSTRUMENTO MUSICAL	PIANO	PIANO DE CAUDA
MOBÍLIA	CADEIRA	CADEIRA GIRATÓRIA

Quadro 5: Níveis de Categorização.

Fonte: Elaborado pela autora.

As pesquisadoras assinalam as seguintes características das categorias de nível básico:

- (a) é o nível em que mais se percebe as semelhanças na forma;
- (b) é o nível no qual uma única imagem mental pode refletir a categoria inteiramente;
- (c) é o nível em que uma pessoa usa ações motoras similares para interagir com os membros da categoria;

- (d) é o nível pelo qual os sujeitos identificam rapidamente os membros da categoria;
- (e) é o nível com o rótulo ou descrições mais comuns para os membros da categoria;
- (f) é o primeiro nível a ser nominado e entendido pelas crianças;
- (g) é o primeiro nível a ser lexicalizado na língua;
- (h) é o nível com os lexemas primariamente mais curtos;
- (i) é o nível pelo qual os termos são usados em contextos neutros;
- (j) é o nível pelo qual a maioria de nosso conhecimento está organizada.

Assim, as categorias de nível básico são básicas em quatro aspectos: percepção, função, comunicação e organização.

Percepção: a forma é percebida totalmente; imagem mental única; identificação rápida do objeto.

Função: maneira pela qual as pessoas habitualmente usam ou interagem com o objeto.

Comunicação: palavras curtas, mais usadas e contextualmente neutras, adquiridas, primeiro pelas crianças. Conseqüentemente, são as primeiras a entrar no léxico.

Organização do conhecimento: a maioria dos atributos dos membros da categoria é armazenada neste nível.

Rosch, após vários anos de pesquisa, chegou à conclusão de que os efeitos prototípicos não determinam as representações mentais. Os efeitos somente restringem as possibilidades para o que as representações podem ser, mas não existe uma correspondência um a um, entre os efeitos e as representações mentais. Ou seja, os efeitos de prototipicalidade seriam fenômenos superficiais.

Para Lakoff (1987), as estruturas categoriais e os efeitos prototípicos resultam do fato de que o conhecimento humano está organizado por estruturas, denominadas de Modelos Cognitivos Idealizados (doravante MCIs), de variados tipos. Tais modelos seriam a fonte de efeitos de prototypicalidade constatados, que apresentamos na subseção seguinte. A relevância teórica das pesquisas de Rosch, para a Psicologia Cognitiva, é salientada pelo próprio autor:

Foi Eleanor Rosch quem primeiro forneceu uma perspectiva geral sobre todos esses problemas relativos aos fenômenos de categorização. Ela desenvolveu o que veio a ser chamado de **a teoria dos protótipos e categorias de nível básico**, ou **teoria prototípica**. Ao fazer isso, ela estabeleceu uma total oposição à teoria clássica e mais do que ninguém firmou a categorização como um subcampo da psicologia cognitiva (LAKOFF, 1987, p. 39).

Apresentada a teoria prototípica, passemos à apresentação de outros modelos cognitivos, que vieram a estruturar os Modelos Cognitivos Idealizados.

3.2.2 Outros Princípios Estruturadores dos Modelos Cognitivos Idealizados

Apresentado o pilar fundamental da semântica cognitiva experiencialista, o propósito, nesta seção, é o de sintetizar as abordagens teóricas de natureza interdisciplinar, todas elas interligadas ao que se tem genericamente chamado de Lingüística Cognitiva, com as quais a semântica cognitiva experiencialista se encontra diretamente ligada, na construção da teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados, segundo Lakoff (1987, p. 68):

As idéias sobre modelos cognitivos de que tenho feito uso desenvolveram-se em lingüística cognitiva e vieram de quatro fontes: a semântica de frame de Fillmore [...], a teoria da metáfora e metonímia de Lakoff & Johnson [...], a gramática cognitiva de Langacker [...] e a teoria dos espaços mentais de Fauconnier.

Lee (2001) afirma que a tradição lingüística mantém a crença de que o papel da linguagem é o de permitir um mapeamento das entidades extralingüísticas, que resulta em formas lingüísticas. O mapeamento pode ser dissecado em componentes, cada qual correspondendo a algum elemento da linguagem; portanto, este mapeamento é uma operação relativamente direta. Essencialmente, envolve a codificação um a um dos elementos da situação, em termos de uma estrutura lingüística. Esses processos são regidos por regras formais da gramática. Já os lingüistas cognitivistas argumentam que não existe esse mapeamento direto. Ao contrário, eles afirmam que uma situação particular pode ser “construída” de diferentes maneiras, e que diferentes modos de codificação, de uma dada situação, constituem diferentes conceitos. Isto é o cerne da investigação da gramática cognitiva de Langacker.

Langacker (1986) advoga por uma gramática cognitiva, que se fundamenta na concepção de que a organização lingüística se estabelece em termos de processos cognitivos. Assim, a lingüística é uma disciplina empírica. A gramática seria uma teoria-baseada-no-uso e, dessa forma, não constitui um nível formal autônomo de representação. O autor propõe uma gramática simbólica, em outras palavras, uma gramática que se fundamenta na simbolização convencional da estrutura semântica.⁵

⁵ Não entraremos em maiores detalhes nessa gramática, por ela não interferir diretamente na análise dos classificadores nominais chineses.

Para a gramática cognitiva, como é defendida pelo autor, a questão primeira é a própria natureza do significado. Para Langacker, isso se equaciona no processo de categorização, isto é, por um processamento cognitivo: “[...] uma descrição exaustiva da língua não pode ser alcançada sem uma completa descrição da cognição humana” (LANGACKER, 1986, p. 63). É importante observar que, nessa gramática, a estrutura semântica não é considerada universal, pois supõe uma concepção enciclopédica de semântica lingüística.

A semântica cognitiva experiencial também acredita numa gramática-baseada-no-uso e em que as categorias gramaticais seriam estruturadas, em termos de protótipos. Diferencia-se da semântica gerativa, pelo método de abordagem, em que essa se caracteriza pelo modelo lógico-formal, que não dá conta da maioria dos fenômenos de significação em linguagem natural.

O modelo de gramática de Langacker (1986) é fundamental para o desenvolvimento do conceito teórico de Modelo Cognitivo Simbólico, enquanto a semântica de *frame*, de Fillmore⁶, apesar de algumas críticas à insuficiência dos modelos de análises (LAKOFF, 1987, p. 116), é incorporada à Lingüística Cognitiva, devido à noção de *frame*.

Um *frame* seria uma estrutura conceitual, de formato proposicional, culturalmente definido, que atuaria na organização de inúmeros segmentos da realidade. O exemplo clássico (FILLMORE, 1982) é a categoria SOLTEIRO, definida em termos de um conjunto de condições, cujos melhores exemplos são aqueles que estão situados em um cenário de *background* prototípico. O substantivo SOLTEIRO pode ser definido tomando como *background* o fato de que as sociedades humanas

⁶ Não entraremos em maiores detalhes nesse modelo de semântica, por ela não interferir diretamente na análise dos classificadores nominais chineses.

têm certas expectativas sobre casamentos e sobre uma faixa de idade própria para se casar. Assim, poderíamos dizer que, prototipicamente, ou no modelo idealizado, ninguém pensaria em colocar sacerdotes, pessoas com união estável e crianças nesta categoria. Neste modelo cognitivo idealizado, um SOLTEIRO é simplesmente um homem adulto, que não tenha se casado.

Para Lakoff (1987), os *frames* são assimilados para os modelos cognitivos idealizados e constituem-se em estruturas cognitivas bastante simplificadas, que podem ou não se ajustar bem ao mundo. Como o próprio autor diz:

Esse modelo cognitivo idealizado, entretanto, não se ajusta ao mundo muito precisamente. É supersimplificado em suas suposições de **background**. Há alguns segmentos da sociedade, em que os modelos cognitivos idealizados se ajustam razoavelmente bem, quando um homem adulto não casado pode bem ser chamado de um solteiro. Mas o MCI não se ajusta no caso do Papa ou pessoas abandonadas na selva, como o Tarzan. Em tais casos, machos adultos não casados não são, certamente, membros representativos da categoria dos solteiros (LAKOFF, 1987, p. 70).

Feltes (1992b, p. 102) ainda acrescenta:

Tanto **frames** como os modelos cognitivos idealizados operam sob princípios de figura-fundo, segundo os quais, por exemplo, a figura é tomada como aquele componente perceptual que é privilegiado na evocação (memória, reconhecimento, inferência, etc.), já que é a parte mais saliente e dotada de maior estabilidade.

Como sintetiza a autora, contudo, a noção de *frame* é, sob muitos ângulos, permutável com a noção de modelo cognitivo idealizado. Este modelo, entretanto, vai adiante, “[...] envolvendo uma tipologia básica, a partir da qual se pode afirmar que os **frames**, pela sua natureza, ajustam-se mais ao modelo cognitivo proposicional” (FELTES, 1992b, p. 102).

Outro componente fundamental da Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados é a Teoria dos Espaços Mentais, de Fauconnier (1985)⁷.

Segundo Fauconnier (1996), essa teoria, partindo da noção de **espaços mentais**, se interessa pela investigação e pesquisa da inter-relação entre as conexões cognitivas e as línguas naturais, bem como dos aspectos cognitivos que participam da interpretação semântica das expressões lingüísticas. A construção de significado da visão subjetiva e dinâmica, que emerge a partir dessa teoria, inclui conceitos-chave, que são ignorados pela tradição lógico-formal.

De acordo com Feltes (1992b, p. 103), “[...] são construtos conceituais ou domínios que integram vários tipos de informações, representando, cognitivamente, universos de imagens, de obras literárias, de atividades esportivas; universos hipotéticos, imaginários, científicos; enfim, situações diversas localizadas no tempo e no espaço real ou imaginário”.

Segundo Lakoff (1987, p. 281), “Um espaço mental é um meio para a conceptualização e para o pensamento. Assim, qualquer estado de coisa fixado ou em progresso como nós conceptualizamos é representado por um espaço mental”.

Fauconnier (1996) também observa que, em qualquer discurso, um ou mais espaços mentais são construídos e interligados pelos participantes do discurso. Um desses espaços é selecionado como o ponto de vista (o espaço pelo qual, naquele ponto do discurso, outros podem ser acessados ou criados). O outro espaço é o foco, que pode ser o espaço do ponto de vista ou não. Trata-se do espaço pelo qual a estrutura está sendo adicionada, e é acessada, a partir do espaço de ponto de vista. O movimento através de redes dos espaços consiste a partir de uma base, a

⁷ Neste caso, também foi feita a opção por não aprofundar a abordagem, da mesma forma como procedemos em relação à gramática de Langacker e aos *frames* de Fillmore.

qual fornece o ponto de vista inicial, e então altera entre ponto de vista e foco, usando Conectores de Espaço.

Para Lakoff (1987), a noção de espaços mentais fundamenta os estudos sobre a categorização, através das seguintes propriedades, que estão contidas neles:

- (a) podem conter entidades mentais;
- (b) podem ser estruturados por modelos cognitivos;
- (c) podem ser relacionados a outros espaços por conectores;
- (d) podem relacionar entidades em espaços diversos por conectores;
- (e) são expandíveis, isto é, novos MCIs ou entidades podem ser acrescentados, no curso do processamento cognitivo;
- (f) podem ser introduzidos por MCIs.

De acordo com Lakoff (1987), os espaços mentais são conceptuais por natureza, não tendo nenhum status ontológico fora da mente e, assim, são pouco úteis à semântica lógico-formal para ser codificados em símbolos; porquanto o seu status é meramente cognitivo e assim são livres para funcionar em uma semântica baseada no realismo interno ou experiencial.

Por fim, expomos o último componente da Teoria dos Modelos Cognitivos Idealizados, a Teoria da Metáfora e da Metonímia, de Lakoff e Johnson (1980).

Diferentemente da tradição retórica clássica, iniciada por Platão-Aristóteles, no século IV a.C., a metáfora e a metonímia, aqui, tem um conceito e uma importância diferenciada da linguagem literária, do ornamento lingüístico ou da linguagem figurada, até então exposta pela tradição clássica.

Lakoff e Johnson (1980) seguiram o caminho aberto por Reddy (1979), que investigou, numa análise rigorosa de enunciados lingüísticos, como os seres

humanos conceituam metaforicamente o conceito de comunicação. Através da análise de expressões lingüísticas, inferiram um sistema conceptual metafórico subjacente à linguagem, que influencia o pensamento e a ação humana, por uma rede de metáforas conceptuais (representadas por maiúsculas) e que se manifestam nos enunciados, no seguinte esquema:

MENTE É UM RECIPIENTE (DE IDÉIAS) → IDÉIAS (OU SENTIDOS) SÃO OBJETOS → EXPRESSÕES LINGÜÍSTICAS SÃO RECIPIENTES → COMUNICAR É ENVIAR → COMPREENDER É PEGAR

Quadro 6: Esquema da Metáfora do Conduto.

Fonte: Elaborada pela autora, segundo Lakoff e Johnson, 2002, p. 54.

A tese básica da Teoria da Metáfora e da Metonímia, desenvolvida por Lakoff e Johnson, publicada originalmente em 1980, é que tanto a metáfora como a metonímia constituem mecanismos imaginativos da razão humana, que estruturam domínios abstratos de nossa experiência.

O termo *expressão metafórica* é usado para se referir às expressões lingüísticas individuais. Após 1986 e 1993, Lakoff transforma o conceito metafórico em metáfora conceptual, que vem definida de forma mais complexa. Para melhor compreender o conceito de metáfora conceptual, os autores exemplificam, através de AMOR COMO VIAGEM, como a metáfora conceptual se reflete em expressões lingüísticas como: “veja a que ponto nós chegamos.”, “agora não podemos voltar atrás.”, “nós estamos numa encruzilhada.”, “nossa relação não vai chegar a lugar nenhum.”, etc. Através dessas expressões, Lakoff e Johnson (1980) concluem que a metáfora envolve a compreensão de um domínio da experiência, o amor, em termos de um outro domínio da experiência muito diferente, as viagens. Os autores supõem que a metáfora realiza um mapeamento estruturado sistematicamente, como na

matemática, de um domínio de origem (neste caso, as viagens) a um domínio alvo (neste caso, o amor). Lakoff e Johnson (1980) ressaltam que o que constitui a metáfora não é nenhuma palavra ou expressão particular, e sim o mapeamento ontológico e epistêmico entre domínios conceptuais, do domínio fonte das viagens ao domínio do amor. Para os autores, a metáfora, mais que uma questão de linguagem, envolve o pensamento e a razão.

O mapeamento metafórico faz parte do sistema conceptual humano, que, por conseguinte, é constituído por toda a bagagem cultural, correlacionada sistematicamente com as experiências sensório-motoras, mais as emoções. Lakoff e Johnson (1980) argumentam que a maior parte do nosso sistema conceptual é metaforicamente estruturado, isto é, que os conceitos, na sua maioria, são parcialmente compreendidos em termos de outros conceitos. Isto permite explicar porque os seres humanos entendem facilmente usos novos e criativos do mapeamento, como, por exemplo, na linguagem literária. As metáforas conceptuais fazem parte do sistema metafórico convencional de uma determinada cultura.

Em relação aos conceitos abstratos, os autores são categóricos ao afirmarem que esses não são definidos por condições suficientes e necessárias, e sim por aglomeração metafórica, em que cada metáfora dá uma definição parcial e, apesar de terem pontos em comum, em sua maioria, são incoerentes.

Em resumo, apresentamos as colaborações mais diretas à Semântica Cognitiva Experiencialista, apontadas pelo próprio Lakoff (1987). No plano filosófico, passamos pelas propriedades filosóficas do (segundo) Wittgenstein e pelo Realismo Interno de Putnam (1981), do qual o Realismo Experiencialista é uma continuidade. No plano dos fundamentos cognitivistas, iniciamos pela apresentação do cerne dessa proposta, a Teoria Prototípica de Rosch e colaboradores. Ao final, perfilamos

os quatro estudos que exerceram maior influência sobre essa semântica, que são: a Gramática Cognitiva de Langacker (1986), relacionada ao desenvolvimento da idéia de Modelos Cognitivos Simbólicos; a Semântica de *Frame* de Fillmore (1985), que diferencia propriedades gerais dos modelos cognitivos, mas que se relaciona, estruturalmente, com os Modelos Cognitivos Proposicionais; a Teoria dos Espaços Mentais de Fauconnier (1985), que estabelece propriedades dos modelos cognitivos em operações mentais variadas, envolvendo a enunciação lingüística; e a Teoria da Metáfora e da Metonímia, de Lakoff e Johnson (1980), que toma parte através da evidência da importância dos mecanismos imaginativos da razão, para a estruturação de domínios conceituais abstratos, a partir dos esquemas e conceitos diretamente significativos.

A Semântica Cognitiva Experiencialista, encabeçada e defendida por Lakoff, embasa-se, principalmente, na Psicologia Cognitiva Experimental, de Rosch e colaboradores. Está fundamentada filosoficamente pelo Realismo Interno, descritos acima; contudo, para Lakoff (1987), o conhecimento humano é organizado por meio de estruturas chamadas **Modelos Cognitivos Idealizados**, ou MCIs, que geram subprodutos, como as estruturas das categorias e os efeitos prototípicos. Para tanto, vamos descrever os MCIs, através das análises dos classificadores, realizadas por lingüistas e citadas por Lakoff (1986, 1987).

3.3 A Semântica Cognitiva Experiencialista de George Lakoff e os Classificadores

A Semântica Cognitiva Experiencialista, uma das vertentes da Lingüística Cognitiva, dispensa um esforço considerável no desenvolvimento da teoria prototípica. Para Lakoff (1987, p. 47), as categorias de nível básico têm um importante papel na teoria:

Nosso conhecimento no nível básico é organizado principalmente em torno da divisão entre as partes e o todo. A razão é que a maneira pelo qual um objeto é dividido em partes determina muitas coisas. Primeiro, as partes são freqüentemente correlacionadas com as funções, e assim o nosso conhecimento sobre as funções é usualmente associada com o conhecimento sobre as partes. Segundo, as partes determinam a forma. E assim a maneira que um objeto será percebido e imaginado. Terceiro, nós usualmente interagimos com coisas via as suas partes, e assim as divisões parte-todo exerce um importante papel em determinar que programas geradores podemos usar para interagir com um objeto.

Para Lakoff (1987), é comum que a gramática das línguas marque certas categorias conceituais. Visto que a língua é parte da cognição, as categoriais conceituais marcadas pela gramática das línguas são importantes para o entendimento da natureza das categorias cognitivas em geral. Nas línguas classificadoras, os substantivos são marcados como membros de determinadas categorias e os classificadores são umas das fontes mais ricas de dados para o estudo da estrutura de categorias conceituais nas línguas. Lakoff cita dois estudos sobre línguas classificadoras, um sobre a língua dyirbal, realizado por Dixon (1982), e outro realizado por Downing (1984, apud LAKOFF, 1987; DOWNING, 1986). Tais estudos são discutidos aqui, a partir da abordagem de Lakoff (1987).

Quando o falante da língua dyirbal usa um substantivo em uma sentença, o substantivo deve ser precedido por um dos quatro classificadores: *bayi*, *balan*, *balam*, *bala*. Essas palavras, segundo a descrição de Dixon (1982), são usadas para as seguintes descrições:

I. *Bayi*: homem, canguru, morcego, maioria das cobras, maioria dos peixes, alguns pássaros, a maioria dos insetos, a lua, arco-íris, tempestade, bumerangue, alguns tipos de lanças, etc.

II. *Balan*: mulher, ratão, cachorro, ornitorrinco, équidna, algumas cobras, alguns peixes, a maioria dos pássaros, escorpião, grilo, qualquer coisa ligada à água e ao fogo, sol e estrelas, algumas árvores, etc.

III. *Balam*: todas as frutas comestíveis e plantas relacionadas, tubérculos, fetos, mel, cigarro, vinho e bolo.

IV. *Bala*: partes do corpo, carne, abelha, vento, inhome, alguns tipos de lanças, a maioria das árvores, grama, pedra, ruído e língua, etc.

Dixon (1982), no entanto, foi além do simples procedimento descritivo de estabelecer uma lista. O autor estava determinado a investigar o que torna essas categorias acessíveis à mente humana, o que faz sentido para que os falantes de dyirbal as usem, possibilitando que eles aprendam a língua com uniformidade, usando os termos de forma inconsciente e automática. No curso de sua pesquisa, Dixon observou que os falantes não aprendiam os membros das categorias isoladamente, mas operavam em termos de alguns princípios gerais. De acordo com a análise do pesquisador, existe um esquema geral básico, razoavelmente simples e

produtivo, que atua. Isto ocorre, a menos que algum princípio especializado seja precedente. Dixon (1982, apud LAKOFF, 1987) propôs o seguinte esquema básico:

- I. *Bayi*: macho humano e animais;
- II. *Balan*: fêmea humana, água, fogo, arma belicosa;
- III. *Balam*: alimentos não-animais;
- IV. *Bala*: qualquer outra coisa que não esteja nas outras três categorias.

Alguns casos que se ajustam a este esquema: homem, sendo macho humano, está na classe I, assim como canguru e morcego, sendo animais, estão na classe I. Mulher está na classe II, visto que elas são fêmeas humanas. Rios e pântanos, como pertencentes a tipos de água, estão na classe II. Fogo também está na classe II. Figos silvestres estão na classe III, tubérculos estão na classe III. As árvores não frutíferas estão na classe IV. Pedras e línguas na classe IV.

Os casos de particular interesse são aqueles em que Dixon (1982) encontrou certos princípios gerais, que vão além das classes básicas citadas acima. Talvez o princípio mais geral, que Dixon tomou como verdade, mas não especificou explicitamente, é o que Lakoff (1987, p. 93) chamou de princípio de domínio experiencial: “se existe um domínio básico de experiência associado com A, então é natural para as entidades desse domínio estar na mesma categoria que A”. Por exemplo, peixes pertencem à classe I, visto que eles são animais. Ferramentas de pesca (rede de pesca, anzol, etc.) também pertencem à classe I, embora pudesse haver expectativas de que pertencessem à classe IV, já que essas ferramentas não são animadas, nem ao menos são um tipo de comida. De maneira similar, as plantas comestíveis ou que tenham seus frutos comestíveis estão na classe III. De fato, se a

referência for em relação à madeira de tal árvore frutífera para feitura de uma ferramenta, então será usado o classificador *bala*, da classe IV. Luz e estrelas, as quais estão no mesmo domínio experiencial de fogo, estão na classe II, com o fogo. Instrumentos belicosos e guerras estão no mesmo domínio de experiência e estão na classe II, com armas de guerra.

Segundo Lakoff (1987, p. 94), o que mais chama a atenção, no que toca à descoberta de Dixon, é o princípio de mito-e-crença que explica os casos de “exceção”:

Se algum nome tem característica X (no caso de pertencer ou não a essa classe ainda está para ser estabelecida), mas é, através de mito ou crença, conectado com a característica Y, então geralmente ele pertencerá à classe correspondente a Y e não àquela correspondente a X.

Embora pássaros pertençam ao reino animal, não estão na classe I com outros seres animados. Nessa comunidade, contudo, existe a crença de que os pássaros são espíritos de mulheres mortas. Então, os pássaros estão na classe II. Existe apenas uma palavra, *balan muguyngan*, tanto para espíritos femininos como para pássaros. Alguns pássaros são exceções. Acredita-se que três espécies de pássaros são homens míticos. Então, eles estão na classe I, com o homem. Na mitologia, os grilos são considerados “velhas senhoras”, por isto, também fazem parte da classe II.

Dixon (1968, apud LAKOFF, 1987, p. 94) sugere um outro princípio, chamado de princípio de propriedade importante:

Se um subconjunto de nomes têm alguma propriedade particular importante que o resto do conjunto não tem, então os membros do subconjunto podem ser designados a uma classe diferente do resto do conjunto para “marcar” esta propriedade; a propriedade importante é freqüentemente a “nociva”.

A maioria dos peixes está na classe I com os demais seres vivos, mas duas espécies que colocam em risco a integridade humana estão na classe II; estes não são referidos como *bayi jabu* “peixe”, mas sim como *balan jabu*. Árvores, mato, vinhedos e planícies não comestíveis, estão na classe IV; mas árvores que picam e a urtiga estão na classe II, com as coisas nocivas.

Segundo Lakoff (1987), esses princípios dão conta da classificação de muitas palavras. O lingüista observa, contudo, que Dixon não afirmou que toda a classificação em dyirbal trabalha sob esses princípios. Lakoff (1987) cita algumas exceções, para as quais não encontrou nenhuma explicação, ou a explicação pode ter sido perdida. Por exemplo: não se sabe porque cachorro, ornitorrinco e équidna estão na classe II, apesar de os animais, em geral, estarem na classe I. A palavra “dinheiro”, que não existia na cultura dyirbal, ficou na classe I.

Conforme Lakoff (1987, p. 95), Dixon, além de fornecer uma detalhada descrição da língua dyirbal, também oferece um exemplo de como trabalha a cognição humana, que reflete os princípios gerais do sistema humano de categorização. Os princípios são:

a) Centralidade: alguns membros de uma dada categoria são mais centrais do que outros membros. Por exemplo, a lua é um membro menos central do que homem, na categoria I. Urtiga é um membro menos central do que mulher, na categoria II.

b) Encadeamento: categorias complexas são estruturadas por encadeamento; membros centrais são ligados a outros membros, que são ligados a outros membros,

e assim sucessivamente. Por exemplo, mulher está ligada ao sol, que está ligado à queimadura e que está ligada ao bicho-cabeludo. É pela virtude de tal encadeamento que o bicho-cabeludo está na mesma categoria da mulher.

c) Domínios experienciais: são aqueles construídos pela cultura específica, sendo mais significativos para as pessoas que vivem nela; esses podem ter ligações características no encadeamento da categoria.

d) Modelos idealizados: existem modelos idealizados de mundo – mitos e crenças entre eles – que podem ter ligações características no encadeamento da categoria.

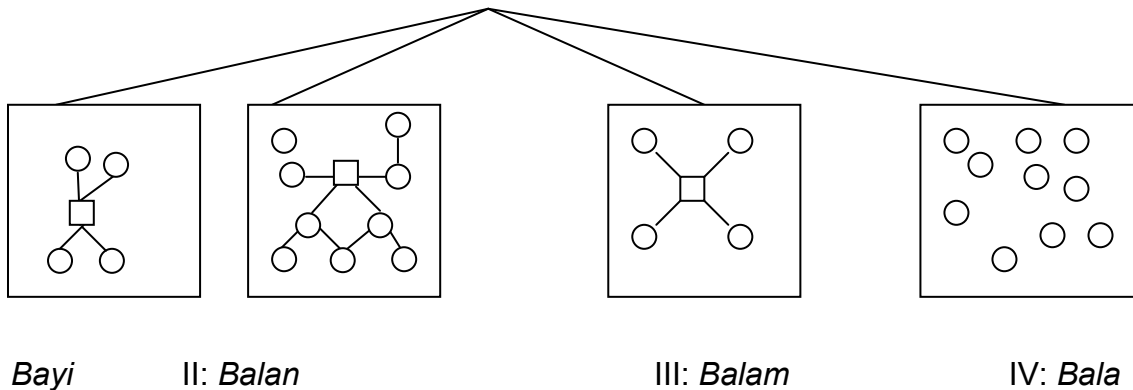
e) Conhecimento específico: conhecimentos específicos (por exemplo, conhecimento da mitologia), que se sobrepõem ao conhecimento genérico.

f) Outros: o sistema conceitual pode ter uma categoria de “outras coisas mais”, quando não tiver membros centrais, encadeamento, etc.

g) Propriedades não comuns: as categorias, como conjunto, não precisam ser definidas por propriedades comuns. As propriedades comuns parecem ter um papel na caracterização de esquemas básicos (como comestíveis, macho, fêmea, etc). É isto que faz mulheres, fogos e coisas perigosas estarem na mesma categoria em dyirbal.

h) Motivação: princípios gerais norteiam a classificação, mas não predizem exatamente o que as categorias incluirão.

A análise dos classificadores em dyirbal foi sintetizada em um diagrama, como demonstrado abaixo (LAKOFF, 1987, p. 103):



Quadro 7: Modelo de Base

Fonte: Lakoff, 1987, p. 103.

Segundo Lakoff (1987), o universo dyirbal é dividido em quatro domínios, claramente definidos e mutuamente exclusivos, representados pelas caixas acima. O diagrama acima foi denominado de “modelo de base” por Lakoff. Este modelo informa que existem quatro distinções. Três delas têm uma estrutura interna, com elementos no centro. Os centros são indicados pelo quadrado do diagrama. O quarto, sendo composto pelo que foi deixado pelos outros três, não tem nenhuma estrutura interna. Os centros dos domínios na base do modelo são também estruturados, pelo que Lakoff chamou de “modelo de oposição básica”:

homens vs. mulheres, ou centro da classe I vs. centro da classe II
 pessoas vs. plantas comestíveis, ou centros das classes I e II vs. centro das classes III

Quadro 8: Modelo de Oposição Básica

Fonte: Lakoff, 1987, p. 104.

Pela aculturação inglesa, a língua dyirbal começou a sofrer drásticas mudanças. Houve uma redução nas categorias. As mudanças nos seus sistemas intermediários atingem a perda de dois encadeamentos: as coisas perigosas, na

classe II, e o dos peixes, na classe I. Essas coisas, na subparte perigosas da classe II, foram automaticamente para os seus lugares “naturais”. Algumas, para a classe I; e outras, para a classe IV, respectivamente. Isto sugere que, na estrutura de categorias no dyirbal, tradicionalmente, a organização não é arbitrária, mas estruturada rigorosamente. As pesquisas de Dixon demonstram que a reestruturação envolve todo o resgate do encadeamento, da estruturação da cadeia. A influência do inglês resulta no desmonte e reorganização do sistema de categorização e somente os casos centrais da classe I e II permanecem. Transcrevemos o sistema simplificado:

(I) homens

(II) mulheres

(IV) Todas as outras coisas

O sistema de classificadores em dyirbal demonstra mecanismos básicos usados na categorização humana. A seguir, sintetizamos um segundo caso, que demonstra outros mecanismos fundamentais usados na categorização humana, segundo Lakoff (1986, 1987).

Downing (1984, apud LAKOFF, 1987) descobriu que o uso do classificador *hon* em japonês, anteposto ao substantivo, classifica, além de objetos longos, finos e rígidos, também cobras e peixes, e se estende para determinadas performances que tenham uma trajetória longa e precisa, como na arte marcial, no beisebol e outros jogos, chamadas telefônicas e meios de comunicações, como rádio, tv e cinema, e injeções. Downing (1984, apud LAKOFF, 1987) afirma que esses casos, embora não predicáveis do senso central de *hon*, são, entretanto, não arbitrários; não têm nada em comum com objetos longos e finos, mas faz sentido que sejam classificados do mesmo modo que objetos longos e finos.

Segundo Downing (1984, apud LAKOFF, 1987), o bastão de beisebol é um dos membros mais centrais da categoria *hon* e também um dos dois mais salientes funcionais objetos no jogo; o outro é a bola. O beisebol é centrado no que ocorre entre um bateador e o lançador. O objetivo principal do bateador é bater na bola. Quando isto é feito certamente, forma uma trajetória de traçado longo, formado pelo curso firme da bola. A imagem traçada pelo trajeto da bola é uma imagem *hon* – longa e delgada.

Conforme Downing (1984, apud LAKOFF, 1987), a extensão da categoria *hon* do bastão, para o golpe, é outro caso de uma extensão de um objeto funcional principal para um objetivo principal. É também uma extensão de um objeto funcional principal, com uma forma *hon* para um trajeto em forma *hon*, formado por outro objeto funcional principal. A relação entre a forma do bastão e a trajetória formada pela bola batida – entre uma coisa longa e delgada e uma trajetória – é uma relação comum entre esquemas imagéticos, que formam as bases da extensão, numa categoria, de um caso central para um não central. Assim, a autora sugere que existe o que pode ser chamado de uma transformação imagem-esquema do seguinte tipo:

ESQUEMA TRAJETÓRIA ← → ESQUEMA DE OBJETO LONGO E FINO

Quadro 9: Transformação Imagem-Esquema de *hon*

Fonte: Lakoff, 1987, p. 110.

Lakoff (1987) afirma que esta transformação imagem-esquema é uma das muitas formas de relações cognitivas, que podem formar uma base de extensão para uma categoria.

Assim, é possível que alguns falantes de japonês também estendam a categoria *hon*, desde o arremesso da bola até a tacada com o bastão no beisebol, em uma relação imagem-esquema, no mesmo domínio de experiência. Alguns falantes usam *hon* tanto para o arremesso, quanto para a batida. Existem também alguns falantes que classificam o arremesso com *hon* somente se este atinge o seu objetivo de arremesso, de tal modo que um falante pode classificar o sucesso do arremesso com *hon*. Motivações semelhantes fazem com que *hon* se estenda a outros conceitos nos esportes, como a cesta de arremesso livre do basquete, bons serviços do voleibol e rebatidas do pingue-pongue.

Downing (1984, apud LAKOFF, 1987) resume o seu estudo sobre o classificador *hon* em quatro pontos. Primeiro, o conjunto de casos centrais de aplicação de *hon*, que parece estar ligado aos objetos de nível básico-concreto: palitos, bastões de beisebol, varas de bambu, canetas, etc. A extensão parece que vai em direção de objetos de nível básico-concreto para outras coisas, como arremessos e tacadas.

Segundo, uma teoria de motivação para a extensão de uma categoria é necessária. Entre as coisas que se necessitam em tal teoria estão as transformações esquema-imagens e metonímias conceituais, isto é, casos em que um objeto principal, como um bastão, pode se colocar como um objeto principal para uma boa tacada.

Terceiro, tacadas em beisebol e objetos longos e delgados não têm nada em comum objetivamente. A relação entre o bastão e a tacada é dada por uma transformação e uma metonímia. Segundo Lakoff (1987), a teoria clássica de categorização seria inadequada para a análise de tais casos, já que requer que a categorização seja baseada em propriedades comuns.

Quarto, a aplicação de *hon* para a tacada de beisebol é pelo sentido, mas não é predicável. Isto ocorre porque é uma questão de convenção, não uma convenção arbitrária, mas uma convenção motivada. Assim, a tradicional visão gerativista de que qualquer coisa deve ser ou predicável ou arbitrária é inadequada para este caso. Segundo Lakoff (1987), existe uma terceira escolha: a motivação.

A metonímia, a transformação imagem-esquema e imagens mentais convencionais podem fornecer a motivação para a extensão de uma categoria. Lakoff (1986, 1987) cita o exemplo do rolo de fita, que, em japonês, também é classificado com o classificador *hon*. O rolo de fita pode estar enrolado ou estendido. Ocorre, no entanto, que os seres humanos têm uma imagem convencional de fita, que serve tanto para situações em que o rolo se encontra na forma de espera, quanto para os momentos em que é colocado em uso. Sabe-se que o rolo de fita é funcionalmente relevante, quando em uso, e a imagem é de um objeto longo, fino e em movimento, que se ajusta ao sentido central de *hon*. Assim, a metonímia está envolvida aqui; a parte funcional da imagem convencional do rolo de fita está sendo associada à imagem do rolo de fita como um todo, com a finalidade para a categorização. A parte funcional ajusta-se ao esquema de *hon* e, segundo o autor, é a motivação para o uso de *hon* para a classificação de rolo de papel.

A Teoria da Semântica Cognitiva Experiencialista não prediz todos os membros possíveis numa categoria, mas prevê como o sistema de classificação tende a ser estruturado, centralizado, encadeado, motivado, etc (LAKOFF, 1986). A teoria quer dar sentido às categorias de classificação. Para isso, fundamenta-se na capacidade de conceptualização humana, embasada na idéia de que a categorização só é possível via Modelos Cognitivos Idealizados (MCIs). Ou seja, as categorias são o resultado da relação que se estabelece entre modelos cognitivos,

experienciais e o mundo. De acordo com Lakoff (1987, p. 281), a capacidade de conceptualização é “a capacidade geral para formar modelos cognitivos idealizados”. Conforme os fundamentos e as análises aqui apresentadas, o nosso arcabouço teórico está fundamentado na Semântica Cognitiva Experiencialista e utilizamos os cinco tipos de princípios estruturadores, propostos para a teoria experiencialista, segundo Lakoff (1986, 1987), para analisar os classificadores nominais chineses, quais sejam:

1) Modelos proposicionais: nos quais os elementos e as suas propriedades são especificados, e relações são estabelecidas entre eles. Grande parte de nossa estrutura de conhecimento constitui-se de modelos proposicionais. Assim, um modelo de um domínio (como fogo, em dyirbal) deve incluir o fato que fogo é perigoso. Um modelo taxonômico, como o modelo de base para dyirbal, descrito acima, deve incluir os quatro elementos, que correspondem a cada uma das categorias, e uma condição que indica que nenhum membro das três primeiras categorias esteja na quarta categoria. Em suma, os modelos proposicionais “[...] contêm entidades com suas propriedades e relações que se estabelecem entre elas e não usam mecanismos imaginativos, i.e, metáfora, metonímia ou imagens mentais” (LAKOFF, 1987, p. 285).

O autor apresenta e descreve alguns tipos de modelos proposicionais, como a proposição simples, o cenário, o feixe de traços, a taxionomia e a categoria radial que, de alguma forma, nos ajudam a estruturar a realidade de uma determinada maneira. Abaixo sintetizamos a descrição de Lakoff (1987) para alguns tipos de modelos proposicionais:

a) Proposição simples: é a relação entre o argumento e o predicado, a partir de relações semânticas entre os argumentos (AGENTE, PACIENTE, INSTRUMENTOS, etc.).

b) Cenário: é um domínio construído, onde pessoas, coisas, propriedades e mesmo proposições tendem a se articular de forma temporal. Tipicamente existem relações de determinados tipos que amarram os elementos dessa ontologia, como relações causais, de identidade, etc.

c) Feixe de traços: é quando se caracteriza determinado segmento da realidade através de uma ontologia de propriedades. Estruturalmente, o feixe é caracterizado por um esquema RECIPIENTE, onde as propriedades estão inseridas.

d) Taxionomia: é a construção de uma estrutura hierárquica, impondo uma estrutura global a um determinado domínio da realidade. Os elementos na sua ontologia são todas as categorias, estruturados pelo esquema de imagem RECIPIENTE “*container*”. É uma invenção humana, de acordo com os seus propósitos.

e) Categorias radiais: são estruturadas pelo esquema RECIPIENTE “*container*”, e suas subcategorias estão contidas no seu interior. Essas categorias são estruturadas internamente pelo esquema de imagem CENTRO-PERIFERIA. Onde uma subcategoria é o centro; as outras subcategorias são ligadas ao centro por vários tipos de ligações. Categorias não centrais podem ser “subcentros”, isto é, elas podem gerar outras estruturas centro-periferia imposto neles.

2) Modelos de esquemas de imagem: nos quais é especificado o esquema de imagens, tal como TRAJETÓRIA, RECIPIENTE, PARTE-TODO, CENTRO-PERIFERIA, LIGAÇÃO, ORIGEM-PERCURSO-META e etc. O caso da língua japonesa, citada anteriormente, revela o conhecimento humano sobre arremesso de

beisebol que inclui um esquema de uma trajetória. Estes modelos cognitivos têm as seguintes características:

- a) Têm natureza corporal-cinestésica;
- b) Impõem uma estrutura a nossa experiência de espaço;
- c) São projetados para domínios conceituais abstratos através de metáfora e de metonímia;
- d) Estruturam modelos cognitivos complexos.

3) Modelos metafóricos: são mapeamentos baseados nos modelos proposicionais ou nos modelos de esquema de imagem em um domínio, bem estruturado – denominado de Domínio-Fonte (F), que liga o domínio (F) para uma estrutura correspondente em outro domínio (A), que carece de estruturação para efeito de sua compreensão - denominado de Domínio-Alvo (A). A metáfora do conduto para a comunicação (REDDY, 1979) mapeia o nosso conhecimento sobre objetos transmitidos em recipientes, para o entendimento da comunicação como idéias sendo carregadas no mundo.

4) Modelos metonímicos: são um ou mais modelos mistos, descritos acima, com uma função que se origina de um elemento de um modelo para outro modelo, mas diferente de metáfora, o fenômeno ocorre em um único domínio experiencial. Em um modelo que representa uma estrutura da parte pelo todo, pode ser uma função que habilita a parte como representando o todo. Os efeitos prototípicos, ou os membros centrais de uma categoria, muitas vezes são usados para reconhecer e compreender a categoria como um todo, para algum propósito limitado ou imediato. Na teoria dos modelos cognitivos, os efeitos prototípicos são representados pelos modelos metonímicos. Lakoff (1986) estabeleceu as seguintes características para o modelo metonímico:

- I - Existe um conceito A “alvo”, para ser compreendido para algum propósito, em algum contexto;
- II - Existe uma estrutura conceitual, que abarca tanto o conceito A como o conceito B;
- III - B é parte de A ou é associado intimamente com este, naquela estrutura conceitual. Tipicamente, uma escolha de B determinará unicamente A, naquela estrutura conceitual;
- IV - Comparado a A, B é mais fácil de ser entendido, ou mais fácil de ser processado e mais rápido de ser reconhecido, ou, ainda, mais imediatamente útil para um dado propósito, em um dado contexto;
- V - Um modelo metonímico é um modelo de como A e B estão relacionados em uma estrutura conceitual, junto com uma função de B para A.

Desta forma, quando um modelo metonímico convencional existe como parte de um sistema conceitual, B pode ser utilizado para estabelecer, metonimicamente, para A. Se A é uma categoria, o resultado é um modelo metonímico da categoria. A metonímia também tem a função de propiciar o entendimento, e a parte selecionada determina que aspectos do todo se está enfatizando (LAKOFF; JOHNSON, 1980). Lakoff (1986, 1987) discriminou sete tipos de metonímias categoriais, que não se esgotam e que trouxemos aqui exemplificados:

a) Exemplos típicos: chinês e japoneses são asiáticos típicos. O uso de membros típicos é freqüentemente inconsciente e automático;

b) Estereótipos sociais: a mãe estereotipa é dona-de-casa. Frequentemente, o emprego de um estereótipo é objeto de discussões e sujeitos a mudanças de acordo com as modificações de comportamento e padrões sociais pelos períodos de tempo.

c) Ideais: o marido ideal é um bom provedor, fiel, respeitável e atraente. Os modelos ideais são usados para fazer julgamentos e planos.

d) Padrões: a gramática normativa, os paradigmas científicos, Pelé, etc. Esses padrões representam referências a serem seguidos ou não;

e) Geradores: os números de 0 a 9 geram os demais, a partir de regras aritméticas;

f) Submodelos: os números fatores de 10 são tomados para compreender a grandeza relativa dos números. Os submodelos são referidos por Rosch como Pontos Referenciais Cognitivos;

g) Exemplos salientes: é comum se usar um evento familiar, memorável ou diferente para compreender uma outra categoria. Por exemplo, todos os deputados recebem o mensalão. Onde o termo mensalão se refere a um evento de compra de deputados e se generaliza para todos os demais deputados, mesmo não se sabendo se eles são ou não de fato corruptos.

Os efeitos prototípicos têm uma grande variedade de fontes. Tais efeitos existem para todos os casos acima em que uma categoria é entendida metonimicamente, em termos de uma subcategoria, membro ou submodelo. Lakoff (1986, 1987) afirma que é extremamente importante tentar isolar as fontes de seus efeitos, para poder entender como tais efeitos ocorrem. Uma teoria de modelos cognitivos deve permitir que se caracterize os tipos de modelos metonímicos para a compreensão de como esses efeitos surgem.

Para Lakoff (1986, 1987), os modelos metonímicos são uma das fontes de semelhanças de família. O autor usa o termo *modelo de base*, para se referir a modelos que são “ordinários” mais que metonímicos. Isto ocorre, pois, é comum ocorrer o intercruzamento de modelos de base, para formarem um conjunto

complexo “*complex cluster*”, que é psicologicamente mais básico do que os modelos por si mesmos. O autor se refere a esses modelos como *conjuntos experienciais* “*experiential cluster*”, que têm uma estrutura de *cachos de modelos cognitivos*, e exemplifica através dos modelos individuais no conjunto do conceito de MÃE:

a) MODELO DE NASCIMENTO: a pessoa que dá a luz é a *mãe*.

b) MODELO GENÉTICO: a fêmea que contribui com o material genético é a *mãe*;

c) MODELO DE CRIAÇÃO: a adulta fêmea que sustenta e cria uma criança é a *mãe*;

d) MODELO MARITAL: a mulher do pai é a *mãe*;

e) MODELO GENEALÓGICO: a ancestral fêmea de uma geração é a *mãe*.

Para o autor, o conceito de MÃE, é um modelo complexo. Seria a convergência de todos os modelos individuais de base exemplificados acima, para formar um conjunto experiencial – a que fornece os genes, gesta, pare, cria e sustenta a criança, casada com o pai e é uma geração mais velha que a criança – sendo o melhor exemplar de mãe aquele modelo biológico que é do lar, responsável pela criação e casada com o pai da criança, porque a essa *mãe* não há expressões compostas, como mãe-de-aluguel, madrasta, mãe adotiva, mãe biológica, etc. Essas mães são tão *mães* quanto a *mãe ideal*, pois são extensões da última, e por serem expressões compostas, demonstram na língua a divergência destes tipos de *mães* em relação ao modelo estereotipado de mãe, como dona-de-casa.

Lakoff (1986, 1987) sinaliza que no caso do conceito de MÃE há dois níveis de estrutura prototípica. Uma é o conjunto experiencial, onde todos os modelos acima convergem, formando o modelo ideal. E o outro é o do modelo estereótipo.

O lingüista observa que mesmo o modelo estereótipo também constitui o modelo ideal, o modelo estereótipo forma por si também um nível, devido que um estereótipo social (sendo mãe como dona-de-casa) pode ser definido a partir de apenas um modelo de base de um conjunto experiencial (no caso, o modelo de criação) e uma subcategoria desse (como mãe trabalhadora) pode ser definido em contraste com um estereótipo (no caso, mãe dona-de-casa), indicando que os estereótipos tem um papel na caracterização de conceitos e podem ser usados para motivar e definir uma subcategoria contrastante. Por fim, o autor reforça a sua tese, ao lançar a hipótese de que os estereótipos definem uma expectativa normal, lingüisticamente marcada pelo exemplo do **teste-do-mas**⁸, como em “Ela é mãe, mas ela não é dona-de-casa”, que nos soa como normal, e “Ela é mãe, mas ela é uma dona-de-casa”, que nos soaria como estranha.

Nesse momento histórico, ainda temos como mãe estereotipa a “do lar”. Conforme as mudanças e transformações sociais, através do tempo, esse estereótipo poderá mudar, novas subcategorias poderão ser geradas e poderão acarretar em diversas mudanças nesses modelos cognitivos. O importante de se ter em mente é de não haver uma regra geral para a geração de novas subcategorias.

Lakoff (1986, 1987) ainda apresenta os modelos como base para diferentes extensões, usando o conceito de MÃE. Exemplifica através do modelo de nascimento, sendo este a base para a extensão do sentido metafórico em “A necessidade é a mãe da invenção”, e do modelo genealógico, como a base para a extensão metafórica de *mãe* e *filha*, usada nos diagramas em árvores, pela lingüística, para a descrição das estruturas das frases.

⁸ A palavra usada pelo autor no original é *but*, que julgamos ter a mesma função em português, isto é, a conjunção advesativa “é utilizada para marcar uma situação que está em contraste com algum modelo que serve como norma” (LAKOFF, 1987, p. 81).

5) Modelos cognitivos simbólicos: estes modelos se baseiam no modelo de gramática cognitiva, proposto por Langacker (1986). Têm duas características básicas, conforme Lakoff (1987, p. 467):

a) “são conjunções de modelos de forma com outros modelos cognitivos” (p. 467), isto é, conjugam itens lexicais, motivações do idioma, construções gramaticais, morfemas, etc.

b) devem contribuir ao entendimento “[...] de todos os tipos de correspondência entre forma-significado que têm uma realidade cognitiva”.

Os modelos simbólicos encontram sustentação na hipótese básica da gramática cognitiva, segundo a qual:

As construções gramaticais têm um status cognitivo real. Elas não são meros epifenômenos que surgem da operação de regras gerativas. [...] As gramáticas não são “módulos” separados e independentes do resto da cognição. A razão é que elas podem fazer uso da categorização prototípica, que surge em outros aspectos da cognição, e elas também fazem uso de vários aspectos dos sistemas conceptuais, tal como modelos cognitivos (incluindo modelos metafóricos e metonímicos) e espaços mentais (LAKOFF, 1987, p. 582).

Ao empregar esses fundamentos à compreensão do que sejam os MCIs, é necessário se considerar a afirmação de Lakoff (1987, p. 341):

Os modelos cognitivos, em nosso sentido, não são representações internas da realidade externa. Não são por duas razões: primeiro, porque eles são entendidos em termos de corporalidade, não em termos de uma conexão direta com o mundo externo; e segundo, porque eles incluem aspectos imaginativos da cognição como a metáfora e a metonímia.

Neste capítulo, pretendemos ter exposto a Teoria da Semântica Cognitiva Experiencialista, que servirá de arcabouço teórico para a análise dos classificadores

nominais chineses. Este capítulo foi subdividido em três seções, devido a esta proposta semântica ser o resultado da incorporação de uma série de princípios e conceitos. Na primeira seção, apresentamos, de forma sintética e seletiva, os fundamentos filosóficos; na segunda seção, expusemos os fundamentos cognitivistas, iniciando pela Teoria Prototípica de categorização de Rosch, seguido da apresentação das influências teóricas mais diretas, como a semântica de *frame* de Fillmore, a teoria da metáfora e metonímia de Lakoff e Johnson, a teoria dos espaços mentais de Fauconnier e a gramática cognitiva de Langacker. Por fim, através das análises dos classificadores, realizadas por Dixon (1968, apud LAKOFF, 1986, 1987) e Downing (1984, apud LAKOFF, 1986, 1987), descrevemos o funcionamento dos Modelos Cognitivos Idealizados, em sua tipologia básica. Esta tipologia será utilizada para análise dos classificadores nominais chineses, no próximo capítulo, a fim de observar se esse modelo é produtivo para a análise dos classificadores nominais chineses.

4 ANÁLISE DOS CLASSIFICADORES NOMINAIS CHINESES À LUZ DA SEMÂNTICA COGNITIVA EXPERIENCIALISTA

No capítulo 2, realizamos um levantamento das abordagens lingüísticas realizadas pelos chineses e pelos ocidentais, bem como defendemos que a nossa abordagem teórica, para a análise dos classificadores nominais chineses, seria pelo viés da Semântica Cognitiva Experiencialista, conforme apresentado no capítulo 3.

Nas abordagens gramaticais chinesas, observamos que o classificador tem sido colocado junto à classe dos medidores e que a sua função é tida como unidade de medida, desde a primeira gramática chinesa e segundo o nosso levantamento. Através da revisão dos classificadores nominais, na literatura chinesa de Lingüística, supomos que sistematicidade e generalizações não são condições suficientes e necessárias para dar conta da explicitação das razões de variabilidade do uso do classificador, perante a entidade a que se refere. Isto fez com que nós analisemos os classificadores através da Semântica Cognitiva Experiencialista, exposta no terceiro capítulo.

Por outro lado, os classificadores, em algumas línguas, têm sido tratados não só como um sistema, mas também têm sido semanticamente explorados em profundidade. Com a definição pioneira dos classificadores de Allan (1977), através da associação de características perceptuais que revelam os traços semânticos da entidade referida pelos classificadores, adicionada às características funcionais e

interacionais humanas, propostas por Denny (1986), pode se constatar a natureza da categorização na cognição humana (TAI; CHAO, 1994). Ainda falta explicar, entretanto, nessas metodologias de análise, como ocorre a extensão para conceitos abstratos. Com base na Semântica Cognitiva Experiencialista, vamos analisar esta extensão e observar se ela é produtiva para o tratamento dos conceitos expressos por alguns classificadores chineses.

Dissemos também, anteriormente, que o surgimento dos classificadores na língua chinesa está relacionado à especificação de itens nas transações comerciais (LIU, 1959). Esta especificação foi provocada pela necessidade de distinções de superfície, explícitas entre substantivos, enquanto a língua se tornou cada vez mais homófona, por causa da massiva fusão fonêmica (ERBAUGH, 1986).

Também constatamos que o uso dos classificadores chineses é variável, mais que categórico. Em sua pesquisa detalhada, Erbaugh (1986) constatou que, tanto diacrônica como sincronicamente, o sistema de classificadores nominais chineses se demonstrou como conjuntos sem fronteiras claramente delimitadas (*fuzzy*), sobrepostas mutuamente, com referências completamente variáveis.

Erbaugh (1986) expõe uma explanação alternativa a essa variabilidade, propondo que se deve ao fato de o sistema de classificadores nominais não ser nativo do chinês, mas influenciado pelo tailandês, em decorrência de um longo período de intenso contato comercial. Os classificadores permaneceram no chinês, mas nunca se tornaram uma parte totalmente integrada no nível gramatical da língua. Essa hipótese foi levantada, a fim de explicar os resultados de testes quantitativos e qualitativos, realizados pela pesquisadora com crianças e adultos.

Erbaugh (1986) observou que, além de os classificadores serem extremamente raros na Antigüidade Chinesa, eles serviam para, no máximo,

especificar entidades concretas, discretas e contáveis; particularmente, para inventariar bens nas transações comerciais. Também possibilitavam especificar certas propriedades daquelas entidades que não estavam presentes perante os falantes - seja nas sentenças discursivas de compras, comércio, inventário, narração, solicitações de itens, - ou ações que ainda não tinham sido desempenhados. Os classificadores, embora numerosos e variados, retêm esta função discursiva até os dias atuais.

Por fim, Erbaugh (1986) ainda chama a atenção para a força gerativa das línguas humanas, que leva a combinar um pequeno número de elementos sintáticos, para descrever um número infinito de situações não familiares e até mesmo inimagináveis. Assim, um vasto inventário categoricamente definido de classificadores pode parecer mais preciso e eficiente para cada tipo de objeto do que a freqüente sobreposição não exclusiva e definidora dos classificadores nominais em chinês.

Feitas essas considerações preliminares, a título de consulta, utilizamos o dicionário de classificadores de Jiao (2001), onde se encontram 178 classificadores nominais, verbais e medidores mais empregados no chinês-mandarim contemporâneo. Foram analisados todos os classificadores nominais e, aqui, selecionamos uma amostra com o seguinte objetivo: demonstrar que a noção de formação de conceitos, implicada na Semântica Cognitiva Experiencialista, dá conta de uma análise mais esclarecedora do sistema conceitual, refletido nos classificadores chineses, enquanto teorias mais clássicas do significado levam ao tratamento de inúmeros casos, como exceções carentes de explicação.

Lembramos que as descobertas sobre os classificadores, como, por exemplo, no caso do dyirbal, foram feitas através de longo tempo e com muita observação por

etnógrafos. Envolveram, inclusive, uma abordagem interdisciplinar e transdisciplinar com a Lingüística, com a Psicologia Experimental, entre outros campos de pesquisa. Pretendemos que o nosso estudo seja apenas o início de investigações futuras. Para comprovar se a Semântica Cognitiva Experiencialista é produtiva para a análise dos classificadores nominais chineses, escolhemos sentenças com classificadores nominais, extraídas da Internet, de falas anotadas, de livros, centralizando a pesquisa nos classificadores específicos.

Iniciamos a análise, a partir de alguns classificadores mais especializados, isto é, com fronteiras mais claramente delimitadas e estreitamente relacionados a entidades concretas. Na seqüência, analisamos alguns classificadores que apresentam fronteiras mais difusas e que se expandem para estruturas mais complexas. Nas considerações finais desse capítulo, expomos os pontos relevantes na seqüência deste estudo, em relação ao arcabouço teórico assumido na presente dissertação.

4.1 O Classificador 本**běn**

a) 一本书
yì běn shū

um-CL livro
“um livro”

e) 一本漫画
yì běn màn huà

um-CL quadrinhos
“uma revista em quadrinhos”

b) 一本杂志
yì běn zázhì

um-CL revista
“uma revista”

f) 一本电子书
yì běn diànzǐshū

um-CL livro eletrônico
“um livro eletrônico”

c) 一本日记
yì běn rìjì

um-CL diário
“um diário”

g) 一本养生保健之作
yì běn yǎngshēng bǎojiàn zhī zuò

um-CL obra para preservar a saúde
“uma obra sobre saúde”

d) 一本护照
yì běn hùzhào

um-CL passaporte
“um passaporte”

O classificador 本**běn** antecede a livro, a revista, a diário, a passaporte, a revista em quadrinhos, a livro eletrônico, a obra para preservar a saúde, etc.

O classificador 本**běn** denota a entidade que se refere como uma coleção de registros, em algum suporte capaz de transmitir e conservar noções abstratas ou valores concretos. É interessante observar que, ao encontrarmos o domínio conceptual subjacente a 本**běn**, conseguimos explicar o porquê de todos elementos acima estarem reunidos e antecidos a essa categoria, de livro, passando por revista, por diário, por passaporte a livros eletrônicos. Ocorre, então, que, mesmo com a revolução tecnológica, a partir da qual a entidade livro se tornou virtual, pode-se empregar 本**běn** como o seu classificador.

Podemos considerar 本**běn** como uma categoria de nível básico, cujas características vão ao encontro das descritas por Rosch e Mervis (1975), conforme foi discutido anteriormente. Trata-se de uma única imagem mental, que pode refletir a categoria inteiramente, o que é suscitado através da evocação de **běn**. Isto facilita a rápida identificação de entidades como membros dessa categoria, bem como o nível em que uma pessoa usa ações motoras similares, para interagir com os membros da categoria 本**běn**.

A fonte dessa semelhança de família é gerada por um modelo cognitivo proposicional do tipo feixe de traços, já apresentado. Encontramos, na sua ontologia, somente uma propriedade COLEÇÃO DE REGISTROS EM ALGUM SUPORTE CAPAZ DE TRANSMITIR E CONSERVAR CERTAS NOÇÕES OU VALORES, estruturada em um esquema RECIPIENTE. Não foi encontrado nenhum caso de referência fora dessa propriedade.

Conforme foi resgatado, a partir de Denny (1976) e Lyons (1995), a existência ou não de determinadas categorias em um sistema de classificadores nominais

demonstra a importância cultural de uma entidade para aquela comunidade. E, ao encontrarmos o classificador 本 *běn* dentre as categorias de classificação chinesa, temos revelado que, para a sociedade chinesa, o registro em algum suporte tem relevância cultural o bastante para ser codificado nessa língua. Como é de conhecimento público, o registro em escrita ideográfica chinesa, datam de mais de 3000 anos, primeiro eram esculpidos em cascos de tartaruga e em ossos, para depois serem registrados em pergaminhos de bambus ou em seda e com a invenção do papel (século II) e da impressão tipográfica (século XI), surge o livro como nós conhecemos atualmente.

4.2 O Classificador 艘 *sōu*

a) 一艘船 <i>yì sōu chuán</i>	b) 一艘货轮 <i>yì sōu huòlún</i>	c) 一艘军舰 <i>yì sōu jūnjiàn</i>	d) 一艘快艇 <i>yì sōu kuàitǐng</i>
um-CL barco “um barco”	um-CL navio cargueiro “um navio cargueiro”	um-CL belonave “uma belonave”	um-CL lancha “uma lancha”

O classificador 艘 *sōu* antecede a barco, a navio cargueiro, a belonave, a lancha, etc.

O caso central é o transporte hidroviário, conforme demonstrado nos exemplos acima. O classificador denota a entidade que se refere como um veículo aquático.

Seguindo o modelo de análise da Semântica Cognitiva Experiencialista, exposto no capítulo anterior, baseado nas características para a categoria de nível básico, definidas por Rosch e Mervis (1975), hipotetizamos que essa categoria seja

básica, porque os membros são agregados por semelhança de família, e uma imagem mental de transporte hidroviário é formada perante o receptor, a cada vez que o classificador 艘 *sōu* tiver anteposto a um substantivo.

Conforme apresentado, a fonte dessa semelhança de família é um modelo cognitivo proposicional, do tipo feixe de traços. Encontramos, na sua ontologia, somente a propriedade TRANSPORTE HIDROVIÁRIO, estruturada num esquema RECIPIENTE. Não foi encontrado nenhum caso de referência fora dessa propriedade.

Como acontece com o classificador *běn*, acima mencionado, também aqui se evidencia a importância cultural do transporte hidroviário para a sociedade chinesa, geograficamente caracterizada por uma riqueza hídrica, como os rios Yangtze e Huanghe, onde grandes e importantes obras (canais artificiais, instalações portuárias, barragens etc.) foram construídas para permitir melhor aproveitamento no transporte de mercadorias e a conseqüente diversidade de barcos.

4.3 O Classificador 颗 *kē*

a) 一颗大豆
yì kē dàdòu

um-CL soja
“um grão de soja”

b) 一颗宝石
yì kē bǎoshí

um-CL preciosa pedra
“uma pedra preciosa”

d) 一颗心
yì kē xīn

um-CL coração
“um coração”

e) 一颗星星
yì kē xīngxīng

um-CL estrela
“uma estrela”

f) 一颗珠子 yì kē zhūzi	g) 一颗人造卫星 yì kē rénzào wèixīng	h) 一颗卫星 yì kē wèixīng	i) 一颗汗珠 yì kē hànzhū
um-CL pérola “uma pérola”	um-CL satélite artificial “um satélite artificial”	um-CL satélite “um satélite”	um-CL suor “uma <u>gota</u> de suor”
j) 一颗牙 yì kē yá	l) 一颗蛋 yì kē dàn	m) 一颗黑痣 yì kē hēizhi	
um-CL dente “um dente”	um-CL ovo “um ovo”	um-CL preta pinta “uma pinta preta”	

O classificador antecede a soja, pedra, coração, estrela, pérola, satélite artificial, satélite, pinta, suor, dente, ovo, etc.

O que todas as entidades referidas acima pelo classificador 颗 **kē** têm em comum é a sua forma arredondada. Isto coincide com o significado denotativo de 颗 **kē**, FORMA ARREDONDADA. Uma entidade poderá ser antecedida pela categoria 颗 **kē**, pertencer a essa “família”, se tiver uma “semelhança” com a forma arredondada.

Assim, seguindo a proposta da Semântica Cognitiva Experiencialista, supomos que 颗 **kē** seja uma categoria de nível básico, por ter as mesmas características definidas por Rosch e Mervis (1975). Isto quer dizer que há semelhança na forma arredondada, sendo esta a única imagem mental que reflete inteiramente essa categoria organizada. A fonte desses efeitos prototípicos é o modelo cognitivo proposicional do tipo feixe de traços, pois, na sua ontologia, encontramos somente a propriedade de arredondada, comum a todos os seus membros. Não foi encontrado nenhum caso de referência fora da propriedade arredondada.

4.4 O Classificador 棵 *kē*

a) 一棵草 <i>yì kē cǎo</i>	b) 一棵树 <i>yì kē shù</i>	c) 一棵大白菜 <i>yì kē dàbáicài</i>	d) 一棵茉莉花 <i>yì kē mòlihuā</i>
um-CL capim “um capim”	um-CL árvore “uma árvore”	um-CL couve chinesa “uma couve chinesa”	um-CL jasmim “um jasmim”

O classificador 棵 *kē*, é homófono ao classificador anterior, mas é um outro ideograma. Antecede a entidades como grama, árvore, couve chinesa, jasmim, etc. Para ser membro desta categoria, supomos que a entidade deve ser um ente do reino vegetal, pois não foi encontrado nenhum membro que não tenha a propriedade de vegetal.

Os membros são agregados pela semelhança de família, que faz com que uma imagem mental de VEGETAL se forme perante o receptor, quando o classificador 棵 *kē* antecede a uma entidade.

A fonte dessa semelhança de família é o modelo cognitivo proposicional do tipo feixe de traços. Encontramos, na sua ontologia, somente a propriedade VEGETAL, estruturada em um esquema RECIPIENTE, comum a todos os seus membros. Não foi encontrado nenhum caso de referência fora da propriedade VEGETAL. Concluímos que, para o chinês moderno, a existência de classificadores para marcar os vegetais revela a importância de distinção de entidades desse tipo.

4.5 O Classificador 只 *zhī*

a) 一只鸡 <i>yì zhī jī</i>	b) 一只老虎 <i>yì zhī lǎohǔ</i>	c) 一只蚊子 <i>yì zhī wénzi</i>	d) 一只鱼 <i>yì zhī yú</i>	e) 一只鸟 <i>yì zhī niǎo</i>
um-CL galinha “uma galinha”	um-CL tigre “um tigre”	um-CL mosquito “um mosquito”	um-CL peixe “um peixe”	um-CL pássaro “um pássaro”

O classificador antecede a entidades como galinha, tigre, mosquito, peixe e pássaro. Para ser membro desta categoria, supomos que a entidade deve ser um ente do reino animal, pois não foi encontrado nenhum membro que não tenha a propriedade de animal.

Os membros são agregados pela semelhança de família, que faz com que uma imagem mental de ANIMAL se forme perante o receptor, quando o classificador 只 *zhī* antecede a uma entidade.

A fonte dessa semelhança de família é o modelo cognitivo proposicional do tipo feixe de traços. Na sua ontologia, encontramos que, se a entidade tiver a propriedade ANIMAL, isto é suficiente para que essas entidades sejam estruturadas em um esquema RECIPIENTE, comum a todos os seus membros.

Anteriormente, mencionamos através da Erbaugh (1986), a existência de variabilidade da colocação de classificadores frente a uma entidade. Aqui, este fenômeno é observado.

Além de 只 *zhī*, existem alguns classificadores específicos para determinados animais domésticos, como 匹 *pǐ*, específico para cavalos; 头 *tóu*, para animais maiores; e 口 *kǒu*, para animais que se salientam pelo uso intenso da boca, como porcos. No caso daqueles animais com forma alongada saliente, ainda pode ser feita

a combinação com 条 **tiáo**, como, por exemplo, cachorro, peixe e cobra, para a especificação, com ênfase na forma.

Como já foi comentado anteriormente, entidades culturalmente relevantes para um povo têm o seu classificador específico. Este é o caso da entidade “cavalo”, que tem o seu classificador específico 匹 **pǐ**. Chen (2002) demonstra que, primeiramente, este classificador era usado como classificador medidor para pano. O meio que transportava o pano – o cavalo – também acabou, por transferência, sendo referido pelo mesmo classificador do seu objeto transportado, à semelhança do observado pelo classificador *hon*, citado por Lakoff (1986) e já mencionado na subseção 3.3.

Concluimos, através da análise dos classificadores 只 **zhī**, 匹 **pǐ**, 头 **tóu**, 口 **kǒu**, 条 **tiáo**, que talvez seja possível estabelecer uma categoria, no nível superordenado, denominado ANIMAL, conforme apresentado no quadro 5, tendo como categoria de nível básico 只 **zhī**, por reunir as características para essa categoria, definidas por Rosch e Mervis (1975), e tendo os classificadores 匹 **pǐ**, 头 **tóu**, 口 **kǒu**, 条 **tiáo** como categoria de nível subordinado. Observamos que 匹 **pǐ** é específico, para cavalos e eqüídeos, e 头 **tóu**, 口 **kǒu**, 条 **tiáo** podem ser empregados para animais ou entidades, com a característica que esses classificadores denotam.

Por fim, observamos que a existência de classificadores para marcar os animais no chinês-mandarim, revela a importância de distinção de entidades desse tipo.

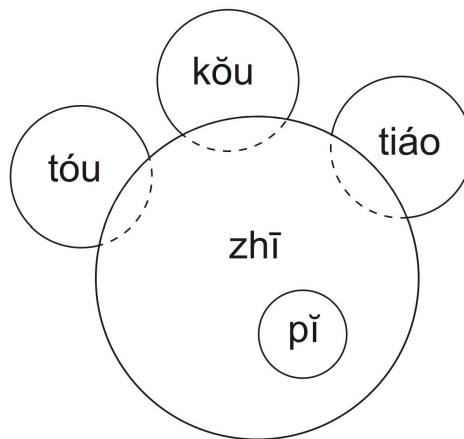


Figura 1: Relação entre os Classificadores zhī, pǐ, tóu, kǒu, tiáo

Fonte: Elaborada pela autora.

4.6 Os Classificadores 名 *míng* e 位 *wèi*

a) 一名总统 <i>yì míng zǒngtǒng</i>	b) 一名学生 <i>yì míng xuésheng</i>	c) 一名司机 <i>yì míng sījī</i>	d) 一名人 <i>yì míng rén</i>
um-CL presidente “um presidente”	um-CL aluno “um aluno”	um-CL motorista “um motorista”	um-CL pessoa “uma pessoa”

O classificador antecede a entidades, como presidente, aluno, motorista e pessoa. Para ser membro desta categoria, supomos que o caso central deve ser um ser humano. Outros casos existentes revelaram-se como uma metáfora extensional dessa propriedade.

Os membros são agregados pela semelhança de família, que faz com que uma imagem mental de HUMANO se forme perante o receptor, quando o classificador 名 *míng* anteceder a uma entidade a que se refere.

A fonte dessa semelhança de família é o modelo cognitivo proposicional do tipo feixe de traços. Na sua ontologia, encontramos que se a entidade tiver a propriedade HUMANA, isto é suficiente para que essas entidades sejam estruturadas em um esquema RECIPIENTE, comum a todos os seus membros.

Anteriormente, mencionamos, através da Erbaugh (1986), a existência de variabilidade da colocação de classificadores frente a uma entidade. Aqui, este fenômeno é observado.

Quando Denny (1986) fala em interação funcional, ele ilustra como as funções, que são corporificadas pelos vários propósitos humanos, são codificadas pelos classificadores.

O classificador 名 *míng* é apontado como o membro central da categoria humana para distinguir seres humanos de animais, de vegetais. Ele é central, justamente por poder ‘co-ocorrer’ com seres humanos de qualquer idade, gênero ou classe social. Como Denny (1986) mesmo observa, “[...] Os membros de uma sociedade atuam diferentemente, de acordo com a classe social com a qual eles se relacionam”. A sua idéia tem suporte no fato de que línguas classificadoras, freqüentemente têm classificadores que revelam esta distinção e estratificação social. Isto ocorre particularmente com as línguas do leste asiático, como o chinês, o vietnamês, o burmês e o japonês.

E o quê ocorre no chinês? Quais são as diferenças entre 名 *míng* e 位 *wèi*, quando estes são colocados antes de um substantivo que denote um indivíduo?

Na literatura chinesa, chama a atenção a minuciosa descrição da posição onde se encontram as personagens. Nesta posição, o ponto cardeal, para onde os seus rostos estavam voltados nos eventos, revelava a posição social dos participantes. Até os dias de hoje, permanece a determinação de lugares em

cerimônias, banquetes e óperas. Isso ocorre porque o assento e a posição que determinado sujeito ocupa, em um evento, revelam o seu status social. Assim, o classificador 位 *wèi*, pela tradição cultural, foi codificado na gramática da língua chinesa, denotando o respeito e a polidez do falante, em relação ao ser particular referido. Por exemplo:

e) 这位经理
zhè wèi jīnglǐ

este-CL gerente
“este gerente”

f) 一位教师
yí wèi jiàoshī

um-CL professor
“um professor”

Como dito anteriormente, de acordo com Erbaugh (1986), Li (2000) e Hopper (1986), a escolha de um classificador pode demonstrar se o indivíduo referido é ou não o tópico ou o personagem principal de uma dada cena discursiva, ou mesmo mostrar o status social do indivíduo referido, segundo o ponto de vista do falante ou do narrador. Trazemos, aqui, excertos de uma matéria de jornal⁹ sobre a “residência” do vigilante de uma dada rua em Shanghai:

g) 这位经理说，这么长时间来有关部门也没有提出过。

(...) *zhè wèi jīnglǐ shuō, zhème cháng shíjiān lái yǒu guān bùmén yě méi yǒu tíchu guò.*

Este-CL gerente disse, tão longo tempo, relacionado departamento também não ter levantado PRET.IMP.

“Este gerente disse, que durante todo esse tempo, os departamentos relacionados, nunca falaram nada”.

Em outro parágrafo, o vigilante da rua é assim referido:

h) 在东湖路56
弄口有一间门卫室，一名安保就住在这间房间内。房间内有双层床铺，电线杆被包在一间小小的〈厨房间〉内。这名外地来户的务工人员就是小区的安保员。

⁹ *Xinwen wanbao*

(...) zài Dōnghú Lù 56 nòngkǒu yǒu yì jiān (...) ménwèishì, yì **míng** ānbǎo jiù zhùzài zhè jiān fángjian nèi. fángjian nèi yǒu shuāng céng chuángpù, diànxiàn gān bèi bāo zài yì jiān xiǎoxiǎo de “chúfángjian” nèi. Zhè **míng** wàidì lái hù de wùgōng rényuán jiùshì xiǎoqūde ānbǎoyuán.

(...) Em Donghu rua, 56 travessa tem um quarto, um-CL vigilante justamente morar dentro deste quarto. Dentro deste quarto tem duplo cama, poste luz foi envolvido por um-CL pequena “cozinha”. Este CL que vem de fora para trabalhar ser justamente o vigilante do bairro.¹⁰

“Na Rua Donghu, travessa 56 tem um quarto, e ali mora um vigilante. Dentro deste quarto tem um beliche, o poste de luz foi envolvido por uma minúscula “cozinha”. Este trabalhador que veio do interior para trabalhar é justamente o vigilante do bairro.”

A partir desses dois excertos encontrados no mesmo texto, está demonstrado que existem dois classificadores para humanos empregados para dois sujeitos distintos e que ocupam níveis sociais diferentes. Para o gerente, foi empregado o classificador **wèi**, e para o vigilante, foi empregado o classificador **míng**, nas suas duas referências. Isto dá indícios para supor que o classificador 位 **wèi** marca uma posição social mais privilegiada do que o classificador 名 **míng**.

Ambos os classificadores denotam a entidade referida como da categoria HUMANO. Hipotetizamos que, quando o falante quer distinguir o ser referido com maior distinção social, tem a opção de empregar o classificado 位 **wèi**, para marcar esta diferença, enquanto 名 **míng** é usado para referência mais geral a seres humanos. A figura abaixo ilustra a relação entre 位 **wèi** e 名 **míng**:

¹⁰ Há outros classificadores no excerto que foram emitidos por não se tratar de objeto de análise na presente seção.

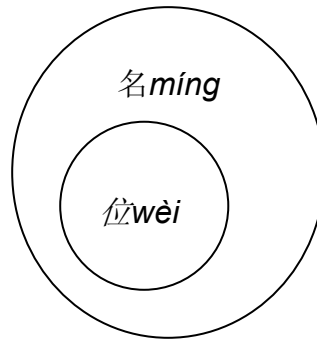


Figura 2: Relação entre os Classificadores 名 *míng* e 位 *wèi*

Fonte: Elaborada pela autora.

Os classificadores expostos até aqui são alguns exemplos, que têm a mesma fonte de efeitos prototípicos, ou seja, o modelo cognitivo proposicional do tipo feixe de traços, que se assemelha à teoria clássica, por terem, na sua ontologia, uma propriedade comum a todos os seus membros. Também observamos que, para o chinês contemporâneo, é importante distinguir HUMANOS, VEGETAIS e ANIMAIS, o que é demonstrado através da existência de classificadores específicos, analisados acima. Abaixo, passamos a descrever classificadores com estruturas mais complexas, a partir das quais a Semântica Cognitiva Experiencialista dá conta de uma análise mais esclarecedora do sistema conceitual, refletido pelos classificadores.

4.7 O Classificador 门 *mén*

- | | | | |
|---------------------------------|--------------------------------|-----------------------------------|--------------------------------------|
| a) 一门大炮
<i>yì mén dàpào</i> | b) 一门亲戚
<i>yì mén qīnqi</i> | c) 一门亲事
<i>yì mén qīnshì</i> | d) 一门本领
<i>yì mén běnlǐng</i> |
| um-CL canhão
“um canhão” | um-CL parente
“um parente” | um-CL casamento
“um casamento” | um-CL habilidade
“uma habilidade” |
| e) 一门学问
<i>yì mén xuéwèn</i> | | | |
| um-CL conhecimento | | | |

“uma área de conhecimento”

f) 女儿出嫁，儿子长大后，一般分家居住，父母一般多与最小的一个儿子一起生活，保持这一门家庭的核心地位¹¹。

nǚér chūjià, érzi zhǎngdà hòu, yìbān fēnjiā jūzhù, fùmǔ yìbān duō yǔ zuìxiǎo de yí gè érzi yìqǐ shēnghuó, bǎochí zhè yì mén jiātíng de héxīn dìwèi.

Filha casar, filho crescer depois, geralmente divide casa morar, pais geralmente maior com menor do um filho junto viver, manter esta-CL família de núcleo posição.

“Após a filha se casar e o filho crescer, geralmente se mora em casas separadas, a maioria dos pais geralmente vive junto com o filho menor, se mantendo como o núcleo central dessa família”.

g) [...] 美国杜克大学还为学生开设了一门“因特网与伦理学”的课程。

[...] *Měiguó Dùkè dàxué wèi xuéshēng kāishèle yì mén “yīntèwǎng yǔlúnlixué” de kèchéng*¹².

[...] a universidade de Duke abriu um-CL intitulado “Ética e Internet”.

[...] a universidade de Duke abriu um curso intitulado “Ética e Internet”.

h) 出版是一门科学

*Chūbǎn shì yì mén kēxué*¹³.

Edição é uma-CL ciência.

“Edição é uma ciência”.

i) 把教育当成一门艺术

*Bǎ jiàoyù dāngchéng yì mén yìshù*¹⁴.

Tome a educação como um-CL arte.

“Torne a educação como uma arte”.

j) 一门忠义

yì mén zhōngyì.

um-CL lealdade.

“uma família de lealdade”.

l) 陈氏后代一门三代五进士五大夫

*Chén shì hòudài yì mén sān dài wǔ jìnshì wǔ dàifū*¹⁵.

Descendentes de Chen têm um-CL de três gerações com cinco aprovados na real academia e cinco médicos.

“Descendentes de Chen têm uma família de três gerações, com cinco aprovados na real academia e cinco médicos”.

¹¹ ZHONGGUANGWANG-QINGHAI, 2005.

¹² LICITY VISTA, 2005.

¹³ CHUBANKEXUE, 2005.

¹⁴ CHINA EDUCATIONAL AND RESEARCH NETWORK, 2005.

¹⁵ HAIWAIBAO, 2005.

m) 一门三院士谱写家祖传期 – 梁齐曹和他的孙们
*yì mén sān yuànshì pǔxiě jiāzú chuánqí – Liáng Qícāo hé tāde sūnrmen*¹⁶.

Um-CL três acadêmicos compõem uma saga familiar – Liang Qizhao e seus netos.
 Uma família de três acadêmicos compõe uma saga familiar – Liang Qizhao e seus netos.

n) 同出一门的名车用品
*Tóngchūyì mén de míngchē yòngpǐng*¹⁷.

Saído da mesma um-CL de carros famosos acessórios.
 “Acessórios automotivos famosos saídos da mesma fábrica”.

o) 网上购物：最困难的一门生意
*Wǎngshàng gòuwù: zuì kùnnán de yì mén shēngyì*¹⁸.

Comprar na Internet: o mais difícil de um-CL negócio.
 “Comprar na Internet: o negócio mais difícil”.



Figura 3: “Três Aprovados na Academia Real Chinesa”

Fonte: Changsha, 2005.

¹⁶ JMNEWS, 2005

¹⁷ TAIPINGYANG QICHEWANG, 2005.

¹⁸ ZHONGGUO WANGYOUBAO, 2005

p) 一门三进士

*yì mén sān jìnshì*¹⁹

Um-CL três aprovados na Academia Real Chinesa
 “Três aprovados na Academia Real Chinesa”.

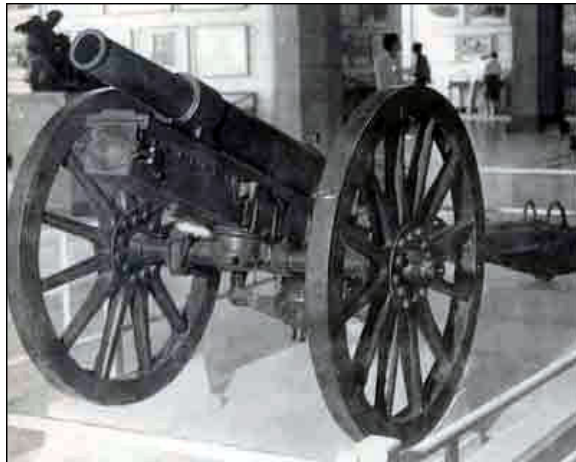


Figura 4: “O Único Canhão de Montanha que a Longa Marcha do Comando de Armas do 2º Exército da Libertação Nacional levou para o Norte de Shaanxi.”

Fonte: Crionline, 2005.

q) 红2方面军长征带到陕北的唯一的一门山炮

*Hóng 2 fāngmiànjūn chángzhēng dàidào Xiáoběi de wéiyī de yì mén shānpào*²⁰.

Vermelho 2º Exército levar até Shaanxi norte GEN único GEN um-CL canhão de montanha.

“O único canhão de montanha que a longa marcha do comando de armas do 2º Exército da Libertação Nacional levou para o norte de Shaanxi.”

门 **Mén** antecede a canhão (a) e (q), parente (b), casamento (c), habilidade (d), conhecimento (e), família (f), curso (g), ciência (h), arte (i), lealdade (j), geração (l), acadêmico (m), fábrica (n), negócio (o) e aprovado (p).

Essas entidades não têm, aparentemente, nada em comum, mas *faz sentido* que elas possam ser classificadas da mesma maneira. Abaixo, explicaremos com

¹⁹ CSONLINE, 2005.

²⁰ CRIONLINE, 2005.

mais detalhes, porque este classificador é estruturado de maneira mais complexa do que os expostos anteriormente.

门 *Mén*, em chinês-mandarim, em posição de substantivo, denota o equivalente ao léxico “porta²¹”, em português.

Conforme a definição de metonímia, apresentada na subseção 3.2.2, o classificador está relacionado ao modelo cognitivo que representa o uso de uma parte pelo todo. Aqui, supomos que porta – 门 *mén* é a metonímia da casa, que decorre do fato de ser sua saliência perceptual, já que as antigas casas chinesas eram cercadas por muros altos, que impediam a revelação do seu interior. De acordo com as entidades referidas por esse classificador, hipotetizamos que 门 *mén* seja a metonímia de ‘casa’ e essa, por extensão, uma metáfora do conceito FAMÍLIA, o caso mais central. Acompanhemos o raciocínio abaixo.

Seguindo a proposta de análise de Lakoff (1987), para o conceito MÃE, aqui o aplicamos ao conceito de FAMÍLIA, porque encontramos uma estrutura cognitiva semelhante à do lingüista, como um modelo metonímico complexo. Este tem uma estrutura em cachos de modelos cognitivos, formado por modelos cognitivos individuais.

Para Minuchin e Fischman (1990), a família representa um grupo social primário, que influencia e é influenciado por outras pessoas e instituições. É um grupo de pessoas, ou um número de grupos domésticos, ligados por descendência (demonstrada ou estipulada), a partir de um ancestral comum, matrimônio ou adoção. Em uma família, existe sempre algum grau de parentesco. Membros de uma família costumam compartilhar do mesmo sobrenome, herdado dos ascendentes

²¹ “Uma **porta** é geralmente entendida como uma abertura em um elemento de vedação arquitetônica, como uma parede, permitindo a passagem de pessoas de um ambiente para outro” (WIKIPEDIA, 2005).

diretos. A família é unida por múltiplos laços, capazes de manter os integrantes moralmente e materialmente, reciprocamente, durante uma vida e durante as gerações.

Minuchin e Fischman (1990) também afirmam que se pode, a partir da afirmação acima, definir família como um conjunto invisível de exigências funcionais, que organiza a interação dos membros da mesma, considerando-a, igualmente, como um sistema, que opera através de padrões transacionais. Assim, no interior da família, os indivíduos podem constituir subsistemas, e estes podem ser formados pela geração, sexo, interesse e/ou função, havendo diferentes níveis de poder. Neste sentido, os comportamentos de um membro afetam e influenciam os outros membros. A família, como unidade social, enfrenta uma série de tarefas de desenvolvimento, diferindo no nível dos parâmetros culturais, mas possuindo as mesmas raízes universais.

Com esta conceituação, sintetizamos os seguintes modelos metonímicos de FAMÍLIA, que não se esgotam:

1. MODELO NUCLEAR: consiste em um homem, uma mulher e os seus filhos, biológicos ou adotados, habitando um ambiente familiar comum.

2. MODELO MONOPARENTAL: consiste em uma variação da estrutura nuclear tradicional, devido a fenômenos sociais, como o divórcio, óbito, abandono de lar, ilegitimidade ou adoção de crianças, por uma só pessoa.

3. MODELO CONSANGÜÍNEO: trata-se de uma ampliação da família nuclear, mais os ascendentes, descendentes, colaterais, com o mesmo sobrenome.

4. MODELO DE AFINS: grupo de pessoas reunidas, sob a mesma doutrina ou liderança, que têm os mesmos interesses ou a mesma profissão, ou são do mesmo lugar de origem ou de trabalho etc. Neste caso, há uma estrutura hierárquica e

exigências semelhantes às da família (família anchietana, família judaica, família Sesi, família GM, etc).

Pelos modelos acima expostos, supomos que a família prototípica seja aquela composta pela convergência de todos os modelos – a família formada pelas pessoas que apresentem consangüinidade, tendo o mesmo sobrenome –, constituindo o caso mais central. Hipotetizamos que o protótipo seja um estereótipo do tipo FAMÍLIA NUCLEAR, definido a partir desse modelo, em que família é a constituída por pai, mãe e filhos, porque é a experiência primeira e mais básica de todo indivíduo humano.

Esse subsistema de classificação é organizado e estruturado pela categoria radial, através do Princípio do Domínio da Experiência PASSAGEM, que iremos explicar em detalhes, logo a seguir:

PRINCÍPIO DO DOMÍNIO DA EXPERIÊNCIA: Se há um domínio básico da experiência associado com A, então é natural que entidades nesse domínio estejam na mesma categoria que A (LAKOFF, 1987, p. 93).

Na antiga cultura chinesa, a porta tinha uma função simbólica peculiar. O tamanho, a forma, a passagem de pessoas pela porta, era rigidamente regrada por etiquetas sociais, que normatizavam as relações de convívio na comunidade²².

Um desses regramentos de convívio social era o antigo ritual de casamento chinês, que era consumado através da passagem da noiva pela porta de sua casa para a porta da residência do noivo. Tanto é que há frases como: “Assim que fulana “passar pela porta” estará selada a relação entre as duas famílias”, ou seja, a consumação do matrimônio se efetiva, através da passagem da noiva pela porta.

²² Observamos que a porta até hoje tem uma função importante na revelação de status na cultural chinesa, apesar de não ser mais tão rigidamente regrada por normas sociais.

Por meio deste ritual de passagem, era estabelecida uma relação parental entre duas ou mais famílias. Assim, podemos compreender o porquê de casamento (c), parente (b) e família (g) serem antecedidos por 𠄎 *mén*. Tendo o “rito de passagem” confirmado o “casamento”, relações familiares são estabelecidas e se estendem para gerações (l), por esquema de imagens Trajetória e para lealdade (j) pelo Princípio de Mito-e-Crença, conforme apresentado na seção 3.3, porque os chineses acreditam que a família é regida pelo conceito moral confuciano²³.

Na China Antiga, transações comerciais, como uma forma de relação e convívio social, também eram normatizadas. Essas transações eram feitas entre os membros e entre as famílias, estruturando a metáfora conceitual: NEGÓCIO É FAMÍLIA, que é organizada pelo Modelo Cognitivo Metonímico de afins. As mercadorias passavam através das *portas* das *famílias*, por isso a situação está relacionada ao Princípio do Domínio da Experiência PASSAGEM. Assim, negócio (p) se torna um membro da categoria, ainda que mais periférico, e ainda se estende para fábrica (n), como um de seus modelos.

A entidade conhecimento (e) é uma outra extensão do modelo de afins do Modelo Cognitivo Metonímico FAMÍLIA, suportado pela metáfora conceitual ENTRAR NA FAMÍLIA, que irradia a extensão, através do Princípio do Domínio da Experiência PASSAGEM para ciência (h) e arte (i), que são taxonomias. O membro conhecimento (e) estenderá através do Princípio de Domínio Experiencial PASSAGEM para curso (g).

A entidade curso (g) pode ser antecedida por 𠄎 *mén*, porque está relacionada com o modelo metonímico de afins para a FAMÍLIA e pela metáfora conceitual:

²³ Confucionismo: uma das escolas filosóficas chinesas, sendo o pilar que embasa a organização e o conhecimento de mundo dessa sociedade. Confúcio, fundador da escola, era filósofo e educador, viveu entre 551 a.C-479 a.C. (JIN, 2004)

ENTRAR NA FAMÍLIA. Segundo este modelo, ela pode ser entendida denotativamente, como reunião de pessoas interessadas em adquirir um determinado saber, mediado por alguém que acumulou maior experiência e que, através do Princípio de Domínio de Experiência, PASSAGEM, irá estender por RECIPIENTE, para se ter a habilidade (d), para se tornar acadêmico (m) e aprovado (p).

Para ingressar na carreira de funcionário público e passar pela porta que guarda a entrada aos palácios, também é necessário um “ritual de passagem” - somente mediante concursos muito acirrados, a cada três anos, é que se podia entrar para a academia, um dos membros do modelo metonímico de afins do conceito FAMÍLIA, e tinha de se fazer cursos (g) para se ter a habilidade (d) para a aprovação. Assim, podemos estabelecer uma metáfora conceitual: ENTRAR NA FAMÍLIA. Isto justifica que acadêmicos (m) e aprovados (p) também estejam nesta categoria e sejam antecidos por *ímén*.

Há somente um membro que parece ser, à primeira vista, marginal: o canhão (a) e (r). Lançamos aqui duas hipóteses sobre o porquê de o canhão estar nesta categoria:

1) pelo Princípio do Domínio da Experiência PASSAGEM, relacionado ao fato de que, através de sua bitola, entra e sai a munição;

2) pelo Princípio de Propriedade Importante, exposto em 3.3, relacionado à função do canhão de proteger as antigas cidades chinesas amuralhadas. Entendo “cidade”, como membro do Modelo Cognitivo Metonímico de afins de FAMÍLIA, já que o termo “cidade” pode também ser entendido como um coletivo de várias famílias reunidas.

Confirmamos, para ʃ́mén, o que afirma Lakoff (1987): as categorias radiais são fontes de semelhança de família e, geralmente, nessas categorias, as subcategorias periféricas são extendidas, como variantes das categorias mais centrais. No caso de ʃ́mén, o sistema é organizado pelo modelo cognitivo metonímico complexo e pelo princípio do domínio da experiência, entre outros.

Com o exemplo do classificador ʃ́mén, temos mais uma confirmação de que a fonte de semelhança de família vai além do escopo da teoria clássica, já observada por Lakoff (1987). Vimos, pelo exposto acima, que o conceito de FAMÍLIA não é claramente definido, em termos de condições suficientes e necessárias comuns. Além do modelo nuclear de família, existe também o modelo de família consangüínea, família monoparental, família de afins, etc., que não esgotam todos os tipos de família possíveis. Essas categorias são complexas e estruturadas, por encadeamento, pelo Princípio de Domínio de Experiência PASSAGEM: que faz fábrica estar ligada a negócio, pela entrada e saída de mercadorias; que, por sua vez, está ligado à família e a parentes, porque, na Antigüidade da cultura chinesa, as transações eram feitas entre parentes e depois entre famílias, gerando uma imagem cinestésica de passagem. Já família e parentes estão ligados ao casamento, porque é através do ritual da passagem da noiva pela porta que se confirmava o casamento e, assim, é formando o Modelo Cognitivo Metonímico Nuclear prototípico e membro central FAMÍLIA. Este se projeta, através de metáfora conceitual, para CASA, por ser a materialização da FAMÍLIA NUCLEAR; e se projeta, por metonímia, ao classificador ʃ́mén, que é um domínio experiencial específico e significativo na cultura chinesa, conforme exposto pelos motivos acima.

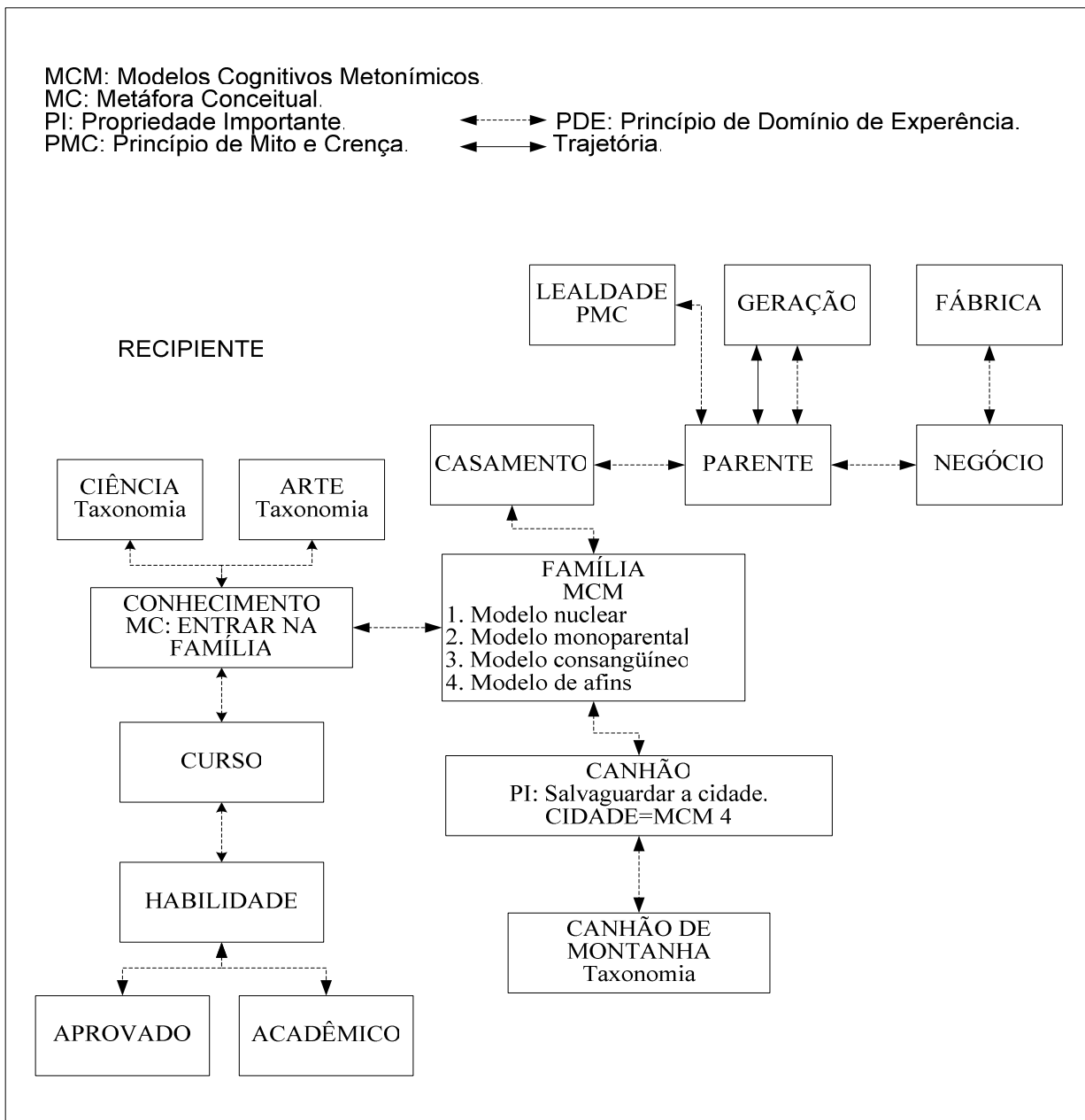


Figura 5: Diagrama do Classificador mén

MÉN é Metonímia de CASA por ser a parte mais saliente de uma habitação chinesa, sendo CASA metáfora conceitual de FAMÍLIA, o membro mais central que irradia para os demais membros.

Fonte: Elaborada pela autora.

4.8 O Classificador 面 *miàn*

- a) 一面镜子
yí miàn jìngzi
um-CL espelho
“um espelho”
- b) 一面鼓
yí miàn gǔ
um-CL tambor
“um tambor”
- c) 一面旗子
yí miàn qízi
um-CL bandeira
“uma bandeira”
- d) 一面墙
yí miàn qiáng
um-CL parede
“uma parede”
- e) 女人的一面
nǚrén de yí miàn
mulher de um-CL
“um lado da mulher”
- f) 一面湖
yí miàn hú
um-CL lago
“um lago”
- g) 一面脸红到脖子上
yí miàn liǎn hóng dào bózi shàng
um-CL vermelho até o pescoço
“Ruborizou do rosto até o pescoço”.
- h) 日常生活中，小到拥有一面桌子
rìcháng shēnghuó zhōng, xiǎo dào yōngyǒu yí miàn zhuōzi
Na vida cotidiana, no mínimo possuir um-CL mesa.
“Na vida cotidiana, no mínimo se possui uma mesa”.
- i) 朝西的一面风景最好，因此全部用透明玻璃墙装饰。
*cháo xī de yí miàn fēngjǐng zuì hǎo, yīncǐ quánbù yòng tòumíng bōlǐqiáng zhuāngshì*²⁴.
Em direção a oeste de um-CL paisagem melhor, por isso totalmente usa vidro parede adorno.
“O lado com a melhor paisagem é em direção a oeste; por isso, a parede é inteiramente envidraçada”.

²⁴ XINHUAGUOJI, 2005.

j)[...]显示器可以方便地180度转向，俩人
 交谈时可以将一面显示器转向对方，实现
 面对面的解说，特别适于营业点面向顾客
 的说明及推销。

[...] xiǎnshìqì kěyǐ fāngbiàn de 180 dù
 zhuǎnxiàng, liǎng rén duìtán shí kěyǐ
 jiāng yí miàn xiǎnshìqì zhuǎnxiàng
 duìfāng, shíxiàn miàn duì miàn de
 jiěshuō, tèbié shìyú yíngyè diǎn miàn
 xiàng gùkè de shuōmíng yǔ tuīxiāo²⁵.

Monitor pode facilmente 180° girar, duas
 pessoas para conversar quando pode
 um-CL monitor girar interlocutor, realizar
 face a face de explicação, especialmente
 adequado venda ponto face em direção
 cliente de explicação e venda.

“O monitor pode facilmente virar a 180°.
 Na conversa a dois, pode virar uma face
 para o interlocutor, realizando uma
 explicação face a face. É especialmente
 indicado em pontos de venda para
 atendimento ao cliente”.



Figura 6: “O monitor pode facilmente
 virar a 180°”

Fonte: Tianwaiwang, 2005.

k) 公元前202年，刘邦的大将韩信布制十面埋伏，把项羽围困在该下。

Gōngyuán qián 202 nián, Liú Bāng de dàjiāng Hán Xìn bùzhì shí miàn máifú, bǎ
 Xiàng Yǔ wéikùn zài gāixià²⁶.

Era atual antes 202 anos, Liu Bang de general Han Xin montar dez faces
 emboscadas pegar Xiang Yu cercar na vala embaixo.

“Há 202 anos antes da Era Atual, Han Xin, o general de Liu Bang, montou uma
 emboscada e cercou Xiang Yu.”

l) 地球的一面。
 dìqiú de yí miàn.

Terra de um-CL.
 “um lado da Terra”.

m) 一面盾
 yí miàn dùn.

um-CL escudo.
 “um escudo”

²⁵ TIANWAIWANG, 2005.

²⁶ SDXM, 2005.

O classificador 面 *miàn* antecede às entidades espelho (a), tambor (b), bandeira (c), parede (d), mulher (e), lago (f), rosto (g), mesa (h), paisagem (i), monitor de vídeo (j), emboscada (k), terra (l), escudo (m) e etc.

O que faz com que todos estes membros sejam categorizados por 面 *miàn*? O classificador 面 *miàn* denota as entidades referidas a uma superfície plana, fina, lisa, evidente e, o mais importante, com a qual, funcionalmente, o indivíduo interage somente com uma de suas faces. Neste sentido, qualquer entidade pode ser antecedida por 面 *miàn*, desde que se perceba a entidade como bidimensional e tendo somente uma das faces ou um dos lados funcionais. Segundo os estudos desenvolvidos por Tai e Chao (1994), essa é a característica principal, também demonstrada aqui, através dos exemplos acima arrolados.

Como já referido, “[...] a transformação de esquema-imagem é um dos muitos tipos de relações cognitivas que podem formar uma base para a extensão de uma categoria” (LAKOFF, 1986. p. 27). Assim, supomos também existir uma relação de transformação de esquema de imagem PLANO, para esquema de objetos planos, lisos e finos. Deste modo, entidades abstratas percebidas como imagens, tal como paisagem, perigo, emboscada, mulher, aqui entendida como personalidade – que poderia anteceder a qualquer ser humano – representam extensões metafóricas da percepção visual plana, lisa e fina, através de uma transformação de esquema de imagem, como se fosse um quadro, diante do indivíduo.

4.9 O Classificador 把**bǎ**

a) 一把叉子 <i>yì bǎ chāzi</i>	b) 一把茶壶 <i>yì bǎ cháhu</i>	c) 一把铲子 <i>yì bǎ chǎnzi</i>	d) 一把尺 <i>yì bǎ chǐ</i>
um-CL garfo “um garfo”	um-CL bule de chá “um bule de chá”	um-CL pá “uma pá”	um-CL régua “uma régua”
e) 一把锤子 <i>yì bǎ chuízi</i>	f) 一把大提琴 <i>yì bǎ dàtíqín</i>	g) 一把锄子 <i>yì bǎ chúzi</i>	h) 一把刀 <i>yì bǎ dāo</i>
um-CL martelo “um martelo”	um-CL violoncelo “um violoncelo”	um-CL enxada “uma enxada”	um-CL faca “uma faca”
i) 一把斧子 <i>yì bǎ fǔzi</i>	j) 一把剪子 <i>yì bǎ jiǎnzi</i>	k) 一把剑 <i>yì bǎ jiàn</i>	l) 一把扫帚 <i>yì bǎ sàozhōu</i>
um-CL machado “um machado”	um-CL tesoura “uma tesoura”	um-CL espada “uma espada”	um-CL vassoura “uma vassoura”
m) 一把扇子 <i>yì bǎ shànzi</i>	n) 一把勺儿 <i>yì bǎ sháor</i>	o) 一把梳子 <i>yì bǎ shūzi</i>	p) 一把刷子 <i>yì bǎ shuāzi</i>
um-CL leque “um leque”	um-CL colher “uma colher”	um-CL pente “um pente”	um-CL escova “uma escova”
q) 一把算盘 <i>yì bǎ suànpán</i>	r) 一把锁 <i>yì bǎ suǒ</i>	s) 一把椅子 <i>yì bǎ yǐzi</i>	t) 一把雨伞 <i>yì bǎ yǔsǎn</i>
um-CL ábaco “um ábaco”	um-CL cadeado “um cadeado”	um-CL cadeira “uma cadeira”	um-CL sombrinha “uma sombrinha”

O classificador antecede a garfo (a), bule (b), pá (c), régua (d), martelo (e), violoncelo (f), enxada (g), faca (h), machado (i), tesoura (j), espada (k), vassoura (l), leque (m), colher (n), pente (o), escova (p), ábaco (q), cadeado (r), cadeira (s), sombrinha (t), etc.

O que todas as entidades acima têm em comum, que faz com que possam ser agrupadas pelo classificador 把**bǎ**? Todas são manipuladas, através da ação das mãos e são instrumentos que exercem uma atividade.

Supomos que o classificador 把**bǎ** ressalta a característica manipulável da entidade concreta referida, denotando que esses objetos têm um cabo, alça ou algo semelhante, para a sua manipulação.

Dessa forma, para objetos concretos de nível básico, podemos inferir que eles estão reunidos pela semelhança de família, no sentido de terem a característica manipulável e pela propriedade de a irradialidade se estender através de metonímia INSTRUMENTO POR ATIVIDADE²⁷, que se estende por quatro metonímias:

1) PARA CORTAR: para tesoura em (j) e para faca em (h), que se estende, novamente, por metonímia CONTIGÜIDADE DE USO para garfo em (a), que, por extensão metafórica COM PONTAS, se estende para pente em (o), que, por extensão metafórica USAR PARA ASSENTAR O CABELO, para escova em (p). Esta abre para duas extensões metafóricas: uma COM CERDAS, que se estende para vassoura em (l), e a outra COM CORDAS, que se estende para violoncelo em (f), que é uma extensão metafórica POR PROPRIEDADE.

Duas outras extensões se irradiam da metonímia PARA CORTAR: espada em (k) e machado em (i), que, através da propriedade TIPO DE FERRAMENTA, se estende para martelo em (e).

2) PARA MEDIR, em que se enquadrariam régua em (d) e ábaco em (q).

3) DE ABRIR E FECHAR, que resulta em cadeado em (r), leque em (m) e sombrinha em (t).

4) PARA COLHER PORÇÕES

O classificador 把**bǎ** não se refere, contudo, somente a entidades concretas, como colher em (n), por RECIPIENTE PARA PORÇÕES, pá em (c), que se estende para enxada em (g), por extensão metafórica por propriedade relevante PORÇÃO

²⁷ Proposta por Feltes (2005) e desenvolvida pela autora.

COISA TERRA e bule de chá em (b), por extensão por propriedade relevante PORÇÃO COISA LÍQUIDO. Também se estende para entidades abstratas. Vamos, a seguir, tentar explicar a fonte desses efeitos prototípicos.

O classificador 把**bǎ** estende, através de encadeamento, o seu significado de ‘pegar’ e ‘segurar’, para as entidades abstratas: trabalhando no campo, segurando uma enxada, emprega-se força, despende-se energia. Assim, enxada, força e energia estão no mesmo domínio de experiência, e o encadeamento ocorre, através da transformação de esquema e imagem de objetos com cabo, para a propriedade de DISPÊNDIO DE ENERGIA, como em (u), (v), (w), (w’) e (x).

u) 一把劲儿
yì **bǎ** jìn'r

um-CL esforço
“um punhado de esforço”

v) 一把力气
yì **bǎ** lìqì

um-CL energia
“um punhado de energia”

w) 过一把瘾
guò yì **bǎ** yǐn
“satisfazer uma mania (ou um vício)”

w')

我不明白每次玩游戏的时候，爸爸妈妈为什么总是大眼瞪小眼，假期里也不让我玩。

我只能瞅着他们不在家的时候像做贼一样过上一把瘾。

*Wǒ bù míngbái měi cì wán yóuxì de shíhòu, bàba māma wèishenme dànyǎn dèng xiǎoyǎn, jiàqǐlǐ yě bú ràng wǒ wán. Wǒ zhǐ néng chǒuzhe tāmen bú zài jiā de shíhòu xiàng zuò zéi yíyàng guòshàng yì **bǎ** yǐng.*

Eu não estou entender cada vez brincar videogame de quando, papai mamãe porque sempre grande alvo encara pequeno olho férias dentro também não deixar eu brincar eu só posso restar eles não estar casa de quando parecer fazer ladrão igual para passar um-CL vício.

“Eu não estou entendendo porque, cada vez que eu vou brincar de videogame, os meus pais ficam implicando, não me deixando brincar, durante as férias. Só me resta

observar e, quando eles não estão em casa, brincar furtivamente, para satisfazer a minha vontade".

x) 王朔的一部小说名就是：《过一把瘾就死》。

Wáng Shuō de yí bù xiǎoshuō míng jiù shì: Guò bǎ yǐng jiù sǐ!

Wang Shuo GEN um-CL novela nome justamente ser: "Passar um-CL satisfação então morrer".

"O nome de uma novela de Wang Shuo é: "Satisfazer-se e morrer!".

O classificador 把**bǎ** também serve como unidade de medida, para aquelas entidades que podem ser contidas na mão fechada, e estas são em maior quantidade do que a mão pode pegar. Entendemos que 把**bǎ**, extensionalmente, denote que há ainda mais idade do que "essa" mão possa agarrá-la, como em (y).

y) 他已经大把年纪了，还能学汉语吗？

tā yǐjīng yì dà bǎ niánjì le, hái néng xué hànyǔ ma?

Ele já grande –CL idade PRETPREF, ainda poder aprender chinês?

"Ele já tem um punhado de idade, ainda pode aprender chinês?"

O classificador 把**bǎ** pode funcionar como uma hipérbole. No exemplo (z), quer se destacar a grande quantidade de lágrimas, que, normalmente, não pode ser segurada com a mão. Em (z'), o exemplo remete a uma pessoa tão magra, que poderia ser segurada com a mão. Nos exemplos (x), (w) e (w'), temos uma metáfora: a condição de passar momentos tão intensos, como fosse possível agarrar com a mão essa paixão.

z) 哭的一把鼻涕、一把眼泪。

kū de yì bǎ bíti yì bǎ yǎnlèi

chorar GEN um-CL ranho, um-CL lágrima
"chorou um punhado de ranho e de lágrimas".

z') 瘦成一把骨头

shòu chéng yì bǎ gǔtóu

magro transformado um-CL osso
"magro como um punhado de ossos".

As entidades concretas e de nível básico, agregadas pelo classificador 把**bǎ**, têm uma saliência, como um cabo, que indica a característica funcional da forma de manipulação e instrumentos, por atividade, dessas entidades. Por outro lado, o seu significado se estende para as entidades abstratas, como uma hipérbole, dependendo da entidade a ser referida e a vontade do falante. A direção da extensão parece se dar a partir da funcionalidade de manipulação de objetos concretos, de nível básico, para outras coisas – como enxada e faca, para força e energia, por um lado. Por outro lado, como 把**bǎ** também serve como unidade de medição “punhado”, a direção de extensionalidade também vai de “segurar” objetos concretos com a mão, para objetos abstratos. Nestes casos, será uma hipérbole, gerando metáforas.

5 CONCLUSÃO

A presente dissertação propôs-se a analisar os classificadores nominais específicos chineses, com base na Semântica Cognitiva Experiencialista. Para tanto, iniciamos pela realização da distinção entre classes nominais e sistemas léxico-sintáticos de classificação nominal, proposta por Dixon (1986). Após, apresentamos as análises semânticas de Lyons (1977), Allan (1977) e Denny (1986), sobre os classificadores nominais nas línguas do mundo, seguidas da revisão da literatura lingüística chinesa sobre os classificadores.

Lyons (1977) define os classificadores como a classe de palavras que se localiza entre o numeral e o substantivo e distingue as línguas classificadoras das línguas indo-européias. Allan (1977, 2001) e Denny (1986) foram os autores que mais se debruçaram na análise das unidades internas dos classificadores nominais. Allan (1977, p. 285) define os classificadores em quatro tipos, com a seguinte característica: “[...] denota características perceptíveis ou atribuídas à entidade ao qual o nome associado se refere”. Classificou-os em oito categorias, a partir das propriedades inerentes da classe e forneceu uma lista exaustiva de características semânticas. Denny (1986) focou a sua pesquisa dos classificadores na sua função interacional e dividiu-os em três tipos de interações.

A revisão da literatura lingüística chinesa revelou, em nossa opinião, que os estudiosos, imbuídos pela tendência de sistematização, generalizaram, em critérios

suficientes e necessários, quais entidades podem se combinar com quais classificadores, justificando os desvios pela convenção social. Embora esta tendência seja compreensível, para fins didáticos, pesquisas como a de Erbaugh (1986) demonstraram que, mesmo os falantes chineses de estratos sociais de nível educacional mais elevado, não seguem uma uniformidade no emprego dos classificadores.

Por outro lado, as discussões de Lyons (1977), Allan (1977) e Denny (1976, 1986) não dão conta de explicitar como o conhecimento é organizado e quais princípios geram as estruturas de categorias, apresentados pelos autores citados acima.

Dessa forma, ao tomarmos conhecimento da Semântica Cognitiva Experiencialista, versão de Lakoff (1987), a adotamos, como arcabouço teórico, porque entendemos que os sistemas de classificação, em línguas naturais, estão relacionados aos princípios que governam os fenômenos lingüísticos, em conexão com o conjunto de experiências humanas.

No capítulo três, apresentamos as colaborações mais diretas à Semântica Cognitiva Experiencialista, apontadas pelo próprio Lakoff (1987). No plano filosófico, passamos pelas propriedades filosóficas do (segundo) Wittgenstein e pelo Realismo Interno de Putnam, do qual o Realismo Experiencialista é uma continuidade. No plano dos fundamentos cognitivistas, iniciamos pela apresentação do cerne dessa proposta, a Teoria Prototípica de Rosch e colaboradores, somada aos quatro estudos que exerceram maior influência sobre essa semântica, que são: a Gramática Cognitiva de Langacker (1986), relacionada ao desenvolvimento da idéia de Modelos Cognitivos Simbólicos; a Semântica de Frame de Fillmore (1985), que diferencia propriedades gerais dos modelos cognitivos, mas que se relaciona,

estruturalmente, com os Modelos Cognitivos Proposicionais; a Teoria dos Espaços Mentais de Fauconnier (1985), que estabelece propriedades dos modelos cognitivos em operações mentais variadas, envolvendo a enunciação lingüística; e a Teoria da Metáfora e da Metonímia, de Lakoff e Johnson (2002), que toma parte através da evidência da importância dos mecanismos imaginativos da razão, para a estruturação de domínios conceituais abstratos, a partir dos esquemas e conceitos diretamente significativos.

A Semântica Cognitiva Experiencialista, que é embasada e constituída pelos estudos apresentados, defende que o conhecimento humano é organizado por meio de estruturas chamadas Modelos Cognitivos Idealizados, ou MCIs, que geram subprodutos, como as estruturas das categorias e os efeitos prototípicos. Descrevemos o seu funcionamento, através das análises dos classificadores, realizadas por lingüistas e citadas por Lakoff (1986; 1987).

No capítulo quatro, analisamos alguns classificadores nominais chineses, com base nos moldes propostos pela Semântica Cognitiva Experiencialista. Acreditamos ter conseguido apontar que o sistema de classificadores nominais chineses é mais um exemplo de que a língua não é um aparato autônomo e que funciona em consonância com a cognição humana. Esperamos, também, que a nossa análise venha a colaborar para a visão de que o sistema conceitual humano é dependente e intimamente ligado à experiência física e cultural. Isto nega a visão clássica de que os conceitos são abstratos, distantes dessas experiências e regidos por condições de verdade.

Os detalhes da categorização podem ser únicos à língua chinesa; contudo, os princípios gerais de funcionamento são semelhantes às conclusões obtidas para o dyrbal, por Dixon (1982, apud LAKOFF, 1987), e para o japonês, por Downing (1984

apud LAKOFF, 1987). Nestes casos, também há centralidade, encadeamento, domínios experienciais, modelos idealizados, conhecimento específico, outras características, propriedades não comuns e motivação. Julgamos que essa pesquisa contribuiu para fornecer mais evidências empíricas à Semântica Cognitiva Experiencialista.

A apreensão dos classificadores, pelo que percebemos, está relacionada muito mais à experiência, à vontade do falante e não à lógica preestabelecida por sistematizações e generalizações. O caso do classificador 门 *mén*, neste sentido, é ilustrativo. Evidencia-se, na análise, tanto um sistema decorrente de uma concepção ideal de família, quanto de um princípio do domínio da experiência – PASSAGEM. Isto ocorre através de uma extensão estruturada radialmente e que sempre poderá adicionar mais um membro, através do princípio de semelhança de família.

Também concluímos que os classificadores chineses podem ser organizados em níveis de categorização e que a variabilidade será de acordo com a intencionalidade do falante, o que foi demonstrado através das análises realizadas através dos classificadores 只 *zhī* e 名 *míng*. Enfatizamos que esses são estudos preliminares e que deverão ser aprofundados no futuro.

Ao longo de nosso estudo, tivemos a necessidade de adentrar em diferentes domínios, além da Lingüística – tais como: a Filosofia, a Antropologia, a Psicologia, a Sociologia, a Lógica e etc. -, para poder compreender o processo de categorização humana, e, depois, ir em busca do “fio de Ariadne”, a fim de encontrar as fontes dos efeitos prototípicos, que regem os classificadores aqui analisados. O processo foi árduo, mas, ao final, a caminhada valeu a pena, pois concluímos o quanto a linguagem é determinada pelas pessoas, que têm corpos com mecanismos perceptuais, memória, capacidade de processamento e limitações. Estas pessoas

tentam fazer sentido ao mundo, usando recursos limitados, o que se soma ao fato de viverem em grupos sociais, regidos por normas e convenções construídas ao longo de sua história. Tudo isto indica que, talvez, a língua não atue como sistema autônomo. Sobre essa questão, a presente dissertação assume que “[...] uma teoria da linguagem deve se ajustar a uma teoria geral da cognição, do desenvolvimento humano e de interação social” (LAKOFF, 1982, apud FELTES, 1992b).

A China e a Língua Chinesa sempre exerceram uma magia na mente ocidental. No fim do século XX, finalmente o dragão adormecido se acorda, através das Políticas de Reformas e Abertura, implementadas pelo governo chinês, fazendo com que todas as atenções se voltassem para o potencial dessa gigante economia. Logo, os ocidentais se depararam com dificuldades de comunicações e iniciou-se uma larga procura pela aprendizagem da Língua Chinesa, variante mandarim, para atingir objetivos comerciais.

Foi por essa procura pelo ensino de chinês que eu comecei a lecionar. Na época, já formada em Letras, realizei um curso de aperfeiçoamento, como professora de chinês para estrangeiros. Ao iniciar a minha pesquisa para o mestrado, encontrei poucas publicações científicas brasileiras sobre a língua chinesa; portanto, neste sentido, o presente estudo visou contribuir à área científica e à área educacional brasileira.

Esperamos que o nosso estudo possa servir como contribuição aos professores de chinês, no que diz respeito ao ensino dos classificadores, junto aos aprendizes brasileiros, a partir de uma abordagem diferente dos classificadores, em relação àquelas encontradas nas gramáticas normativas.

Este estudo constitui-se, de fato, como o início da investigação das fontes dos efeitos que regem os classificadores. Existe a intenção de, futuramente, aprofundá-

lo, para uma abordagem das propriedades essenciais dos classificadores nominais chineses, em perspectiva mais ampla.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLAN, Keith. Classifiers. In: **Language**, Baltimore, v. 53, n. 2, p. 285-311, jun. 1977.

_____. **Natural language semantics**. Oxford: Blackwell Publishers, 2001.

BERLIN, Brent; KAY, Paul. **Basic color terms: their universality and evolution**. Berkeley: University of California Press, 1969.

CHAO, Yuanren. **A grammar of spoken chinese**. Beijing: Shangwu, 1968.

CHEN, Fu. Hanyu peibanxing wuliangci de youlai ji qi yingyong yuanze – jiantan duiwai Hanyu jiaoxue zhong de liangci jiaoxue. In: ENCONTRO DE ENSINO DE CHINÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA, 6., 1999, Beijing. **Anais, Resumos**. Beijing: Sinolingua, 1999. p. 148-158.

_____. Cong “mei” yu “ge” kàn Hanyu fanzhixing liangci de yanbian. **Yuwen Yanjiu**, Beijing, v. 82, n. 1, p. 33-35, 2002.

CHINA EDUCATIONAL AND RESEARCH NETWORK. Disponível em: <<http://www.edu.cn/20040924/3116812.shtml>>. Acesso em: 15 mai. 2005.

CHUBANKEXUE. Disponível em: <<http://www.cbkx.com/2005-1/index.shtml>>. Acesso em: 15 mai. 2005.

CRAIG, Coulette. **Noun Classes and Categorization**. Amsterdam: John Benjamins, 1986. p. 1-10.

CRIONLINE. Disponível em: <<http://gb.chinabroadcast.cn/3821/2004/10/13/148@326948.htm>>. Acesso em: 15 mai. 2005.

CSONLINE. Disponível em: <http://www.csonline.com.cn/changsha/lzp/t20040217_120685.htm>. Acesso em: 15 mai. 2005.

DENNY, J. P. The semantic role of noun classifiers. In: CRAIG, C. (Org.). **Noun classes and categorization**. Amsterdam: John Benjamins, 1986. p. 297-308.

DENNY, Peter. What are noun classifiers good for? In: REGIONAL MEETING OF THE CHICAGO LINGUISTIC SOCIETY, 12., 1976, Chicago. Papers... Chicago: Chicago Linguistic Society, 1976. p. 122-132.

DING, Shenshu. **Xiandai Hanyu yufa jianghua**. Beijing: Shangwu, 1979.

DIXON, R. M. W. Nominal classification. In: _____. **Where have all the adjectives gone?** – and other essays in Semantics and Syntax. Berlin: Mouton, 1982. p. 157-233.

_____. Noun classes and noun classification in typological perspective. In: CRAIG, C. (Org.). **Noun classes and categorization**. Amsterdam: John Benjamins, 1986. p. 105-112.

DOWNING, Pamela. The anaphoric use of classifiers in Japanese. In: CRAIG, C. (Org.). **Noun classes and categorization**. Amsterdam: John Benjamins, 1986. p. 345-375.

EBERHARD, Wolfram. **A dictionary of chinese symbols**. London/New York: Routledge, 1983.

ERBAUGH, Mary. Taking Stock: the development of Chinese noun classifiers historically and in young children. In: CRAIG, C. (Org.). **Noun classes and categorization**. Amsterdam: John Benjamins, 1986. p. 399-436.

FANG, Yuqing. **A practical chinese grammar**. Beijing: Beijing University, 2001.

FAUCONNIER, Gilles. **Mental spaces**. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1985.

_____. Cognitive links and domains: basic aspects of Mental Space Theory. In: SWEETSER, E. & FAUCONNIER, G. (Org.). **Spaces, words, and grammar**. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1996. p. 1-27.

FELTES, Heloísa P. M. A Semântica Cognitiva Prototípica de George Lakoff. In: **Letras de Hoje (Porto Alegre)**, Porto Alegre, v. 27, n. 3, p. 49-71, 1992a.

_____. **A teoria dos modelos cognitivos idealizados de George Lakoff: um projeto experiencialista para a semântica do conceito**. 1992. 303 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1992b.

_____. **O analista outsider: especulações sobre categorias radiais em semântica cognitiva para os classificadores nominais chineses 'KĒ', 'MÉN', 'MÍNG', 'BÁ' E 'BĒN'**. Apresentado na defesa da dissertação de Márcia Schmaltz. Porto Alegre: agosto de 2005. Fotocópia.

FILLMORE, Charles. Frames and the Semantics of Understanding. **Quaderni di Semantica**, v. 6, n.2, p.222-253, 1985.

FILLMORE, Charles. Towards a descriptive framework for spatial deixis. In: JARVELLA, Robert; KLEIN, Wolfgang (eds.). **Speech, Place and Action**. London: John Wiley, 1982.

FRAWLEY, William. **Linguistic semantics**. Hillsdale, N. J.: Erlbaum, 1992.

GIVÓN, T. Prototypes: between Plato and Wittgenstein. In: CRAIG, C. (Org.). **Noun classes and categorization**. Amsterdam: John Benjamins, 1986. p. 77-102.

HAIWAIBAO. Disponível em: <http://www.66163.com/Fujian_w/news/mzrb/031208/1_19.html>. Acesso em: 15 mai. 2005.

HE, Jiuying; HU, Shuangbao; ZHANG, Meng (Org.). **Zhongguo hanzi wenhua daguan**. Beijing: Editora da Universidade de Beijing, 2002.

HOPPER, Paul. Discourse functions of classifiers in Malay. In: CRAIG, C. (Org.). **Noun classes and categorization**. Amsterdam: John Benjamins, 1986. p. 309-325. _____; THOMPSON, Sandra. The discourse basis of lexical categories. **Language**, Baltimore, v. 60, n. 4, p. 703-752, 1984.

JIAO, Fan. **A chinese-english dictionary of measure words**. Beijing: Sinolingua, 2001.

JIN, Liangnian (Org.). **Lunyu yizhu** (Analectos de Confucio com glosa). Shanghai: Shanghai Guji, 2004.

JMNEWS. Disponível em: <<http://www.jmnews.com.cn>>. Acesso em: 15 mai. 2005.

KAY, Paulo; McDANIEL, C.K. The linguistic significance of the meanings of basic color terms". **Language**, Baltimore, v. 54, n.3, p. 610-647, 1978.

LAKOFF, George. Classifiers as a reflection of mind. In: CRAIG, C. (Org.). **Noun classes and categorization**. Amsterdam: John Benjamins, 1986. p. 12-51.

_____. **Women, fire, and dangerous things**. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metáforas da vida cotidiana**. [1. ed. 1980]. Tradução de Zanotto et al. São Paulo: Mercado das Letras, 2002.

LANGACKER, Ronald. **Concept, image, and symbol: the cognitive basis of grammar**. [1. ed. 1986]. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2002.

LEE, David. **Cognitive linguistics: an introduction**. Oxford: Oxford University Press, 2001.

LI, Wendan. The pragmatic function of numeral-classifiers in Mandarin Chinese. **Journal of Pragmatics: an interdisciplinary journal of language studies**, Amsterdam, n. 32, p. 1113-1133, 2000.

LICITY VISTA. Disponível em: <<http://www.lcqz.com/keji/kjxx/text/39.htm>>. Acesso em: 15 mai. 2005.

LIU, Shiru. Lun Wei Jin NanBei Chao de liangci. **Zhongguo Yuwen**, Beijing, p. 528-535, nov. 1959.

LOKE, Kit-ken. Norms and realities of mandarin shape classifiers. **Journal of the Chinese Language Teachers Association**, Hawaii, v. 31, n. 2, p. 1-22, 1996.

- LÜ, Shuxiang. **Lü Shuxiang wenji**. [1. ed. 1941]. Beijing: Shangwu, 1993.
- _____. **Xiandai Hanyu Babai ci**. Beijing: Shangwu, 1965.
- LYONS, John. **Semantics**. Cambridge: Cambridge University Press, 1977.
- _____. **Linguistic Semantics: an introduction**. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.
- MA, Jianzhong. **Mashi Wentong**. [1. ed. 1898]. Beijing: Shangwu, 1982.
- MINUCHIN, Salvador; FISCHMAN, Charles. **Técnicas de Terapia Familiar**. Porto Alegre: Artmed, 1990.
- NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de usos do Português**. São Paulo: UNESP, 2000.
- OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. **Reviravolta lingüístico-pragmática na filosofia contemporânea**. São Paulo: Loyola, 1996.
- PACKARD, J. **The morphology of Chinese: a linguistic and cognitive approach**. Beijing: Waiyu jiaoxue yu yanjiu, 2001.
- PUTNAM, Hilary. **Reason, Truth, and History**. Cambridge: Cambridge University Press, 1981.
- REDDY, Michael. A metáfora do conduto: um caso de conflito de enquadramento na nossa linguagem sobre a linguagem. Tradução de Holsbach, Gonçalves, Migliavaca e Garcez. In: GARCEZ, Pedro (Org.). **Cadernos de Tradução**. [1. ed. 1979]. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul/Instituto de Letras, 2000.
- ROSCH, Eleanor. Cognitive representations of semantic categories. **Journal of Experimental Psychology, General**, v. 104, n. 3, p. 192-233, 1975a.
- _____. Cognitive reference points. **Cognitive Psychology**, Orlando, v. 7, n. 4, p. 532-547, 1975b.
- _____. Human Categorization. In: WARREN, N. (ed.). **Studies in Cross-Cultural Psychology**. London: Academic, 1977.
- _____. On the internal structure of perceptual and semantic categories. In: MOORE, T. E. (Org.). **Cognitive development and the acquisition of language**. New York: Academic Press, 1973. p. 111-144.
- _____. Principles of categorization. In: ROSCH, E. & LLOYD, B. (Org.). **Cognition and categorization**. Hillsdale, N. J: Erlbaum, 1978. p. 27-48.
- ROSCH E. et al. Basic objects in natural categories. **Cognitive Psychology**, Orlando, v. 8, p. 382-439, 1976.

ROSCH E. & MERVIS, C. B. Family resemblance: studies in the internal structures of categories. **Cognitive Psychology**, Orlando, v. 7, n. 4, p. 573-605, 1975.

SDXM. Disponível em: <<http://www.sdxm.gov.cn/nodepages/CE00AD003D.htm>>. Acesso em: 15 mai. 2005.

SHAO, Jingming. Liangci de yuyi fenxi yu qi mingci de shuangxiang xuanze. **Zhongguo Yuwen**, Beijing, v. 3, n. 234, p. 181-188, 1993.

TAI, J. & CHAO, F. A semantic study of the classifier *zhang*. **Journal of the Chinese Language Teachers Association**, Hawaii, v. 29, n. 3, p. 67-78, 1994.

TAI, J. & WANG, L. A semantic study of the classifier *tiao*. **Journal of the Chinese Language Teachers Association**, Hawaii, v. 25, n. 1, p. 35-56, 1990.

TAIPINGYANG QICHEWANG. Disponível em: <<http://www.pcauto.com.cn/qcyp/jingpin/0412/177268.html>>. Acesso em: 15 mai. 2005.

TIANWAIWANG. Disponível em: <<http://www.out-sky.com/jsqb10.htm>>. Acesso em: 15 mai. 2005.

TVERSKY, B.; HEMENWAY, K. Categories of environmental scenes. **Cognitive Psychology**, v. 15, p. 121-149, 1983.

_____. Objects, parts, and categories. **Journal of Experimental Psychology: General**, v. 113, n. 2, p. 169-193, 1984.

WANG, Li. **Wang Li Wenji**. [1. ed. 1955]. Beijing: Shangwu, 1985.

WANG, Shaoxin. Liangci “ge” zai Tangdai qianhou de fazhan. **Yuyan Jiaoxue yu Yanjiu**, Beijing, v. 2, p. 98-119, 1989.

WIKIPEDIA. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Porta>>. Acesso em: 10 jun. 2005.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Philosophical Investigations**. New York: Macmillan, 1953.

XIE, Guanghui (Org.). **The composition of common Chinese characters: an illustrated account**. Beijing: Beijing University Press, 1997.

XINHUAGUOJI. Disponível em: <http://www.news.xinhuanet.com/world/2005-01/29/content_2767861.htm>. Acesso em: 15 mai. 2005.

XINWEN Wanbao - Shanghai Evening Post, Shanghai, p. 5A, 26 mai. 2004.

XU, Shen e DUAN, Yucai. **Shuowen Jiezi**. [1. ed. 1755]. Shanghai: Shanghai Guji, 1981.

YU, Zhishi. Proporção das dimensões extensionais: as bases primárias cognitivas para classificadores de formas em chinês. **Journal of the Chinese Language Teachers Association**, Hawaii, v. 31, n. 3, p. 37-59, 1996.

ZHANG, Meixia. **Chinese caracteres: words and culture**. Beijing: Beijing Language and Culture University, 2000.

ZHANG, Xiangqun. Liangci de chaochang yongfa. **Shaanxi Shida Xuebao**, Xi'an, v. 21, n. 4, p. 123-126, 1992.

ZHONGGUANGWANG-QINGHAI. Disponível em:
<http://qh.cnr.cn/msfq/qhms/t20031105_141497.html>. Acesso em: 15 mai. 2005.

ZHONGGUO WANGYOUBAO. Disponível em:
<<http://wy.cnii.com.cn/20020201/ca28430.htm>>. Acesso em: 15 mai. 2005.

ZHU, Dexi. **Yufa jiangyi**. [1. ed. 1982]. Beijing: Shangwu, 1997.